

CELSO LUIZ MOLETTA JUNIOR

**FUTEBOL E FORMAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO NO CONTEXTO DA
FUNDAÇÃO DO CORITIBA FOOTBALL CLUB (CURITIBA, 1900-1915)**

CURITIBA

2009

CELSO LUIZ MOLETTA JUNIOR

**FUTEBOL E FORMAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO NO CONTEXTO DA
FUNDAÇÃO DO CORITIBA FOOTBALL CLUB (CURITIBA, 1900-1915)**

**Dissertação apresentada como requisito
parcial à obtenção do grau de Mestre
em História, Curso de Pós-Graduação
em História, Setor de Ciências
Humanas, Universidade Federal do
Paraná.**

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Ribeiro

CURITIBA

2009

BANCA EXAMINADORA

Dr. André Mendes Capraro

Dr. Victor Andrade de Mele

Dr. Luiz Carlos Ribeiro (Orientador)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a DEUS, o que veio por ELE, a ELE são todas as coisas. Obrigado Senhor por me possibilitar chegar até aqui.

Ao professor Luiz Carlos Ribeiro, primeiramente por acreditar no que este trabalho poderia dar certo, quando ainda em meados de 2006 conversávamos sobre a possibilidade de iniciá-lo. Também pelo comprometimento, dedicação e paciência nas orientações, pois sem dúvidas elas foram essenciais na construção deste texto.

A minha família, Pai, Mãe e Rhenio. Vocês são muitos importantes na minha vida. A minha esposa Paula, sua paciência, colaboração, dedicação e acima de tudo seu AMOR ajudaram com que este trabalho desse certo.

Aos irmãos não sanguíneos, aqueles que a gente encontra por ai no mundo e começam a fazer parte da nossa família: André, Miguel, José Carlos (Zé), Orlando, Giovani, Diogo, Thiago, Emerson...

A todos que diretamente ou indiretamente colaboraram com este trabalho...

SUMÁRIO

BANCA EXAMINADORA	iii
AGRADECIMENTOS	iv
DEDICATORIA	v
INTRODUÇÃO – Considerações Teóricas, Metodológicas e Historiográficas.....	1
Futebol como esporte civilizado	6
Proposta teórica-metodológica.....	12
Análise e Tipologia das Fontes	16
A CIDADE DE CURITIBA:ambientando-se no período !.....	23
Curitiba, uma cidade em mudanças	26
Divertimento e Lazer na Cidade	33
O Futebol na Cidade	38
O FUTEBOL NA CIDADE E A FUNDAÇÃO DO CORITIBA FOOT BALL CLUB.....	45
O Foot Ball na Cidade	45
Surge o Coritybano Football Club	53
Quem eram essas pessoas.....	61
A Estruturação do Clube	65
1911 a 1914 – Dificuldades,a falta de confrontos e o surgimento de novos clubes, a organização da Liga Sportiva Paranaense	89
O SEMI-PROFISSIONALISMO NO FUTEBOL DE CURITIBA – 1916, O CORITIBA FOOTB BALL CLUB CAMPEÃO	100
Profissionalismo Marrom no Brasil	106
Finalmente Campeão	116
CONCLUSÃO	118
REFERÊNCIAS.....	122
ANEXO 1.....	127
ANEXO 2.....	128

INTRODUÇÃO

Considerações Teóricas, Metodológicas e Historiográficas

O presente trabalho busca abordar a fundação do Coritiba Foot Ball Club e a sua relação com as transformações do espaço público coritibano no início do século XX. A escolha desta temática se deu por dois motivos: pela proximidade afetiva do pesquisador com o objeto; e pelo futebol como objeto de pesquisa que, de maneira gradativa, passa a ser reconhecido dentro do par futebol/sociedade.

A historiografia brasileira a respeito do futebol ainda não é considerada tão importante quanto as temáticas mais clássicas. Entretanto, se há alguns anos atrás poderíamos afirmar que o futebol era um assunto exótico nesse campo, hoje o cenário já apresenta um grande avanço. Juntamente com sociólogos, antropólogos, entre outros pesquisadores, os historiadores passaram a valorizar e a se interessar por tópicos que, até então, eram considerados periféricos ao paradigma tradicional da política e da economia.

Para Elias (1997), um dos primeiros estudiosos a dar maior atenção ao esporte, este ainda é considerado algo que se encontra à margem dos temas ditos importantes (como trabalho, política e economia) nas reflexões acadêmicas. Entretanto, o autor ressalta que, apesar do desprezo, o esporte demonstra com muita clareza que constitui um campo de considerável significado social.

Apesar da abertura que o assunto tem conseguido no meio acadêmico, Franco Jr. (2007) argumenta sobre as dificuldades encontradas, bem como sobre a legitimidade da temática futebol:

De um lado, sem dúvida há preconceito de muitos intelectuais em relação a tal objeto de estudo, pretensamente menor. Se resolvi enfrentar esse preconceito, é porque me parece que todo tema de pesquisa é legítimo; o que pode ser menor é a maneira de tratá-lo. Um mau estudo não fica melhor porque é, digamos, de filosofia ou de física. Mas também existem, de outro lado, dificuldades que vêm exatamente da importância do futebol na sociedade brasileira. [...] Somos todos tão inundados cotidianamente por informações sobre futebol na televisão, na internet, nas rádios, nas revistas, nos jornais que ficamos enredados em discussões sobre detalhes de uma partida, e não sobre o significado do jogo. A emoção que ele desperta também não facilita a reflexão, como mostram certos programas de debate no rádio e na TV (Franco Jr, 2007).

Assim, a história do clube é o fio condutor deste texto que, por consequência, contempla a contextualização da cidade de Curitiba no início do século XX, uma vez

que, entre as mudanças que ocorriam na cidade, era grande a “chegada” de esportes europeus, como o futebol. Nesse sentido, o Coritiba foi um clube organizado exclusivamente para prática deste esporte.

A fundação do Coritiba, conforme algumas versões memorialistas, é datada de 12 de outubro de 1909. Neste dia, os sócios do clube Teuto-Brasileiro de Curitiba, que praticavam futebol, foram convidados pelos sócios do Clube de Tiro Pontagrossense a realizar uma partida amistosa, na cidade de Ponta Grossa. Ao retornarem a Curitiba, os jogadores do Teuto-Brasileiro resolveram organizar um clube específico para a prática do futebol: o Coritiba Foot Ball Club (Cardoso, 1978). Outra vertente a respeito da fundação do Coritiba (Machado; Chrestenzen, 2005:11), coloca Fritz Essenfelder como fundador do Coritiba Foot Ball Club. Para esta versão, Essenfelder que acabara de se mudar para Curitiba, a fim de instalar a fábrica de pianos da família, trouxe consigo uma bola de futebol, esporte que praticava na sua antiga cidade, Pelotas. Em Curitiba, apresentou a bola e ensinou os primeiros fundamentos do jogo a alguns jovens, que, então, resolveram fundar um clube de futebol.

Tendo como ponto de referência para a pesquisa as versões supracitadas, a pergunta-problema que procuramos responder no decorrer deste trabalho é: como a fundação do clube participa do processo de formação da sociedade curitibana, nos quadros da modernização republicana do final do XIX e início do século XX?

O ponto inicial do estudo são os momentos que precedem a fundação do Coritiba (1909), a partir de 1900, estendendo o período de análise ao ano de 1915 – quando foi disputado o primeiro campeonato oficial de futebol na cidade. O recorte temporal foi assim estabelecido para que se pudesse pensar os acontecimentos anteriores a 1909, os quais, por algum motivo, estão relacionados à fundação do clube. Desse modo, percorremos o processo de estabelecimento e estruturação do clube no espaço social curitibano, até o ano do primeiro campeonato estadual, pois entendemos que, a partir daí, o Coritiba (e o futebol como um todo) já estava consolidado na cidade.

A opção para que o marco inicial fosse a fundação do Coritiba se enquadra na proposta de periodização da história regional do futebol paranaense, proposta por Ribeiro (1998). Esta é baseada na fundação dos clubes de futebol e entende que

estes são instituídos, em sua maioria, pelas sociedades imigrantes empresas, em especial as Companhias Ferroviárias. Para o autor, é importante fundamentar na formação dos clubes na relação com a formação do espaço público, pois

O clube de futebol – junto a outras formas de organização/ocupação do espaço social – revela um duplo movimento de configuração da sociedade paranaense: ao mesmo tempo que o clube se constitui em elemento de integração do imigrante na sociedade local, o imigrante, por sua presença populacional grandiosa, em termos da Curitiba do período, dá à sociedade uma configuração sócio-cultural de novo tipo. A imigração, a partir da instituição de clubes e torcidas de futebol, definiu novos espaços e comportamentos culturais (Ribeiro, 1998).

Concordamos com Ribeiro a respeito dos clubes esportivos desenvolverem novos ambientes de sociabilidade na cidade, formando comportamentos e influenciando culturas. Assim, acreditamos, também, que compreender o futebol em Curitiba, mais precisamente a partir da fundação do Curitiba Foot Ball Club, é um ponto de referência para a contextualização da sociedade curitibana daquele momento.

Esta iniciativa de observar o contexto social a partir do futebol não é inédita, ao passo que também não é esgotada. Como exemplos desse tipo de pesquisa, podem-se mencionar a dissertação de Mestrado defendida por Negreiros (1992), que trata da formação do Sport Club Corinthians Paulista; a dissertação de Capraro (2000), a respeito do ambiente social e esportivo paranaense no início do século XX; o trabalho de Pereira (2000), sobre a história social do futebol carioca; e o trabalho de Araújo (2000), a respeito da fundação do Palestra Itália no contexto esportivo paulistano.

Pereira (2000), um dos autores que desenvolveu sua tese utilizando-se da relação futebol e sociedade, afirma que essas pesquisas sobre o esporte permitem uma compreensão mais ampla da sociedade envolvida. Para o autor, não se trata apenas de estudar especificamente as ações pertinentes ao futebol, mas compreender os acontecimentos do período analisado utilizando o esporte como elemento de análise. Em seu trabalho, aborda o que denomina de “a história social do futebol” na cidade do Rio de Janeiro, no período entre 1902 e 1938. Assim, o referido estudo se inicia com os primeiros indícios do futebol, estendendo-se até os seus momentos de “profissionalização”. Dessa forma, o estudo trata, inicialmente, do futebol como uma prática “elitizada”, em um processo segmentado e exclusivo das

elites, que, aos poucos, abriu-se para os até então excluídos, tornando-se um esporte “nacional” e popular. O ponto central da discussão do autor está, justamente, na aproximação do contexto social do período ao desenvolvimento do futebol. Desse modo, o pesquisador em questão procura entender como o esporte se desenvolvia naquela sociedade, que trazia situações específicas, e não como algo alheio ao período.

Outro trabalho bastante consistente, retratando o cenário social paulista do futebol, é o de Araújo (2000). Em sua pesquisa, o autor trabalha com a formação do Palestra Itália¹, clube organizado pela colônia italiana, na cidade de São Paulo, no início do século XX. Utilizando notas de jornais do período como principais fontes, Araújo desenvolve a tese de que o Palestra Itália fundava-se como “grande” representante esportivo da colônia imigrante italiana, a qual, até então, possuía vários representantes, o que diversificava as preferências dos colonos. Desse modo, o novo clube representava a “italianidade” na cidade e, ao mesmo tempo, participava da estruturação do futebol paulistano.

Também no início do século XX, no contexto da cidade de Curitiba, Capraro (2000) realizou um estudo abrangendo os primórdios do futebol paranaense, com ênfase na participação de dois clubes: o Internacional Football Club e o América Football Club. Por meio de periódicos e fotografias da época, o autor busca, ao longo do seu texto, mostrar como o futebol, em especial os clubes do América e Internacional, fez parte do ambiente social de Curitiba no período analisado. As especificidades deste trabalho serão apresentadas mais adiante.

Em termos internacionais, e nesta mesma linha de pensamento das relações sócio-culturais do futebol, Richard Giulianotti (2002) defende a ideia de que esse esporte é uma das grandes instituições culturais do mundo contemporâneo. Para Giulianotti, o futebol está no mesmo patamar de valor que a educação e os meios de comunicação de massa, como elementos de formação e consolidação da identificação nacional no mundo inteiro. Para ele, na medida em que a sociedade, ao longo do século XX, vai se tornando mais complexa, o futebol se transforma em um de seus equipamentos mais importantes.

¹ Atualmente o clube chama-se Sociedade Esportiva Palmeiras.

Socialmente, ocorrem maiores níveis de interação entre jogadores, torcedores, dirigentes e outros atores em todas as nações. Além disso, como o futebol tornou-se global, o número de atores sociais e sua frequência de interação multiplicaram-se. Velhos limites entre o local, o regional, o nacional e o global são correntemente penetrados ou derrubados. Além disso, a complexidade cultural crescente ou o caráter híbrido do futebol reflete essa globalização. Diferenças entre tempo e espaço são cada vez menores. A tecnologia permite que as informações sobre o futebol sejam de caráter mais global do que nacional (Giulianotti 2002:43).

Embora se trate de um fenômeno universal, como destacado por Giulianotti, no Brasil, a representatividade alcançada pelo futebol e seus desdobramentos, dentro e fora de campo, tornou-o reconhecido internacionalmente como uma manifestação cultural que expõe, junto ao samba e à capoeira, o jeito, as formas e as características da nação. Assim, Daolio (2005:5), baseado na concepção freyriana nacional, afirma que: “estudar o futebol implica necessariamente estudar o povo brasileiro, porque a história de um se confunde e se entrelaça com a história do outro, ao longo de todo o século XX e até os dias de hoje”. Ainda na perspectiva de mostrar a forte interdependência futebol-Brasil, Helal (1997:25) destaca que “[...] o futebol no Brasil pode ser visto como um poderoso instrumento de integração social. Através do futebol, a sociedade brasileira experimenta um sentido singular de totalidade e unidade, revestindo-se de uma universalidade capaz de mobilizar e gerar paixões em milhões de pessoas”.

Essa relação entre identidade nacional e futebol necessita, entretanto, de reflexões um pouco mais amplas. É evidente que tal esporte, não só no Brasil, mas em todo mundo, participou (e ainda participa) do processo de construção das identidades sejam regionais ou nacionais. Todavia, é preciso cuidado com a generalização nestas afirmativas, pois, estabelecer que o futebol explica a realidade social pode ser um reducionismo cometido por alguns pesquisadores. Quando o fazem, negligenciam as práticas sociais dos sujeitos, desconsiderando a relação indivíduo/sociedade, já que, muitas vezes, o “fundar” e o “representar” uma nação acaba por ter uma conexão direta com a prática social dos indivíduos. Entretanto, é impossível falar em nação/região (no caso de nosso estudo a cidade de Curitiba) sem pensar nos indivíduos que a constituem. Isto é, ainda que esses sujeitos não estejam conscientes, ou mesmo que não desejem, eles produzem, ao longo do tempo, o que chamamos de identidade nacional.

A fim de esclarecermos as questões levantadas em nossa problemática, trabalharemos com duas hipóteses iniciais. A primeira delas é a de que, em sua construção material e cultural, o Coritiba Foot Ball Club, enquanto representação sócio-cultural, fez parte do processo de re-ordenamento e transformação modernizadores da primeira república instituída na cidade.

A outra hipótese levantada é a de que o futebol não era visto com bons olhos pelos frequentadores do clube *Teuto-Brasileiro*. Por se tratar de uma prática “nova”, carregada de virilidade e violência não costumeiras, o clube *Teuto*, que se dedicava apenas a atividades ginásticas demonstrativas, não aceitou a novidade. Assim, além de se tratar de um esporte competitivo, o futebol não agradava à maioria dos associados. Ao mesmo tempo, entretanto, supomos que, em um primeiro momento, os praticantes do futebol no clube eram todos associados ao *Teuto-Brasileiro*. Como o grupo que praticava futebol no Teuto era restrito, havia a necessidade de abertura para praticantes que não fossem alemães ou seus descendentes. Dessa forma, tais indivíduos não poderiam participar do quadro associativo da entidade, pois, em se tratando de um clube étnico (colônia alemã de Curitiba), havia rigidez quanto ao ingresso de associados.

O futebol como esporte civilizado

O surgimento do futebol moderno, bem como o de alguns outros esportes, nos remete à Inglaterra dos séculos XVIII e XIX. Em um contexto social e político muito específico daquele país, as antigas práticas da população passaram por um processo de organização, constituindo um campo relativamente autônomo, com uma lógica própria, um calendário de eventos e um corpo de técnicos especializados; suscitando, gradativamente, um mercado de consumo com sentido completamente diferente das práticas físicas realizadas, até aquele momento.

Elias e Dunnig (1997), sociólogos que abordaram questões envoltas na gênese do esporte moderno, acreditam que este fez parte de um processo civilizacional de controle e autocontrole social. Segundo eles, os antigos passatempos passaram por um refinamento das ações, que implicou a diminuição da

violência e o aumento do autocontrole dos participantes, em um processo de longa duração, até chegar àquilo que chamamos, hoje, de esporte moderno.

Muitos tipos de desportos que hoje são praticados, de maneira mais ou menos idêntica, por todo o mundo tiveram origem em Inglaterra. Daqui propagaram-se para outros países, principalmente, na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. [...] A transformação dos poliformos jogos populares ingleses em futebol ou soccer assume o caráter de um desenvolvimento bastante vincado no sentido de maior regulamentação e uniformidade (Elias, 1985:189).

Para que todo esse processo de esportivização do futebol moderno ocorresse, dois pontos foram de vital importância: 1) a marginalização do antigo futebol popular e 2) o desenvolvimento de novas formas de futebol nas escolas e universidades públicas inglesas. Essas práticas populares se referiam a jogos de tradições medievais com alto grau de violência, pois não possuíam regras específicas, nem uma organização própria. Devido a esse considerável nível de brutalidade, tais práticas foram, cada vez mais, desprezadas, tanto pelo governo quanto pela população. De acordo com Dunning (2003:103), “[...] na Grã Bretanha, os dados oficiais sobre a existência destes jogos chamados futebol começaram a acumular-se no século XIV, onde entre 1314 e 1660 as autoridades locais e centrais proibiram o futebol e outros jogos populares em numerosas ocasiões”. Concomitante a isso, nas escolas e universidades públicas, iniciava-se o despertar para a organização dos passatempos.

Durante as décadas de 1830 e 1840, momento em que a marginalização do futebol popular começa a alcançar seu ápice, nas escolas públicas começava-se a dar um outro significado a esse jogo, mas adequado às condições e valores da sociedade emergente e de uma sociedade urbanizada e industrial onde estavam ocorrendo ao mesmo tempo a formação do Estado e um processo civilizador. Neste processo foi vital que: as regras fossem escritas, que haveria um limite e demarcação escritas das áreas de jogo, da redução do número de jogadores, na igualdade no número de jogadores e a imposição de regras escritas sobre o tipo de força física que era permitido usar (Dunning, 2003:113).

A partir daí, ainda em fase embrionária no quesito organização e unificação, o futebol se estendia por toda a Grã-Bretanha, bem como ao restante da Europa. Pode-se dizer que a fundação da *Football Association*, em 1863 – o órgão que regulamentaria e codificaria as regras do esporte –, foi um ponto importante no processo de difusão deste. E, nesse sentido, cabe destacar a introdução de um

torneio chamado Copa da F.A.², no ano de 1871, o qual também representou fundamental importância no processo em questão, uma vez que instituiu e formalizou as competições. Além disso, a difusão desse processo aconteceu não apenas em níveis geográficos, mas também nas várias camadas populacionais. Fenômeno este muito influenciado pelos ex-alunos das escolas e universidades, que formavam os primeiros clubes exclusivos para a prática do futebol.

A partir da disseminação europeia – quando o futebol se tornou popular no continente em pouco tempo, devido a alguns fatores de influência, em especial a expansão do capital internacional –, o esporte se expandiu mundialmente, chegando, inclusive, ao Brasil.

A chegada do futebol em território brasileiro se deu no final do século XIX. Nesse momento, o país passava por mudanças político-econômicas, como a proclamação da República, a abolição da escravidão e a abertura do mercado ao capital estrangeiro. Foi neste cenário de significativas transformações que a presença de estrangeiros se intensificou no país e, justamente, com eles o futebol chegou ao Brasil.

Para Pereira,

Esse processo se deu por duas vias principais: a sua expansão junto com o capital e a tecnologia britânica, presentes de forma intensa no continente – que se concretizava na presença de trabalhadores especializados ingleses nesses países e na grande influência que a cultura britânica passava a ter sobre eles, e a experiência que jovens estudantes de famílias abastadas teriam com o jogo nos países europeus no quais iam estudar (Pereira, 2000:26).

Compactuamos, então, com a ideia de a introdução do futebol no Brasil ser fruto de um processo cujo principal responsável é o estrangeiro, de forma global. Trata-se de trabalhadores de empresas do exterior, banqueiros, marinheiros, ferroviários, estudantes, isto é, todo tipo de imigrante, das mais variadas classes sociais que desembarcavam em terra brasileira e já tiveram o contato com o futebol na Europa, anteriormente.

Para alguns autores – como Hamilton (2001), Pereira (2000), entre outros –, determinados jovens seriam, na verdade, os responsáveis pela introdução do futebol no Brasil, como Oscar Cox no Rio de Janeiro e Charles Muller, em São Paulo.

² *Football Association.*

Entretanto, não compactuamos com tal posição, pois acreditamos ser impossível creditar uma pessoa específica pela introdução do futebol, que já era um esporte popular na Europa. Entre todos os estrangeiros que fizeram parte do processo, alguns ganharam uma maior notoriedade, pois estiveram presentes na organização e na fundação de clubes. São os casos, como supracitado, de Charles Muller, em São Paulo, e Oscar Cox, no Rio de Janeiro, entre outros.

Charles Müller era filho de ingleses e foi à Inglaterra cursar a *High School*, onde teve contato com o futebol, atuando como jogador e dirigente. Ao retornar ao Brasil, esteve envolvido na organização de alguns clubes futebolísticos, em São Paulo. Oscar Cox, por sua vez, retornava do período de estudos na Suíça e sua participação foi na organização de clubes no Rio de Janeiro. Já no estado do Paraná, quem se destacou nesse sentido foi o inglês Charles Wright. Funcionário da empresa ferroviária, Wright teria sido o organizador do futebol na cidade de Ponta Grossa, onde trabalhava na expansão da linha férrea.

A exaltação desses “pais fundadores” do futebol no Brasil se dá pelo fato de alguns estrangeiros se tornarem mais conhecidos, devido à sua presença na fundação/organização de clubes que obtiveram êxito, bem como à perpetuação da memória de seus respectivos fundadores/organizadores. Entretanto, tais “expoentes” devem ser citados não como os “criadores” do futebol brasileiro, mas como agentes – entre outros importantes – que lideraram a fundação e a organização de clubes.

A consolidação do futebol em território brasileiro se verificou de forma progressiva. No Rio de Janeiro, aconteceu, principalmente, sob o apoio na estrutura esportiva dos clubes cariocas de remo, ao passo que, em São Paulo, se deu sob o alicerce dos clubes sociais, em especial, de imigrantes. Aos poucos, foram criados os primeiros ambientes próprios para a prática do futebol, juntamente com uma organização, ainda que inicial, da prática, seja na inserção do futebol no rol de atividades dos clubes, ou na criação de clubes específicos para a modalidade. O fato é que o futebol se consolidou, no Brasil, na primeira década do século XX.

De acordo com Pereira, esse processo de afirmação do futebol foi marcado pela elitização deste. Segundo o autor, “[...] o futebol convertera-se em pouco tempo em um promissor atrativo nos círculos refinados do Rio de Janeiro” (PEREIRA, 2000:35). Da mesma maneira, Araújo (2000:61) defende que o futebol seguia, em

São Paulo, a tendência das demais modalidades esportivas: a elitização. Assim, os clubes em que se praticava o futebol, tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, eram marcados pela presença de membros da alta sociedade.

Na contramão dessa linha de pensamento, Ribeiro (2005) questiona a fixação da ideia de que o futebol, em seus passos iniciais no Brasil, direcionava-se, exclusivamente, à elite. Para o pesquisador, a visão de que o estudante que vinha do exterior e trazia consigo os apetrechos necessários, introduzindo o futebol no país, foi um estereótipo criado ao longo da produção da historiografia acerca do esporte. Isso ocorreu, porque as fontes disponíveis para o desenvolvimento do estudo reforçam a ideologia elitista, pois, na maioria das vezes, essa documentação era produzida no interior dos clubes já estruturados, excluindo, assim, as parcelas mais pobres e não letradas da população. Estas não apresentavam condições, tampouco oportunidades, de produção de fontes, as quais, por sua vez, poderiam se referir a um futebol mais popular.

É reconhecido que a introdução no futebol no Brasil é resultado de um processo complexo de toda a sociedade, principalmente com a imigração. Se a imigração – como nos ensina a vasta historiografia sobre o assunto –, necessariamente deveria ser um movimento de massa de homens livres e pobres, para que respondessem a lógica do capital em nossas terras; se o futebol já era apontado uma prática bastante difundida entre os trabalhadores na Europa, principalmente na Inglaterra, Espanha e na Itália, por que no Brasil ele deveria ser uma prática exclusiva das elites? (RIBEIRO, 2005:6).

Dessa forma, concordamos com Ribeiro (1998) ao dizer que o futebol era uma prática disseminada em camadas sociais diversificadas, porém, os clubes, por razões claras – recursos financeiros – referem-se a instituições elitistas. Assim, automaticamente, caminhamos em um sentido distinto às ideias de Pereira e Araújo, para quem o futebol, de forma geral, pertencia às elites. Entendemos que tal esporte, no início do século XX, não se restringia aos clubes nem aos estádios oficiais, sendo também praticado em outros meios, o que poderíamos denominar de “várzea”, mas, pelos motivos explicados anteriormente, existe a dificuldade de documentar e historiar este outro futebol.

A organização dos primeiros clubes de futebol se deu por todo o país e, em quase todos eles, aconteceu de forma semelhante. Em São Paulo, como já exposto acima, os primeiros times de futebol se estruturaram, *a priori*, nos clubes sociais,

elitistas, já existentes. Houve também o caso da estruturação de clubes específicos para imigrantes, como o caso do Palestra Itália³,

O Palestra Itália foi fundado em 26 de agosto de 1914, após a publicação de uma carta, em 14 de agosto, seguida de uma convocação no dia 19, no *Funfulla* (jornal de maior circulação em São Paulo na década de 1920, em língua italiana, dirigido aos imigrantes italianos). Todos os imigrantes da cidade de São Paulo interessados na fundação de um quadro italiano de futebol foram convocados a participar de um evento no qual decidiram sua fundação, definiram seu nome e marcariam a data de sua oficialização. [...] Seu objetivo era estruturar um time de futebol representativo da comunidade italiana fixada na cidade, justamente quando esta começava a se organizar no incipiente meio esportivo brasileiro, reunindo simpatizantes e jogadores de origem italiana espalhados pelos inúmeros clubes e times do futebol de São Paulo.

De maneira gradativa, em São Paulo, devido a uma aculturação⁴ cada vez maior do futebol, estabeleceram-se os primeiros clubes mais populares. É válido lembrar que as camadas mais simples já conheciam e praticavam o futebol, contudo demoraram mais para organizar os primeiros clubes em virtude da falta de condições para tal. Um dos clubes populares surgidos foi o Sport Club Corinthians Paulista, fundado por jovens de camadas mais humildes da população (Negreiros, 1992:07). No Rio de Janeiro, igualmente, os primeiros clubes foram aqueles voltados às altas camadas sociais como o Fluminense e o Rio F.C., os quais, além do futebol, geralmente praticavam outros esportes como o *cricket*. Entretanto, mesmo preservando um perfil social refinado, tais clubes não conseguiam manter o monopólio do futebol. Em alguns momentos, já era possível observar a organização de clubes de fábricas, de operários e de indivíduos menos favorecidos socialmente, como o caso do Bangu (Pereira, 2000).

Nos estados do sul, não se fugiu à regra. No Rio Grande do Sul, por exemplo, o S.C. Rio Grande foi o primeiro clube de futebol, fundado em 1900 pelos comerciantes alemães bem-sucedidos da cidade; o Grêmio de Foot Ball Portogalense foi instituído mais tarde, no ano de 1903, por jovens de origem germânica de classe média e alta; o Internacional, fundado em 1910, por sua vez, caracterizava-se como um clube de jovens de menor prestígio social na cidade (Jesus, 2001).

³ Atualmente o clube chama-se Sociedade Esportiva Palmeiras, a mudança de nome aconteceu devido a imposições políticas durante a Segunda Guerra Mundial.

⁴ Trata-se de aculturação, quando uma cultura (no caso a do futebol) é absorvida pela outra passando a ter aspectos da antiga e da nova cultura.

Foot-Ball

Há dias, noticiamos que um grupo de jovens, empregados do comércio, e residentes no 2º distrito, havia fundado uma sociedade para o cultivo do foot-ball. A novel agremiação, que conta já com regular números de sócios denomina-se Sport Club Internacional. [...] Ao Sport Club Internacional almejamos vida longa e de perennes felicidades. (Correio do Povo, 1909)

No Paraná, os primeiros clubes de futebol também pertenceram às elites ou a imigrantes locais. Dentre os primeiros clubes locais, o América e o Internacional eram frequentados por famílias social e politicamente bem estabelecidas, ao passo que o Coritiba pertencia à colônia imigrante (Capraro, 2002).

Proposta teórico-metodológica

Na busca por um referencial teórico-metodológico para o estudo social do futebol, levando-se em consideração os fatores até aqui apresentados, optamos por utilizar a teoria configuracional e do processo civilizador de Norbert Elias. A escolha da teoria eliseana se deu por dois motivos principais: o primeiro é o fato de Elias, junto a Eric Dunning, ter se dedicado a refletir teoricamente a questão do esporte; e o segundo é por acreditarmos que os conceitos de *processo e configuração/interdependência* permitem entender quais eram as relações entre o clube e a cidade, no contexto das mudanças sócio-culturais vividas por esta. Assim, concordamos com Ribeiro ao afirmar que:

[...] a busca de referências teóricas e metodológicas para o estudo da 'história do futebol' tem necessariamente que passar pela experiência vivida no campo da sociologia e, especificamente, no da 'sociologia do esporte'. Nesse sentido, a obra de Norbert Elias sobre o processo civilizador e suas análises produzidas sobre o esporte, em parceria com Eric Dunning, nos parece um bom ponto de partida (Ribeiro, 1998:123)

A teoria do *processo civilizador*, de Norbert Elias, demonstra como se desenvolvem, no decorrer dos anos, os modelos sociais de conduta, do autocontrole e do monopólio da violência. Esse *processo* de longa duração ocorre de forma lenta e de difícil visualização, pois, em seu decorrer, existem inúmeras indeterminações em sua direção.

O esporte, para Norbert Elias e Eric Dunning, é um importante exemplo da regulação e controle das emoções, sendo, também, um fruto do processo de

civilização. Os autores afirmam que os antigos passatempos passaram por um processo de desportivização, segundo o qual suas regras, seu grau de violência e conduta sofreram inúmeras mudanças, a fim de se tornarem mais civilizados.

Para caracterizar os esportes, Elias e Dunning sugerem algumas polaridades sempre presentes, que devem estar em equilíbrio: polaridade global entre duas equipes opostas, entre ataque e defesa, entre cooperação e tensão das duas equipes, entre cooperação e competição dentro de cada equipe, entre o controle externo dos jogadores e o controle entre si próprios, afetuosa e a rivalidade hostil, entre o prazer da agressão e a limitação das regras e entre a flexibilidade e a rigidez das regras (Elias 1985:295).

A utilização da teoria do *processo civilizador*, como norte teórico-metodológico nas pesquisas históricas e sociológicas do esporte, é intensa. Talvez isso se explique pela dificuldade em encontrar outros autores que desenvolveram uma tese própria a respeito dos esportes, ou até mesmo pelo fato da aproximação destes com as Ciências Humanas e Sociais. Enfim, o fato é que as recentes pesquisas de Norbert Elias têm figurado como uma das principais correntes teóricas. Entretanto, apesar da frequente utilização da teoria civilizacional, muitos dos autores que a aplicam, transportam-na para a realidade brasileira, sem problematizá-la, ou seja, compra-se a ideia como um processo linear, sem desequilíbrios nas ações. Em outras palavras, o processo de desportivização do futebol implicou a adoção de alguns modos de controle das emoções a fim de se mostrar civilizado; contudo, sob a medida da aculturação do futebol restrito aos clubes de elite, este foi obrigado a adotar jogadores de origem humilde, entre eles negros e mestiços. Assim, a regra essencial do jogo – o ganhar – determinou a angariação de melhores jogadores, os quais não se encontravam nos jovens sócios dos clubes, mas sim fora deste círculo social.

Não há dúvidas de que, no momento da implementação dos clubes de futebol no Brasil, este esporte fez parte de uma “cultura burguesa hegemônica”, na qual o ideal de civilização se confundia com o de progresso. Para muitos, o futebol se referia apenas a uma prática e não possuía, explicitamente, a intenção de civilizar. Dessa forma, concordamos com Ribeiro (2005) acerca de que “a ideia do processo civilizador enquanto um mecanismo de monopólio de poder e de introjeção da coerção, é antes de tudo uma possibilidade para indivíduos e sociedades históricas,

mas não uma determinação”. Uma vez que, se não pensada por este viés, a teoria do processo civilizador se torna linear e determinista, no sentido de sairmos da barbárie para chegar à civilização.

Partimos, assim, da ideia de que os indivíduos não possuem funções sociais previamente estabelecidas, isto é, não há a “função” de civilizar. De modo diverso, entendemos que os sujeitos se encontram, de algum modo, normatizados por uma cultura hegemônica, a qual denominamos, de modo geral, cultura burguesa de ordem, progresso e civilização. Dessa forma, procuraremos entender a fundação do Coritiba sob o contexto de civilidade em que se vivia, entretanto, sem entender o clube como, necessariamente, um projeto específico civilizador. A fim de colaborar com a problematização desse “processo civilizacional” e de entendê-lo, não como um sentido e uma linearidade, nos apropriaremos da teoria configuracional, igualmente eliseana.

Nesse sentido, torna-se importante realçar que Freyre (1995:176) denomina *esforço civilizador* a tentativa de civilização e ambientação de hábitos europeus no Brasil. Lucena (2001:43), por sua vez, utiliza o mesmo termo para dar nome à tentativa brasileira de civilizar, a partir do esporte como componente de ascensão social e de educação.

O conceito de *configuração* é desenvolvido por Elias a partir da crítica à dicotomia indivíduo/sociedade. Segundo o autor, a ideia de pensar que a sociedade é constituída por estruturas exteriores – aos indivíduos, no caso – e que os sujeitos são simultaneamente rodeados por ela mostra-se incompleta (ELIAS, 1980). Ainda de acordo com Elias, “o conceito de configuração serve, portanto de simples instrumento conceitual que tem em vista afrouxar o constrangimento social de falarmos e pensarmos como se o ‘indivíduo’ e a ‘sociedade’ fossem antagônicas e diferentes” (ELIAS, 1969:141). O conceito de *configuração* pode ser aplicado para sociedades formadas por um número infinito de pessoas, bem como para grupos relativamente pequenos, dessa forma, é possível utilizá-lo tanto para cidade quanto para o clube. Entretanto, o autor explica que quanto maior a configuração, maiores os elos entre os presentes.

Por configuração entendemos o padrão mutável criado pelo conjunto dos jogadores – não só pelos seus intelectos, mas pelo que eles são no seu todo, a totalidade das suas ações e as

relações que sustentam uns com os outros. Podemos ver que esta configuração forma um entrançado flexível de tensões. A interdependência dos jogadores, que é uma condição prévia para que formem uma configuração, pode ser uma interdependência de aliados ou de adversários (Elias, 1969: 142).

Para o autor, esses indivíduos estão interligados e são interdependentes, seja na família, na escola, no trabalho ou em qualquer outro lugar. É justamente essa ligação entre os sujeitos, com um grau de *interdependência* mútua, que estabelece o que Elias chama de *configuração*. Dunning revela que esta “[...] refere-se à teia de relações de indivíduos interdependentes que se encontram ligados entre si a vários níveis e de diversas maneiras” (Dunning, 1992:25).

De acordo com a conceituação de Elias, realizando um exercício configuracional primário, poderíamos afirmar que a cidade de Curitiba, na época, formava uma *configuração* e o Coritiba Foot Ball Club formava uma outra *configuração* menor, dentro daquela. Portanto, as pessoas que faziam parte do clube esportivo, automaticamente, também participavam da configuração da cidade. Dessa forma, existia uma *interdependência* clube-cidade, a qual pode ser melhor entendida sob a perspectiva das pessoas que as constituíam. “Em outras palavras, podemos dizer que os indivíduos que praticam esportes, quando não desempenham o papel de jogador, estão desempenhando outros papéis sociais, como por exemplo, o de trabalhador (a), o de pai ou de mãe, o de filho (a), de companheiro (a)...” (Reis, 2006: 26).

No caso específico da nossa pesquisa, por se tratar do futebol no início do seu desenvolvimento, quem dirigia e organizava o clube eram os próprios jogadores. Naquele momento, prevalecia o amadorismo nos clubes esportivos, não havendo também uma relação de identidade direcionada a estes. Ser sócio de um clube se referia mais à prática do lazer do que à disputa em si, embora esta seja parte essencial do último – o que Elias e Dunning (1992) denominaram “a busca da excitação”. Dessa forma, os sujeitos estavam relacionados ao esporte mais pelo jogo – prática lúdica em que o ganhar não aparecia como um componente social forte – do que pela ideia de pertencimento clubístico, o que não se dissociava da necessidade de buscar a vitória. A construção do pertencimento fez parte do processo de formação dos clubes no Brasil e no mundo, e neste momento sendo ainda um sentimento em construção, na configuração social da formação do Coritiba.

Assim sendo, não raro, observavam-se indivíduos que, ao mesmo tempo, eram sócios do Coritiba e do Internacional – mais tarde, este viria a ser o principal adversário daquele.

Cabe ressaltar que os sujeitos faziam parte tanto da configuração do clube quanto da configuração da cidade, uma vez que aquela se insere nesta. Portanto, compreender a posição ocupada por esses sujeitos, no contexto da cidade, é fundamental para entendermos suas respectivas posições e relações dentro da configuração menor (o clube).

Análise e tipologia das fontes

Estabelecido o objeto de pesquisa e a linha teórico-metodológica a ser utilizada, outro fundamental aspecto da pesquisa histórica é o conjunto de fontes que serão analisadas. Para o desenvolvimento do estudo, buscamos trabalhar com quatro tipos de fontes: documentos escritos do clube, fotografias, jornais e memórias.

Na busca pelas fontes, o primeiro passo tomado foi o de procurar o próprio Coritiba Foot Ball Club. Partindo da perspectiva de que o clube é o objeto central desta pesquisa, entendemos que, em um primeiro momento, lá estariam as principais fontes. Assim, buscamos um contato com os responsáveis pelo Clube e fomos prontamente atendidos, apesar da precariedade documental.

No acervo do Clube, foi possível catalogar materiais de duas categorias: documentos e fotografias. Para a catalogação das fontes, optamos por iniciar pelos documentos oficiais, dentre os inúmeros presentes no arquivo, todos em péssimo estado de conservação e armazenamento, foram selecionados os seguintes documentos para compor o rol de fontes interessantes à nossa pesquisa:

- Propostas de Sócios (1909 a 1920);
- Registro de Sócios (1909 a 1922);
- Controle de Pagamentos de Mensalidade (1909 a 1919);
- Livro Ata nº. 3, 4, 5, 6 (a partir de 1916);
- Ata de Fundação do Coritibano Foot Ball Club;
- Livro Caixa (a partir de 1909);
- Livro de Presença em Reuniões e Assembléias;
- Controle de Recebimentos de Mensalidades (1910 a 1960);

- Controle de Sócios (1910 a 1925).

Sobre a utilização de documentos oficiais, partimos da constatação de Ribeiro (1998) de que esse tipo de fonte é um “porto seguro” para o historiador, pois, como se tratam de documentos oficiais, retratam a história do clube sob a ótica deste. Porém, o próprio historiador salienta que a questão do “porto seguro” é provocativa, no sentido de que não deve haver uma comodidade por parte do pesquisador, ao se encontrar em posse de documentos oficiais. Na análise de fontes documentais, Bacellar (2005:63) nos alerta sobre alguns cuidados imprescindíveis. De acordo com ele, é necessário entender os textos na totalidade de sua época, compreender o contexto de produção das fontes e, ainda, perceber as imprecisões da sua escrita.

Dentro da proposta de Bacellar, observamos que nossos documentos refletem, quase sempre, o “controle” por parte do clube: controle de quem tentava se associar, de quem realmente se tornava sócio, dos pagamentos das mensalidades, controle das finanças e da participação em reuniões. Haveria pessoas que tentaram se associar, mas não foram permitidas? E quais os motivos para essa não aceitação, se de fato houve? Os valores eram considerados altos ou baixos para os padrões econômicos do momento? Essas são algumas das questões que buscaremos responder ao longo da dissertação.

Percebemos, também, durante nosso período de análise, que esses documentos, pela grafia da escrita manual, aparentavam ser preenchidos pela mesma pessoa – provavelmente, esta seria o secretário ou o tesoureiro do Clube. As únicas fontes que não possuem esse caráter de controle foram a Ata de Instalação do Coritiba Foot Ball Club e os Livros Atas de Reuniões. Quanto à Ata de Fundação *do Clube*, notamos que esta se apresenta como uma descrição dos fatos ocorridos no momento. Já os livros com as Atas de Reuniões não foram encontrados no acervo do clube, por terem sido extraviados.

Apesar de limitada, a documentação oficial do clube foi central na pesquisa, pois, por meio dela pudemos ter conhecimento de quem foram as pessoas envolvidas com o Clube, em seu período inicial. Também nos foi possível conhecer a relação de todos os associados e diretores do Clube, bem como permitir conferir se

alguma proposta para sócio foi negada. Isso foi fundamental para a pesquisa, no sentido de compreender a tipologia clubística do Coritiba, além de delinear quem eram, socialmente, os indivíduos que frequentavam o Clube. O Livro Caixa, igualmente, representou um documento importante, uma vez que, a partir dele foi possível observar a condição financeira do Clube, percebendo, por exemplo, onde eram realizados os seus investimentos. Em um paralelo aos “valores” de outros bens da época, será possível observar o “custo” para se construir o clube e praticar o futebol.

O segundo tipo de fonte foi composto por fotografias, obtidas por duas maneiras: parte das fotografias foi encontrada no próprio acervo do clube, ao passo que as demais foram arroladas a partir do trabalho com os documentos do clube. Através da Ata de Fundação e dos registros de sócios, foram catalogadas as principais famílias que participaram dos primeiros anos do Clube. A partir daí, buscamos o contato com os descendentes dessas pessoas, por meio dos quais tivemos acesso às fotos. Devido à quantidade representativa de fotos catalogadas, estas não poderiam ser deixadas de lado na pesquisa, já que, de acordo com o historiador Peter Burke,

(...) imagens nos permitem imaginar o passado de forma mais vívida. Como sugerido pelo crítico Stphem Bann, nossa posição face a face com uma imagem, nos coloca ‘face a face com a história’. O uso de imagens, em diferentes períodos, como objetos de devoção ou meios de persuasão, de transmitir informações ou de oferecer prazer, permite-lhes testemunhar antigas formas de religião, de conhecimentos, crença, deleite, etc. Embora os textos também ofereçam indícios valiosos, imagens constituem-se no melhor guia para o poder de representações visuais nas vidas religiosa e política de culturas passadas (BURKE 2004:16).

Partindo-se, então, do pressuposto de que as imagens são fontes válidas para os historiadores, a questão principal é como analisá-las. Uma historiadora, com um estudo já consolidado a respeito da utilização da fotografia, salienta inicialmente que:

A fotografia é uma fonte histórica que demanda por parte do historiador um novo tipo de crítica. O testemunho é válido, não importando se o registro fotográfico foi feito para documentar um fato ou representar um estilo de vida. No entanto [...] há de se considerar a fotografia simultaneamente como imagem / documento e como imagem / monumento. No primeiro caso, considera-se a fotografia como índice, como marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas e lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado – condições de vida, moda, infra-estrutura urbana ou rural, condições de trabalho, etc. No segundo caso, a fotografia é um símbolo, aquilo que no passado, a

sociedade estabeleceu como única imagem a ser perenizada para o futuro. Sem esquecer jamais que todo documento é um monumento, se a fotografia informa, ela também conforma uma determinada visão de mundo (Mauad, 2005:144).

Nesta perspectiva, entendemos que as fotografias – naquele momento, registrando um esporte que ainda não estava completamente consolidado na cidade – devem ser observadas, primeiramente, como um registro de algo com certa importância e, em segundo lugar, como uma imagem que deveria marcar um acontecimento importante. Pois, basta lembrarmos que, no referido período, máquinas fotográficas eram de difícil acesso. Estas existiam em pequenas quantidades e poucas pessoas sabiam operá-las, além de o custo para revelação das fotos era elevado ⁵.

Entendendo que apenas com os documentos oficiais do clube e as fotografias não seria possível responder às questões levantadas, buscamos uma terceira tipologia de fontes, a fim de complementar nossa base de dados: as notícias de periódicos. Quanto ao uso de periódicos como fonte, Luca salienta alguns pontos importantes na escolha do jornal:

O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa [...]. Em síntese, os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustrações que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou a revista pretende atingir. [...] Daí a importância de identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura do passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores (Luca, 2005:120).

⁵ Para analisar as fotografias, MAUA (2005) salienta que temos que levar em conta os seguintes pontos: a) Espaço Fotográfico - saber qual o recorte espacial processado pela fotografia, sabendo como se organiza esse espaço e quais os possíveis controles que podem ser realizados sobre eles. Observar também quem é o fotógrafo, se ele é amador ou profissional. b) Tamanho e Formato – o tamanho e o formato das fotografias variam principalmente pela câmera e pelo suporte utilizado. Estes fatores podem estar relacionados com impacto que a mesma deva ter sobre a opinião pública. c) Tipo de Foto – definir se a foto é instantânea ou posada. Essa definição se faz importante em função ou não de uma encenação.d) Enquadramento – observar se a foto é tirada na horizontal ou vertical, observar a direção de leitura, se estabelece da fotografia, a quantidade e distribuição dos planos e o objeto central da foto.e) Nitidez – observar o foco, a impressão visual e de iluminação da fotografia. O método aqui exposto será utilizado no sentido de facilitar a análise do material, tendo em vista que esta tarefa é de grande complexidade. Tal roteiro, porém, não significa necessariamente que todas as etapas propostas pela autora serão seguidas em sua totalidade.

Optou-se, então, pelo jornal *Diário da Tarde* – um dos periódicos de maior circulação no início do século XX, na cidade de Curitiba –, mantendo o nosso foco entre os anos de 1900 e 1915. O periódico tratava dos mais diversos assuntos, tanto do cenário nacional quanto local. Entre os acontecimentos locais destacados, por vezes, o *foot-ball* tomava as linhas da sessão *diversão* ou *lazer*. Ribeiro, em uma pesquisa sobre o trabalho na cidade, utilizando-se desse mesmo jornal, afirma:

De composição liberal, apresentou-se durante quase todo o período pesquisado, como um jornal de oposição. Guardando uma relativa autonomia do governo, abria as suas páginas a toda crítica ao mau uso da coisa pública. [...] Tendo em sua linha editorial a preocupação com as notícias inéditas (o furo) e com certo sensacionalismo – pouco comum na imprensa local acostumada com transcrição de jornais do Rio – o Diário cobria com riqueza o cotidiano policial da cidade (Ribeiro, 1985:21).

Em um primeiro momento, observa-se que o futebol era tratado, pelo jornal, como algo curioso (possivelmente pelo público também). Da mera divulgação de horários e resultados dos jogos, no decorrer do período pesquisado, o jornal passou, a partir de 1911 com a inicial consolidação do esporte, a ter um repórter exclusivo para tratar do futebol. É claro que a ascensão deste, como tema de matérias, esteve diretamente ligada à difusão da modalidade no cotidiano local.

A utilização do *Diário da Tarde* como fonte em pesquisas sobre o futebol, na cidade de Curitiba, não é inédita, Capraro (2002), em sua Dissertação de Mestrado, também se utilizou desta fonte. Para o autor, o uso desse veículo se deve ao fato de ser um jornal que trata de acontecimentos do cotidiano, ao contrário do *Diário do Comércio*, outro jornal curitibano do mesmo período, que tratava exclusivamente de questões políticas e econômicas. Assim, além de colaborar para a pesquisa com os relatos a respeito do futebol, o jornal contribui para a compreensão social (diária) da cidade de Curitiba e, por se tratar de um periódico do cotidiano, a análise desta fonte se faz importante.

A última categoria de fonte que utilizamos em nossa dissertação são as memórias produzidas acerca dos primeiros anos de vida do clube. Cabe citar que as versões memorialistas tem sido predominantes na literatura da história do futebol. Essas “histórias”, geralmente produzidas por jornalistas, cronistas ou mesmo aficionados, se caracterizam pelo descompromisso com uma metodologia científica

em sua estrutura. Entretanto, as informações dessas memórias são ricas e devem fazer parte do processo de construção histórica, pois acreditamos que:

Trata-se de um material muito rico, mas necessita de um cuidado especial, na medida em que, na maioria das vezes, a preocupação de quem escreve é muito mais literária do que documental. Portanto, há pouca preocupação com uma contextualização e com um embasamento mais científico [distanciamento crítico] (Ribeiro, 2003).

É nesta linha de pensamento, proposta pelo autor supracitado, que procuramos utilizar as memórias como fontes históricas, afinal, tais memorialistas foram interlocutores importantes na construção da imagem do clube e, por consequência, do futebol. Dessa forma, a memória “simbólica” ou “mítica” não é tratada como coisa menor, mas problematizada e confrontada com as demais fontes, no intuito de contribuir para a construção de nossa pesquisa.

Foram utilizadas na pesquisa três memórias: a primeira delas é a obra *Futebol no Paraná: 100 anos de História*, escrita pelos jornalistas Heriberto Machado e Levi Chrestenzen, a qual se caracteriza pela grande presença de dados quantitativos, embora pouco problematizados. As demais foram escritas por Francisco Genaro Cardoso: uma delas, chamada *A vida do Coritiba Foot Ball Club e o Desporto Paranaense*, e a outra, sem título. Ambas foram escritas em meados dos anos de 1940, quando Cardoso foi contratado pelo clube para organizar sua história. Estas duas obras, datilografadas, não foram editadas, sendo, portanto, encontradas no acervo do museu do clube.

* * *

A divisão do trabalho se deu da seguinte forma: o primeiro capítulo, *A CIDADE DE CURITIBA: ambientando-se ao período!*, traz à tona a Curitiba do período analisado. De forma direta, discutiremos as transformações e mudanças que ocorreram na cidade durante o intervalo de tempo estudado, demonstrando que os esportes já faziam parte da conjuntura curitibana, e abordaremos a forma com que o futebol começou a emergir, traçando a formação do cenário esportivo na cidade.

O segundo capítulo, *O futebol na cidade e a fundação do Coritiba Foot Ball Club*, tratará do processo de fundação do Coritiba, dos seus primeiros anos de vida

até 1915, ano do primeiro Campeonato Paranaense de Futebol. Dessa forma, na medida em que forem tratadas as questões relativas ao Coritiba, procuraremos, também, mostrar como se consolidou o cenário esportivo, a fundação de novos clubes e a popularização do futebol.

A terceira parte do trabalho, *O Semi-Profissionalismo no futebol de Curitiba – 1916, Coritiba Foot Ball Club Campeão!*, discorrerá sobre as relações do clube, quanto aos seus atletas/associados, no ano em que este ganhou seu primeiro título.

CAPÍTULO 1

A CIDADE DE CURITIBA: ambientando-se ao período!

Conforme já debatemos anteriormente, o objetivo deste trabalho é discutir a fundação do Curitiba Foot Ball Club dentro do processo de transformações que a cidade de Curitiba sofreu no início do século XX. Para tal, o nosso ponto de partida é caracterizar a cidade e, inevitavelmente, o país, no período em questão.

No final do século XIX e início do século XX, houve um fluxo intenso de mudanças dos mais variados níveis sociais, estimuladas, sobretudo, pela segunda revolução industrial (também chamada de revolução Científico-Tecnológica), a qual aumentou quantitativa e qualitativamente o estilo de produção; visto que em nenhum outro período, até então, as pessoas foram envolvidas em um processo de mudanças tão complexo e profundo.

É nessa ocasião que aparecem os sistemas elétricos, o telégrafo, o processo de pasteurização, os sistemas mecânicos, a esterilização, entre outras inovações que marcariam o período de transformações.

Resultado da aplicação das mais recentes descobertas científicas aos processos produtivos, ela possibilitou o desenvolvimento de novos potenciais energéticos, como a eletricidade e os derivados de petróleo, dando assim origem a novos campos de exploração industrial, como os altos-fornos, as indústrias químicas, novos ramos metalúrgicos, como os do alumínio, do níquel, do cobre e dos aços especiais, além de desenvolvimento nas áreas microbiológicas, bacteriologia e da bioquímica, com efeitos dramáticos sobre a produção e conservação de alimentos, ou na farmacologia, medicina, higiene e profilaxia, com um impacto decisivo sobre o controle das moléstias, a natalidade e o prolongamento da vida (Sevcenko,1998:03).

Tais mudanças, ocorridas principalmente nos países mais desenvolvidos da Europa e nos Estados Unidos, impulsionaram o mercado capitalista de maneira global. O aumento automático da escala de produção, nessas localidades, gerado pelo alargamento e pela modernização dos parques industriais, fez com que houvesse, também, uma procura maior por matérias-primas disponíveis em todas as regiões do mundo; e, conseqüentemente, um aumento dos mercados de consumo para a grande quantidade de produtos que passaram a ser produzidos. A esse processo de busca de matérias-primas em locais ainda não colonizados, ou de restabelecimento de relações com as antigas colônias, visando estabelecer

mercados comerciais, foi denominado de neocolonialismo ou imperialismo colonial (Sevcenko, 1998).

A consequência imediata de tudo isso foi uma expansão do capital europeu e norte-americano sobre as economias tradicionais, a fim de acelerá-las rapidamente, no ritmo da industrialização. “Era necessário transformar o modo de vida das sociedades tradicionais, de modo a instalar-lhes os hábitos e práticas de produção e consumo conformes ao novo padrão da economia de base científico-tecnológica” (Sevcenko, 1998:12).

Nesse contexto de mudanças e avanços globais, o Brasil introduz um processo de remodelamento político, cujo marco inicial pode ser dado pela fundação do partido republicano, em 1870. Tendo sua base político-ideológica pautada, principalmente, nas correntes científicas, positivistas, no darwinismo social e nas diretrizes técnicas – científicas derivadas da Europa e Estados Unidos –, a plataforma do partido se comprometia com um ideal de modernização e atualização das estruturas imperiais (Sevcenko, 1998:14).

A proclamação da República, em 1889, trouxe ao poder uma nova e jovem elite brasileira, cujas riquezas procediam da expansão cafeeira no sudeste do país. O primeiro passo do novo governo, portanto, foi abrir a economia aos capitais estrangeiros, em especial ao britânico e ao norte-americano, em uma tentativa de modernização do Brasil.

A idéia das novas elites era promover uma industrialização imediata e a modernização do país ‘a todo custo’. Os resultados foram dois, um fluxo inédito de penetração de capitais ingleses e americanos no país e a mais escandalosa fraude especulativa de todos os tempos no mercado de ações, chamada singelamente de ‘o Encilhamento’, numa referencia ao ponto de partida do qual os cavalos disparam no turfe. Era a entrada triunfal do Brasil na modernidade (Sevcenko, 1998:15).

Paralelamente a isso, esgotava-se o modelo escravocrata brasileiro e um enorme contingente de escravos negros foi desmobilizado. Introduzia-se, então, a mão-de-obra livre do imigrante, alterando os quadros hierárquicos e de valores da prática do trabalho assalariado, constituindo, assim, um mercado interno mais dinâmico.

A seleção de imigrantes obedeceu principalmente à demanda pelo branqueamento. A possibilidade de miscigenação e a disponibilidade à assimilação são variáveis fundamentais na definição de quais imigrantes são desejáveis. O imigrante, além de vir preencher uma demanda para o branqueamento de braços para o trabalho, teria o papel de contribuir para o branqueamento da população, ao submergir na cultura brasileira por meio de assimilação (Oliveira, 2001:10).

Essa conjuntura de fatos internos e externos provocou, automaticamente, um processo de modernização e transformação também na estrutura das cidades. Por exemplo, no Rio de Janeiro, a então capital federal, já era possível observar as consequências de todo esse processo:

Viver na cidade, já no início do século XX, por exemplo, era viver as possibilidades do mundo das máquinas e das comunicações rápidas. Era aí que estavam à nova geração de líderes políticos, a eletricidade, o automóvel, a máquina, a indústria e tudo que significava ganhar tempo, acelerar. [...] as mudanças técnicas dos meios de transporte e comunicação são fatores que denotam o caminho das transformações em curso (Lucena, 2001:18).

Mas, se por um lado, todas essas questões positivas da modernização já eram observadas, por outro, a cidade lidava com uma estrutura urbana que não condizia com a de uma urbe moderna: sofria com uma estrutura portuária deficitária, que não suportava o volume crescente de transações; não possuía um sistema de escoamento das mercadorias que chegavam ao porto; apresentava uma estrutura urbana ultrapassada; e passava por graves surtos de epidemias. Era necessária, no momento, uma cidade compatível ao ideal permeado pelos governantes. Nesse sentido, as novas elites governantes brasileiras:

No afã do esforço modernizador, as novas elites se empenhavam em reduzir a complexa realidade social brasileira, singularizado pelas mazelas herdadas do colonialismo e da escravidão, ao ajustamento em conformidade com padrões abstratos de gestão social hauridos de modelos europeus e norte-americanos (Sevcenko, 1998:27).

A fim de solucionar esses problemas, a prefeitura da cidade fluminense, em conjunto com o governo federal, agiu em três frentes: a modernização das instalações portuárias, a implementação de saneamento básico na cidade e uma reforma urbana. Na equipe técnica, nomeada para coordenar as ações, estavam o engenheiro Lauro Müller, responsável pelo porto, o sanitarista Oswaldo Cruz, para o saneamento, e o urbanista Pereira Passos (que havia trabalhado na reurbanização de Paris), para a reforma urbana (Benvenuti, 2004).

O ponto principal das reformas foi a área central da cidade, que aglomerava casarões da parte pobre da população. Foram colocadas a baixo todas as grandes residências e os indivíduos foram expulsos, pois, para as autoridades, a região comprometia o acesso ao porto, à segurança sanitária e bloqueava o fluxo livre, indispensável às cidades modernas.

A reestruturação completa terminou no ano de 1904, marcada pela inauguração da nova Avenida Central do Rio de Janeiro.

Eixo do novo projeto urbanístico da cidade, contemplada com um concurso de fachadas que a cercou de um décor arquitetônico *art nouveau*, em mármore e cristal, combinando com os elegantes lampiões da moderna iluminação elétrica e as luzes das vitrines das lojas de artigos finos importados. As revistas mundanas e os colunistas sociais da grande imprensa incitavam a população afluyente para o desfile de modas na grande passarela da Avenida, os rapazes a rigor *smart* dos trajes ingleses, as damas exibindo as últimas extravagâncias dos tecidos, cortes e chapéus franceses. A atmosfera cosmopolita que desceu sobre a cidade renovada era tal que [...] as pessoas ao se cruzarem no grande bulevar não se cumprimentavam mais à brasileira, mas repetiam uns aos outros 'Vive la France' (Sevcenko, 2001:26).

A capital federal foi a primeira a sofrer significativas mudanças, ao passo que as transformações também chegaram aos demais municípios. Em primeiro plano, estavam as cidades economicamente mais ativas, como São Paulo, e, em seguida, as menos dinâmicas no período. Sem dúvidas, esse movimento ocorria em todo o Brasil, concomitantemente, embora na velocidade e ritmo peculiares de cada localidade.

Curitiba, uma cidade em mudanças

O início do século XX representou também uma fase de intensas transformações em Curitiba. Influenciada por um ideal de modernização e progresso presente em todo o país – segundo o qual ocorreram diversas modificações, principalmente, nas cidades do Rio de Janeiro (capital federal) e de São Paulo –, a cidade de Curitiba evoluía e tentava se modernizar de acordo com o padrão europeu de civilidade.

No ensejo de afirmação de uma nova concepção de governo, vemos, no final do século XIX e início deste, a constituição e/ou ampliação de um conjunto de práticas sociais levadas a cabo pelos governos estaduais, como o objetivo de promover uma intervenção direta sobre o social,

uma variedade de preocupações são preferidas pelos governos visando adequar a administração pública as novas exigências de uma sociedade em formação. Seus discursos e mesmo as medidas práticas tomam por base as concepções racionais de progresso, ciência e civilidade. São olhares que buscam algo, no caso o povo e o cidadão brasileiro, por analogia com a Europa. Procura-se um povo ativo e organizado e com referência a proclamação da república, transparece nos cronistas da época uma atitude paternalista que lamenta a ausência do poço e da cidadania (Trindade, 1998:116).

De fato, a tentativa pela qual Curitiba passava, de se estabelecer como civilizada e moderna, era um ideal das elites de aproximação da cidade com o mundo civilizado, baseado, principalmente, em locais como Paris – que outrora influenciara o Rio de Janeiro republicano. Este, junto à figura do seu então prefeito, Pereira Passos, também eram referenciais de *civilização*. As ágeis reformas realizadas na capital federal renderam a Passos o codinome “águia”, sendo assim chamado pela população e pelos jornais curitibanos da época (Benvenuti 2004:25). Desse modo, a imagem de cidades como o Rio de Janeiro, Paris e Nova Iorque inspiravam as classes dominantes, que viviam em um ambiente urbano precário, em busca da tal cidade moderna e civilizada.

Na medida em que tentava ganhar traços de modernidade, a cidade transformava sua característica provinciana. Há o surgimento de novas construções, a expansão das fábricas e do comércio, “o governo aprimorava os serviços: higienizava o centro urbano com irrigação, limpeza pública, água e esgoto; implementa a arborização e instala iluminação pública; cria, inclusive, uma guarda civil” (Trindade, 1996:18).

Na praça Tiradentes já haviam comércios, inclusive na Rua Fechada, quando não existia a Rua das Flores. Aberta, todavia, foi sendo habitada e o comércio a ela chegou. Floresceu, portanto. Com o passar dos anos foi se tornando bonita e para os gostos de ‘fim de siècle’, ‘três chic’. Ai porque de ser a principal da cidade (Hoerner Junior, 1943:49).

O início do processo de todas essas mudanças foi influenciado pelo movimento republicano e, paralelamente, por dois fatos: 1) incentivado pela estabilidade econômica da produção da erva-mate e 2) pela imigração europeia, estimulada pelo governo local.

Durante grande parte do século XIX, a extração e o beneficiamento da erva-mate foram as principais atividades econômicas do estado. Ao final do século, essa economia sofreu um aquecimento, pois o mate paranaense ganhou o mercado sul-

americano, devido à qualidade da erva que aqui era produzida. Assim, países como Argentina, Chile e Uruguai aumentaram substancialmente a importação. A consequência imediata foi o crescimento na extração da erva e no número de engenhos para o beneficiamento da matéria-prima, o que gerou “inclusive a formação de indústrias auxiliares como a madeireira, a metalúrgica e a litográfica” (Oliveira 2001:82). O aumento das exportações fez, também, com que a capital do estado adquirisse certas importâncias econômicas. Assim, inúmeras outras atividades, que indiretamente estavam relacionadas ao mate, se desenvolvem, como olarias, serrarias, cerâmicas, metalúrgicas, barricadas e os comércios em geral.

Outro fator que causou mudanças no perfil da cidade foi a imigração, incentivada a partir da administração estadual de Lamenha Lins, entre 1875 e 1877, devido ao baixo fluxo imigratório anterior. A imigração para a cidade de Curitiba se deu, inicialmente, com a instalação de colônias em regiões ao redor da cidade, denominadas de cinturão verde; tais colônias se inseriam no projeto de modernização, que buscava o progresso da cidade.

Em um primeiro momento, os imigrantes se voltavam exclusivamente à prática da agricultura, com o propósito de suprir a falta de alimentos devido a uma crise no abastecimento, pois a lavoura, momentaneamente, acabou preterida à produção de erva. De maneira gradativa, já era possível observá-los iniciarem seus comércios e pequenas fábricas, como padarias, cervejarias, açougues, ferrarias, entre outros.

Curitiba era, ao final do século XIX e início do século XX, para Trindade (1998:101), uma cidade que denotava aparência bem europeia. Para a autora, já era comum na imprensa aparecerem poloneses, alemães, russos, franceses, italianos e suíços oferecendo seus serviços de cozinheiros(as) franceses, amas estrangeiras, cozinheiras espanholas, entre outros.

Assim, concorda-se com Magalhães que:

A importância política da imigração no Paraná é de duas ordens: a primeira, pelo povoamento do território, diversificação das atividades econômicas e decisivas à urbanização, fatores que coopera para o crescimento das receitas públicas; a segunda, de formar no Paraná, como de resto na região Sul como um todo, a primeira classe média do país [composta por pequenos proprietários rurais, artesãos e comerciantes] (Magalhães, 2001:32).

De acordo com Oliveira, estes podem ser denominados como uma *burguesia imigrante*, pois, em sua maioria, eram re-imigrantes com uma estrutura já

estabelecida, e que, por diversos motivos, mudavam-se para as colônias de Curitiba. Ainda para este autor,

Quase sempre possuíam experiências no comércio, na manufatura e detinham conhecimentos técnicos; pertenciam a classe média. Muitos já tinham tido experiências em outras áreas urbanas. Também vantagens nas demandas econômicas das massas de imigrantes, com seus hábitos de consumos específicos, sejam os alimentares, têxteis residenciais e de serviços em geral. A burguesia imigrante possuía a vantagem do conhecimento da língua e das necessidades do mercado de consumo das massas urbanas e rurais européias. A burguesia imigrante mantinha contato com fontes de capitais e de fornecedores nos países europeus (Oliveira, 2001:125).

A vinda dos imigrantes trouxe à província do Paraná uma contribuição para o desenvolvimento social da região. Com a imigração, ampliou-se o comércio, a indústria e o desenvolvimento urbano das cidades, bem como a formação de clubes de convívio étnico. Estes, segundo Mezzadri (2000:22), demonstravam algumas peculiaridades próprias da organização dos imigrantes e, ainda, alguns *habitus*¹ que faziam parte de seu cotidiano. Entre as variadas etnias que se estabeleceram em Curitiba, destacamos a alemã, na qual estavam inseridas as pessoas relacionadas ao Curitiba Foot Ball Club.

Entre as consequências da presença do imigrante alemão, está o surgimento de um número considerável de associações e entidades de organização. “Como micro nações, reeditam a mesma necessidade de afirmação da coletiva, a valorização do sentimento de pertença e múltiplas formas de solidarismo”. Essas associações, mais do que um local de convergência em prol de um assunto específico (dança, música, ginástica), representavam uma experiência trazida da Alemanha, a qual também poderia expressar “a união faz a força” (Magalhães, 1998:33).

Desde a presença dos imigrantes no Paraná, as comunidades alemãs marcaram direta ou indiretamente a vida social, cultural e mesmo política da cidade.

Obviamente essa característica cultural do elemento germânico evidenciou-se também em função das necessidades da comunidade, no sentido de preencherem uma lacuna no que concernia à assistência médica e social, às diversões e aos esportes, à instrução e a vida religiosa (Nadallin, 1972:4).

¹ O conceito de *Habitus*, em Elias, é desenvolvido a partir da teoria do processo civilizador. Durante o processo de civilização, cada homem apresenta características que lhe dão identidade, o que os distingue dos demais membros da sociedade. No entanto, esse conceito deve ser compreendido a partir de indivíduos interligados e interagentes, compondo configurações complexas e interligadas.

Sociedades de canto, recreativas, desportivas, religiosas, beneficentes, de assistência técnica e de operários foram organizadas em quase todos os locais onde houvesse imigrantes ou seus descendentes. Justamente em Curitiba, evidenciaram-se muitas destas formadas por descendentes germânicos, entre as quais, o próprio Curitiba Foot Ball Club.

Voltando à análise do desenvolvimento urbano da cidade, era comum que cronistas e pessoas, ao passar pela cidade, descrevessem que esta sofria transformações drásticas: de um ar de cidade provinciana à aspiração de um conceito de cidade moderna, à moda europeia. Nesse sentido, Trindade afirma que:

Os historiadores e cronistas que se ocuparam em biografar aquele momento se esforçaram no sentido de nos passar a imagem de uma cidade que, sonolenta, pacata e provinciana, transformou-se, graças à ação benfazeja de seus governantes e índole de seu povo, numa urbe moderna. Higiénica e ordeira, apresentada como cidade ideal e harmônica (Trindade, 1998:102).

Nestor Victor, um desses cronistas, menciona que “uma das coisas que mais concorrem para dar hoje a Curitiba um aspecto de cidade já considerável, de um meio social já desenvolvido, são os múltiplos cafés, alguns deles bem instalados que se encontravam na rua Quinze” (Victor, 1996:121). Prossegue relatando, ainda, que “o largo chamado General Osório, forma a rua Quinze uma curta avenida regularmente larga, circunstância essa que o Governo Municipal aproveitou-se para maior embelezamento da mesma rua, avenida, que é moderna...” (Ibidem).

O cronista prossegue na descrição da cidade:

Próximo a rua Quinze de Novembro, transformou-se completamente a praça Tiradentes, antigo Largo da Matriz. Ela vai ser o ponto central dos bondes elétricos, e já hoje é dos logradouros mais atraentes alí. Está no seu centro a estatua de Marechal Floriano, único monumento público existente por enquanto em Curitiba. Em breve vai-se erguer um outro a Barão do Rio Branco. Ainda há pouco inauguraram-se melhoramentos realizados naquele loca, lindamente ajardinados, com duas piscinas de cimentos, em que vivos repuxos, e com bonito coreto de ferro para as bandas de música (Victor, 1996:124).

Rocha Pombo, outro historiador do período, assim descrevia a capital paranaense:

A nossa capital é uma das mais belas, das mais opulentas e grandiosas do Sul. Quem viu aquela Curitiba, acanhada e sonolenta, de 1853, não reconhece hoje, como suas grandes avenidas e ‘bouvelards’, as suas amplas ruas alegres, as suas praças, os seus jardins, os seus edifícios magníficos. É servida de linhas de ‘bonds’ entre o Batel e o Fontana e a estação

da estrada de ferro, aproveitando a quase toda área urbana. O tráfego diário conta, além do que fazem os 'bonds', com mais de 1000 veículos diversos. Há plena atividade, dentro do quadro urbano de trezentas fábricas e oficinas e no município todo, perto de 600. Já se funde em Curitiba tão perfeitamente como no Rio. Já se grava e já se fazem, em suma, todos os trabalhos de impressão tão bem como os melhores da Europa. O movimento da cidade é extraordinário, e ávida em Curitiba, é já a vida afanosa de um grande centro. Existem mais de trinta sociedades, clubes e instituições de ordem popular. Contam-se seis colégios particulares, cinco livrarias, nove tipografias, muitas de primeira ordem, e uma litografia importantíssima (POMBO, 1980, Apud RIBEIRO, 1985:37).

Os discursos produzidos pelas elites a respeito da cidade, por meio de cronistas, escritores e jornalistas, tinham a forte presença de um enfoque progressista, característico de uma cidade que intentava a modernização. Buscava-se, nessas narrativas, criar uma urbe sem problemas, sem doenças, formada por um povo que almejava a civilidade, caracterizado pela ordem e pelo trabalho, construindo, assim, uma grande metrópole. Nesse sentido, os discursos apontavam para a noção de progresso em todos os seus aspectos: arquitetônico, urbanístico, comercial, industrial, educacional, etc. (Pereira, 1996:11).

Nesse período, a população da cidade crescia rapidamente; aumentavam o número de construções; as ruas e praças centrais eram reformadas; surgiam os cinematógrafos e a iluminação elétrica; o telégrafo e a fotografia se popularizavam; as fábricas, oficinas e comércios se desenvolviam e se multiplicavam; além da presença dos automóveis e dos bondes elétricos, que já chegavam à cidade.

O aumento populacional que a cidade sofria era extremamente forte para o período. Se em 1890, Curitiba tinha aproximadamente 24.553 habitantes, em apenas dez anos depois (1900) essa população dobrou, chegando a 50.124, e, em 1910, a aproximadamente 60.800 pessoas (Ribeiro, 1985:34). Evidentemente, a imigração e a reorganização da urbe foram as principais causas dessa expansão, entretanto, Ribeiro adverte que:

O processo de urbanização por que passava a capital do Estado não se justifica apenas por pressão demográfica, apesar de ele ter efetivamente existido. Poderíamos afirmar que tanto a imigração, quanto as mudanças urbanísticas, estavam interligadas com uma idéia mais profunda de modernização: a idéia da industrialização. A cidade moderna e limpa, personagem de quem estamos falando, fazia parte desse momento de repensar a sociedade pelas classes hegemônicas, como uma forma de 'sair da crise' (Ribeiro, 1985:34).

A urbe sofria mudanças e progredia, contudo, existia uma diferença muito grande entre o ideal que os cronistas e as elites desejavam e a realidade da cidade

como um todo. Mesmo com o procedimento de reestruturação da urbe central e o ensaio de industrialização, não se escondiam muitos dos problemas vividos por Curitiba. Salvo a região central da cidade, observa-se a ausência de infraestrutura médica sanitária, a disseminação de doenças e pestes, a falta de saneamento básico e o aumento da violência, entre outras características nada “modernas” (Ribeiro, 1985).

Apesar de uma tentativa modernizadora e de progresso por parte das elites, a cidade sofria com problemas estruturais básicos, como ruas esburacadas, um sistema de saneamento básico frágil e deficitário, a higiene pública em péssimas condições, um sistema de eletricidade precário, entre outros. Assim, o crescimento e as modificações, que ocorriam em Curitiba, não se verificavam com a mesma intensidade em todos os pontos da cidade. Se na região central, habitada e frequentada pelas camadas sociais mais favorecidas, as mudanças eram em grandes proporções, nas demais regiões, não necessariamente tão afastadas daquela, a situação ainda era ruim.

Em regiões menos privilegiadas pela ação modernizadora,

O sistema de abastecimento de água e o de esgoto ou as formas de moradia não eram ampliadas ou melhoradas, não acompanhavam o ritmo do crescimento urbano. Doenças e epidemias encontravam-se assim terreno propício e inevitavelmente faziam dezenas de vítimas. Entre 1885 e 1910, Curitiba foi atingida por inúmeras doenças e epidemias, como coqueluche, disenteria, tifo, pneumonia, erisipela, febre dengue, sarampão, varíola, escarlatina e difteria (Benvenuti, 2004:22).

Era notório que a cidade mudava e sofria constantes alterações, o que se evidenciava pelo crescimento dos estabelecimentos comerciais e industriais, bem como pelo esforço de manutenção e pelo aumento das instituições escolares e recreativas. Reorganizar a região central da cidade, entretanto, contribuía para o aumento dos problemas nas demais regiões da urbe. O alargamento das ruas, a criação de amplas praças e as demais mudanças no desenvolvimento citadino, causaram a necessidade de “limpeza” das pessoas que frequentavam as novas e modernas localidades centrais da cidade, assim:

Foi preciso limpar a cidade de uma multidão, foco de marginalidade e agitação, composto de imigrantes pobres, negros, mestiços, todos desempregados/desocupados. Era a massa inconstante dos desempregados da Estrada de Ferro, das fábricas que faliam, das colônias de

imigrantes que, abandonados, enchiam a cidade de homens e mulheres famintos. Eram as meretrizes, os jogadores, os 'caftens', vendedores ambulantes, menores abandonados, carroceiros eventuais, enfim, toda uma gama de indivíduos que se 'recusavam' ao trabalho honesto e permanente, e a viverem com urbanidade (Ribeiro, 1985:52).

Além desses problemas de ordem social, gerados pela necessidade do embelezamento, a cidade sofria com o aumento nos preços dos imóveis. Nestor Victor relata, naquele momento, que "já se dão 100.000\$ na Rua Quinze apenas pelo terreno de uma casa" (Victor, 1996:82). E, ainda, acrescentava: "também sobem crescentemente os aluguéis. Uma moradia mediana pela qual no seu tempo, se pagavam 40\$ ou 50\$ mensais, custa hoje 120\$ ou 150\$" (Ibidem). A especulação imobiliária caminhava lado a lado com a modernidade da cidade, por exemplo, a eletricidade e os bondes, principalmente, passaram a ser sinônimos de valorização, pois os imóveis atendidos por esses serviços, quase todos na região central, passaram a ser muito valorizados.

Divertimento e Lazer na Cidade

As mudanças na cidade refletiram, também, nos meios de divertimento e lazer, tendo em vista que a absorção de novos hábitos e costumes, baseados nos padrões europeus civilizados, possibilitava um aumento nas opções de ocupação do tempo livre, pois, o hábito de repouso nas horas vagas já vinha sendo substituído.

Assim, os ambientes e espaços de lazer passam a surgir e a se diversificar em Curitiba. Teatros, festas, corridas no Jóquei, matinês e saraus começam a aparecer como possibilidades de utilização desse tempo livre. Surgem, nesse momento, espaços próprios para a prática do lazer, como parques e espaços para diversão, e, também, há uma modernização dos antigos locais, que não condiziam mais com a realidade moderna.

Um dos parques de maior sucesso no período foi o Colyseu Curitibano. Inaugurado nos idos de 1904, o parque era completamente inovador para as tendências de lazer em Curitiba. Dotado de um maquinário, até então não visto na capital paranaense, o Colyseu era o símbolo da modernidade que se instalava na cidade. Com atrações múltiplas e para os mais variados gostos, era possível acompanhar desde a apresentação de companhias nacionais e internacionais de

Balé, passando pelas apresentações de mágicos e malabares, até andar no Carrossel ou de patins, entre outros.

Ali expunham-se aparelhos elétricos e mecânicos, absurdamente novos. As crônicas, e especialmente, os anúncios nos jornais, ao falarem do Colyseu, colocam em evidência o caráter maquínico daquelas diversões. Lêem-se palavras como 'mecânico', 'automático', 'sistema', ao lado de idéias como 'maravilhoso', 'surpreendentes'. As máquinas são objetos de surpresa e maravilhamento (Brandão 1992:18).

O parque de diversões poderia ser visto como um reflexo do avanço da cidade provinciana rumo à urbanização e à modernização, ou, mais exatamente, como parte do avanço tecnológico, da mecanização e dos espaços de lazer da cidade. A energia elétrica que movia os motores dos brinquedos e a automatização destes, a grande quantidade de luzes que iluminava o parque, a fotografia e o cinema, ali presentes, colaboravam nesta perspectiva (Brandão, 1994).

Nesse *processo de* modernização e de avanço tecnológico, os antigos e tradicionais teatros também se modernizaram, pois os espaços utilizados, até então por companhias teatrais, passavam a receber os cinematógrafos – visto que os que existiam na cidade, anteriormente, eram apenas de algumas companhias passageiras. Foi justamente o Colyseu Curitibano o pioneiro a reproduzir filmes: "o primeiro cinematografo, instalado, no teatrinho do Colyseu. Numa sexta-feira em novembro, era anunciado nos jornais com letras garrafais: estréia do surpreendente cinematógrafo Richebourgo recém-chegado da Alemanha, o qual contém uma grandiosa variedade de películas com figuras animadas" (Brandão, 1992:34).

Outra opção de lazer muito utilizada, pelos curitibanos, eram as praças e largos. Um dos mais importantes largos do período foi o Passeio Público. Construído em 1885, com incentivo das elites do mate que doaram o terreno, o objetivo do parque era, primeiramente, valorizar a região – até então pantanosa e com águas paradas e insalubres – e, em segundo lugar, adotar o estilo europeu de lazer em *passeios*. No local, eram comuns apresentações de bandas musicais, festas, eventos, piqueniques ou, simplesmente, caminhar ou descansar sob uma sombra.

Em 21 de abril de 1909, por exemplo, uma multidão ocupou o Passeio Publico e a Praça Tiradentes para presenciar a subida do balão Granada, conduzido pela aeronauta Maria Aida. [...] Para os intelectuais o Passeio Publico constituía um ponto de encontro. Na pequena ilha existiam personalidades como Dário Vellozo, se reuniram, comemoravam a

chegada das estações das flores através da celebração da Festa da Primavera e realizavam outras manifestações, como a coroação de Emiliano Pernetta como Príncipe dos Poetas (Benvenuti, 2004:42).

Desse modo, a diversão do curitibano caminhava na direção dos espaços públicos, dos teatros, dos cinemas, das praças, dos cafés, entre outros. Assistir a bandas militares nas praças, realizar piqueniques nos parques e bosques das cervejarias, ou caminhar no Passeio Público e Jardim Botânico, também faziam parte das possibilidades.

Etelvina Trindade assim descreveu as opções de divertimento:

À noite, a animação sadia dos salões de danças e dos cafés-concerto: na rua das Flores, o Parisiense; na Praça Generoso Marques, o Tigre Royal; com pouco dinheiro, toma-se café, assiste-se ao filme e aprecia-se a passagem de lindas senhoritas. Nos finais de semana, famílias numerosas fazem piqueniques em áreas de lazer, preferencialmente nos parques das cervejarias, ou percorrem animadas as alamedas do Jardim Botânico, nome dado às vezes ao Passeio Público. No tempo alegre e vertiginoso do lazer curitibano, homens, mulheres e crianças seguem suas preferências no campo dos divertimentos: buscam os primeiros, as atividades de ação, jogos, esportes, excursões; as crianças reinam nos parques, nos circos, no zoológico, nos aniversários e nas festas natalinas; a mulher diversifica seu tempo livre, da reunião familiar à grande festa. Na Curitiba do período, as jovens estão no *five o'clock tea*, nas tardes do mate, assistindo às retretas, organizando piqueniques e quermesses, “fazendo avenida”; ou no cine Smart, assistindo as novas fitas de “Pathé” e do “Gaumont”, conforme relata a crônica elegante. Para o cronista que as localiza ora no Jardim Botânico, ora no footing da rua XV de Novembro, nas festas do Parque Providência ou no Alto do São Francisco, elas são “Vênus radiosas”, finos ornamentos da sociedade, “onda cristalina”. Outras áreas privilegiadas do lazer curitibano são os clubes: recreativos, beneficentes, esportivos, ginásticos, musicais. Espalham-se pela cidade, em função, inclusive da forte tendência do imigrante alemão às atividades associativas. A elite social e política desfila nos salões do Club Coritibano ou do Cassino Coritibano que oferecem, além das atividades festivas, serviços de restaurante e áreas de esporte, recreação, cultura e arte. Na Praça Osório, a Sociedade Thalia; na rua do Serrito, o Deutscher Sängerbund, congregam os altos escalões da sociedade teutônica (Trindade, 1996:204).

Neste período, além de todas essas opções de lazer, outro meio que os curitibanos buscavam para ocupar-se nos momentos livres eram os clubes. A cidade passava por um processo de implementação, organização e surgimento de clubes e associações. Dos mais variados segmentos sociais e para as mais variadas funções sociais, estes passaram a reunir pessoas em *configurações* das mais diversas maneiras possíveis, para o momento.

Existiam clubes literários, culturais, esportivos, beneficentes, musicais, associações de classes, associações étnicas, entre outras. Muitos deles, porém, realizavam duas ou mais funções. Existiam, por exemplo, clubes étnicos voltados à

música e aos esportes, bem como sociedades esportivas que contavam com banda musical. Dessa forma, torna-se inviável, para o momento, classificar os clubes, pois muitos deles realizavam atividades variadas. Segundo Trindade, “É ressaltada também a importância de imigrantes na vida cultural da cidade. As diversões devem seu florescimento à presença dos imigrantes que abrigam os primeiros salões públicos como o ‘Lindmann’, ‘o Trivoli’, o ‘Strobel’, ou ainda os clubes e sociedades, como clube alemão, ou sociedade germânica” (Trindade, 1998:102).

Não era difícil notar, neste período, a quantidade de clubes e associações que surgiam na cidade de Curitiba, os quais, comumente, anunciavam atividades:

DEUTSCHER SCHUTZENVEREIN – A directoria desta associação convida os membros da mesma para um torneio de tiro ao alvo, amanhã, no bosque dos atiradores. (DIÁRIO DA TARDE, 3 DE DEZEMBRO DE 1904).

SOCIEDADE DOS PADEIROS – No salão da Sociedade dos Atiradores, a Sociedade Beneficente dos Padeiros realizará amanhã a tarde atraentes diversões. (DIÁRIO DA TARDE, 12 DE AGOSTO DE 1905).

FRONTÃO CURITIBANO – Terá pomposa inauguração amanhã. Ao meio dia será disputado uma grande partido entre os peloteiros[...] Tocará banda de musica e a entrada é franca. (DIÁRIO DA TARDE, 09 DE SETEMBRO DE 1905).

ASSOCIAÇÃO C. DOS EMPREGADOS NO COMERCIO – Brilhantismo festival realizado hontem e raramente temos visto, nos bailes, tamanha influencia de senhoritas e cavalheiros. Os vastos salões da Associação regorgitavam de pares e as danças, animadíssimas, succciam-se na melhor alegria e novavel cordialidade...(DIÁRIO DA TARDE, 18 DE SETEMBRO DE 1905).

RADFAHRER CLUB – Realizará amanhã o passeio a Piraquará (DIÁRIO DA TARDE, 23 DE SETEMBRO DE 1905).

Não importando aqui discutir a finalidade dos clubes, ou a sua perspectiva de sociabilidade (dança, leitura, étnicos, etc...), tampouco criar categorias de classificação, cabe destacar que foram os clubes (de forma geral, mas não apenas eles) que abriram as opções de lazer para os esportes e os exercícios físicos. Uma justificativa para tal pode ser o fato de que a grande maioria dos clubes e associações, de um nível social médio-alto, teve influência e/ou presença de imigrantes e seus descendentes, em sua constituição. É nesta perspectiva de clubes, parques, praças, entre outros, que as práticas esportivas e as atividades físicas começavam a ganhar significado na cidade. “Eram espaços destinados a lazer,

passaios, esportes modernos como o *football*, o *law tennis*, e o ciclismo” (Benvenuti, 2004:42). Um desses espaços, também utilizado para a prática esportiva, era o *Bosque Recreativo*.

BOSQUE RECREATIVO – Rua Marechal Deodoro, 64.

Este importante estabelecimento, montado com especial capricho, de modo a ser o único, em seu gênero nesta capital, será inaugurado festivamente no dia 24 do corrente domingo. Jogo de Malha e Jogo de Bola. Para estes higienicos divertimentos, tão necessários, especialmente aquelles que passam a vida sedentária, pede-se a atenção do público. No dia da inauguração haverá prêmios aos vencedores. O BUFFET – se acha instalado com muito conforto e elegância, tendo havido rigoroso cuidado no sortimento de bebidas, doces, e outras iguarias. A festa inaugural será abrilhantada com uma banda de musica que executará novíssimas peças de seu vasto repertório. O Bosque Recreativo está pois destinado a ser o Great attraction desta prospera capital (Diário Da Tarde, 22 De Setembro De 1905).

Embora não se trate de um clube nem de uma associação, o Bosque Recreativo, que era uma espécie de “academia de ginástica”, também apresentava a prática física como um de seus propósitos. Ao contrário dos clubes que seguiam uma programação pré-determinada, e em que havia a necessidade de se fazer parte do rol de sócios, o Bosque era um espaço onde “qualquer” indivíduo poderia praticar a Malha ou a Bola, desde que tivesse condições financeiras para usufruir do local. Os esportes, ali praticados, eram o Jogo de Malha e o Jogo de Bola, também conhecido como pelota ou pelota Basca.

A pelota referia-se a um esporte de origem espanhola, cujo objetivo era jogar a bola contra uma parede, acima de uma linha marcada. Por sua vez, o jogo de malha, de origem portuguesa, consistia em arremessar o disco de metal, com o intuito de chegar o mais próximo possível de um pino, colocado a alguns metros de distância. Ambos os jogos tinham como características comuns a baixa virilidade e a quase total ausência de violência, as quais correspondiam aos ideais de civilidade que permeavam o período, pois não era de bom grado, para uma sociedade que buscava ser moderna, a rispidez e a violência.

Os esportes praticados nos clubes, de forma geral, seguiam as influências e os hábitos étnicos de seus membros. Dessa forma, em clubes onde predominavam a presença de alemães, por exemplo, além das atividades ginásticas, tinham o boliche e o *law tennis*. Essas atividades ginásticas sempre estiveram envolvidas no contexto sócio-político dos germânicos: o movimento ginástico alemão – concebido pelo

pedagogo Johann Basedow e com importantes figuras emblemáticas, como Guts Muths e Jahn – era muito mais do que apenas a realização de exercícios, fazendo parte também de questões políticas e ideológicas². O tênis, inclusive, já naquele momento era símbolo de distinção social, pois era praticado apenas pelos indivíduos com alto poder aquisitivo, devido aos elevados preços de seus acessórios. Já em clubes e associações culturais, como o caso do Clube Literário, os jogos de salão como o bilhar, os jogos de baralho e o dominó tinham a preferência de seus frequentadores.

De acordo com Brandão, o esporte que começava a se estruturar na cidade tinha na patinação, também, um dos grandes expoentes no momento:

A era da loucura esportiva dava os primeiros passos. A cidade já possuía seus clubes de ciclistas e suas sociedades de tiro. Era preciso treinar músculos e reflexos. Fazia-se, no Colyseu, a guerra de ovos dançantes e o tiro ao alvo. Praticava-se, mais do que qualquer coisa, a patinação, 'o esporte da moda'. Os senhores amadores deste rêmi podiam praticá-lo das oito às onze horas da manhã, da uma às quatro e das cinco às dez da noite (Brandão, 1994:26).

Por não ter um caráter competitivo, mas por se tratar de um espaço onde a população poderia alugar os patins, ter instrutores que ensinassem as “manobras” e uma estrutura física adequada para a prática, a patinação acabou por possuir muitos adeptos. Novamente, a prática física estava voltada muito mais aos hábitos higiênicos e eugênicos do que à competição.

Em Curitiba, o tiro, o ciclismo, o turfe – considerado o primeiro esporte a ser praticado no estado do Paraná – e as atividades ginásticas, além da patinação, foram as principais práticas físicas que se desenvolveram com determinado *status*. Quase sempre, tais atividades eram praticadas e subsidiadas pelas elites políticas e econômicas locais. Cabe citar, ainda, um outro esporte que começava a aparecer e crescer: o futebol.

O Futebol na Cidade

² Para maiores informações sobre os movimentos ginásticos alemães ver a obra: TESCHE, L.O. **Turnen, a Educação e a Educação Física....** Editora Unijuí: Ijuí, 2002

Estabelecer quando e quem trouxe o futebol para a cidade de Curitiba é uma tarefa inviável. Conforme discutimos anteriormente, a busca por “pais-fundadores” deste esporte, no Brasil, é algo que a historiografia do futebol brasileiro descarta. Dessa forma, se o futebol, em todo o país, é fruto de um processo complexo, por que em Curitiba seria diferente? Assim, fica difícil denominar um introdutor do futebol no Paraná e fazê-lo seria uma atitude totalmente irresponsável.

Ao investigar o cenário esportivo paranaense no início do século XX, Capraro (2002) menciona que, já no final do século XIX, o futebol de várzea era praticado na cidade de Curitiba, inclusive a atual rua Dr. Murici era conhecida como a “Rua da Bola”. O autor destaca, ainda, que, “provavelmente clubes sociais já praticavam o futebol em seu Círculo fechado, além da prática da várzea que não despertava maiores interesses, sendo destacada somente quando os praticantes incomodavam os transeuntes” (Capraro, 2002:24).

Observando a historiografia do futebol brasileiro, observa-se que os primeiros clubes de futebol no país, principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, eram clubes de elite ou étnicos que buscaram meios de segmentação da prática esportiva. Para tal, adotou-se uma postura amadora para o futebol, a fim de limitar a participação de negros, mestiços e pessoas que não pudessem se dedicar exclusivamente à prática.

De acordo com Negreiros (1992:50-94), a segmentação entre o futebol praticado nos clubes e o futebol de várzea foi algo que a historiografia acentuou, ao longo do tempo, e que não deveria acontecer. Apesar de estas práticas serem distintas, pois existiam especificidades em cada uma delas, elas estavam interligadas. Assim, segundo o autor, podemos classificá-las como futebol formal e futebol informal.

Na cidade de Curitiba, os primeiros indícios encontrados em nossas fontes a respeito de um clube praticar o futebol ocorreram em 1904. Neste ano, fundou-se na capital do estado o Sport Club.

SPORT CLUB – Reuniram se hontem em cada do Sr. Adolpho Guimarães alguns distinctos moços com o fim de tratar-se da fundação de um club que proporcione aos seus associados exercícius phisicos. Acclamaram para presidira sessão o Sr. Alferes Motta Pacheco, que agrdecendo essa distincção, expoz o seguinte: Um grupo de jovens desta cidade, interpretando o sentimento da sociedade moderna, qual o da pratica de exercícius phisicos,

regulados pela hygiene, resolveu fundar uma associação, á qual denominaam Sport Club. Declarou que esta nova sociedade se compromettia a estabelecer em sua sede social tudo o que julgasse conveniente ao desenvolvimento physico, proporcionando aos sócios, durante as horas mais apropriadas do dia os seguintes jogos: foot-baal, base-baal, laron-tenis, cricket, skating-rink, pela, esgrima, cyclismo, gymnasticca; exercícos esses usados como vantagem nas mais adiantadas cidades do mundo, reconhecidos como os mais efficazes pela hygiene moderna. A sede da sociedade será no antigo Frontão Curytibano, local mais apropriado, nesta cidade, a esse gênero de □rêmi. A commissão permanente já se entendeu com os proprietários desse local no sentido de sua adaptação começando já a illumination e reparada a pista. Depois de tratar de alguns pontos referentes a organização da commissão para esse fim composta dos srs. Francisco Sink, Annibal Rocha, Alberico X. de Miranda, escolheu de acordo com os associados os sócios mais aptos nesse □rêmi afim de leccionaram os seus collegas de club (Diário Da Tarde, 26 De Setembro De 1904).

Os indivíduos que decidiram pela organização do clube faziam parte de um segmento social específico, eram *disntinctos moços*. Os esportes que o clube escolheria eram todos práticas recentes – *Foot-ball, base-ball, laron-tenis, cricket, skating-rink, esgrima, cyclismo, gymnastica* – e de origem europeia que chegaram ao Brasil, dentro do processo de transformações que o país vivia.

A busca por exercícos físicos e por práticas esportivas, pelas elites, estava inserida neste processo de modernização e higienização. Não raro, naquele momento, o *Diário da Tarde* publicava reportagens a respeito dos benefícios da prática física:

Educação Physica

O que se pode sempre desenvolver na criança, sem inconsciente, sem qualquer que seja o lado que a pertença, são as áreas corporaes, porque é a saúde physica um bem desejável a todo e qualquer estado ou direção. [...] Para enrijar a alma, dizia é necessário endurecer os músculos. Desenvolvendo todas as faculdades de um modo a tornalo apto para agir em todos os sentidos, obriga-lo a dispende o mais que lhe seja visível (Diário Da Tarde, 27 De Novembro De 1906).

O ideal do corpo atlético, que necessitava de atividades, refletia nas crianças, para as quais também eram recomendadas as práticas físicas. Entretanto, se a *Educação Physica* era muito bem vista no momento, as modalidades esportivas, sobretudo aquelas de caráter violento, não possuíam a mesma aceitação e, da mesma forma, era possível observar no jornal algumas notícias a esse respeito:

O atletismo condemnado

Condemna-se o atletismo actualmente de toda a parte e de todas as camadas surgem protestos contra a violência dos esportes, que extenuam e esgotam.[...] os outros jogos são perniciosos; a força muscular adquirida prejudica o cérebro. Payot julga que é muito difícil encontrar um Pascal entre homens de regatas, foot ballers, pelotarias e atletas. [...] Assim,

pelo que vimos de expor, o prêmio violento acha-se condemnado e tende a permanecer entre um limitado e restricto meio desde que todos conheçam os perniciosos efeitos que produz. Não morrerá de todo, mas será tão somente utilizado pelos moços ricos que pouco trabalham e estudam enquanto que indisciplinadamente comem, pelos que não querem arcar com a responsabilidade de livros, pelos desocupados e pelos que se querem tornar profissionaes, crentes de que uma medalha de ouro será a maior gloria deste mundo (Diário Da Tarde, 27 De Novembro De 1906).

Mesmo sem ser bem vista, a prática do futebol e dos outros esportes continuavam a existir. Não era incomum, ao se folhear os jornais, ver convites dos clubes para que seus associados se reunissem nos finais de semana, geralmente, para a prática esportiva. Do futebol, especificamente, só encontramos mais uma nota convidativa, do próprio Sport Clube:

SPORT CLUB – Foi hontem demarcada a pista para o foot-ball, no campo ao lado do quartel da pollicia. Hontem mesmo foi disputada uma partida por diversos sócios do novo clube. Estão abertas as inscrições para a urbanização das partidas definitivas do foot-ball (Diário Da Tarde, 17 De Outubro De 1904).

O convite para que os sócios do clube se reunissem para praticar o futebol deixava claro que o esporte ainda era uma novidade na cidade. Além de uma partida realizada por “diversos” sócios do novo clube, a notícia informa que continuavam abertas as inscrições para a *urbanização das partidas definitivas de foot-ball*. Ou seja, se ainda existiam inscrições abertas e se necessitava de uma “urbanização” da prática, é evidente que o futebol ainda não era um esporte de conhecimento geral da população. Quiçá por isso, não era jogado com frequencia, necessitando da marcação de partidas definitivas.

A vida do Sport Club aparentava seguir normalmente nos anos subsequentes, entretanto, não houve mais notícias, nem propagandas do clube a respeito da prática do futebol. Influenciado, ou não, pela campanha negativa aos esportes, devido ao teor de violência, o fato é que, até meados de 1908 os noticiários a respeito do Sport Club sempre trouxeram à tona atividades e exercícios físicos de demonstração, festas e bailes:

SPORT CLUB – Esta distincta sociedade promoveu hontem mais uma bella festa, dedicada aos genties prêmios de senhoritas Violetas e Bouquet. O bello edificio, em que funcionara o Sport Club, á tarde ficou repleto , principiamente as archibancadas onde se achavam numerosas famílias. A festa constou de varias quintilhas, exercícios gymnasticos, tiro ao alvo, patinação e lucta romana, em sue bellante se empenharam os srs. João de Campos Daltró

Filho. Esta distinto moço houve-se também magnificamente nas paralelas. Abrilhou a festa a banda musical do regimento de segurança sendo gentilíssima para com todos os convidados e adigna directoria do victoriosos Sport Club (Diário Da Tarde, 16 De Janeiro De 1905).

Uma segunda fonte, que contribui para a compreensão do início da prática de futebol na cidade de Curitiba, é esta fotografia, datada de 1905:



Fonte: Acerto do Curitiba Foot Ball Club - Ano: 1905

A imagem fotográfica³ mostra 22 pessoas, entre homens e crianças, postados para a câmera. São eles: em pé – Carlito Guimarães, G. Roessler, Oscar Koehler, Carlos Schlenker, Arthur Iwersen, Luiz Kompatcher, Walter Dietrich, Fritz Müller, Alfredo Bernert e Alfredo Hauer; ajoelhados – Kurt Herman, Arthur Bassetti, Bruno Hatschbach, Ricardo Koch, Willy Müller, Oscar Mohr e Alfredo Muller; e sentados – Erothides Calberg, Arthur Hauer, Waldemar Hauer, Leopoldo Obladen e Ewaldo Hauer.

Pelas fisionomias expostas na foto, podemos afirmar que estes homens eram jovens, embora não fossem todos da mesma faixa etária, possivelmente os mais velhos não passavam dos 23 anos de idade. Além disso, podemos perceber alguns equipamentos utilizados durante o jogo: ao centro da imagem, um desses jovens

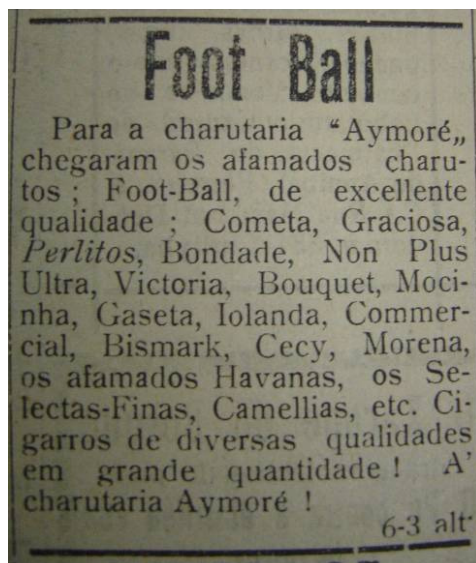
³ CORITIBA FOOT BALL CLUB. **Fotos**. Disponível no acervo do memorial do Clube.

segura uma bola de futebol e outros dois, nos opostos laterais da foto, seguram, cada um, uma bandeira – provavelmente utilizadas para a demarcação do campo de jogo.

O local, aparentemente, não pode ser identificado, mas demonstra ser um campo gramado e aberto, sem construções por perto. Aos fundos, do lado direito, representam aparecer algumas árvores e prédios; do lado esquerdo, aos fundos, uma grande construção. Pelos indícios não é possível afirmar se era mesmo, ou não, o campo utilizado pelos sócios do Sport Club para a prática do futebol.

Voltando aos personagens da foto, notamos que dez deles estão vestidos em cores escuras e doze na cor branca. Apesar de uma diferença no número de pessoas, sugere-se que essa distinção era o modo de separar as equipes. O semblante das pessoas não segue um padrão: enquanto alguns estão sorrindo, outros estão sérios e comprometidos, e existem, ainda, alguns que estão com olhar lateral.

Outra fonte que nos ajuda a entender o processo de popularização do futebol, na cidade de Curitiba, é o anúncio da charutaria Aymoré, na seção de classificados do jornal *Diário da Tarde*, do ano de 1906:



Ao contrário de outros anúncios no jornal, que iniciavam a propaganda com o nome da loja, este se iniciava, curiosamente, com a palavra "FOOT BALL". Mas o

que explicaria isso? A hipótese que desenvolvemos é a de que o futebol começa a se popularizar, ao menos, entre as pessoas que liam o jornal *Diário da Tarde*, ou que, além disso, tinham o hábito de fumar charutos. Validamos nosso pensamento a partir do supracitado título do anúncio, pois, se este esporte já não existisse dentro da cidade com certa importância, ou aderência, possivelmente não estaria ali, substituindo o nome da loja. Outro fato com que trabalhamos é o de que o futebol já começava a formar alguns círculos entre as elites locais, consumidoras de charutos, e a utilização destes, naturalmente, era um hábito comum entre os praticantes do esporte.

No início do século XX, a utilização do charuto tinha a “conotação européia” de ser (Sevcenko, 2002:529). Era comum que lojas de secos e molhados, “importadoras” e até mesmo restaurantes e bares vendessem charutos, sendo as principais marcas: Bondade, Non Olus, Victoria, Bouquet, Bondade e Denneman (Carvalho, 2005:53). Pessoas mais refinadas e de círculos sociais específicos fumavam charutos, pois esse hábito civilizado denotava um padrão diferenciado. O curioso, porém, é que o anúncio fazia a chamada para os *affamados* da marca *Foot-Ball*. Durante o período analisado, nenhum outro anúncio desta mesma loja, ou de outra, tratava da venda do produto da marca *Foot Ball*.

Até o ano de 1909, segundo as fontes com que trabalhamos, não encontramos mais vestígios a respeito da prática do futebol. O *Diário da Tarde*, periódico analisado, não publicou nenhuma passagem, anúncio ou reportagem a respeito do esporte. Este só volta à tona em outubro de 1909, quando o Clube Teuto-Brasileiro foi convidado a participar de uma excursão a cidade de Ponta Grossa para jogar uma partida amistosa contra o Tiro Pontagrossense.

CAPÍTULO 2

O FUTEBOL NA CIDADE E A FUNDAÇÃO DO CORITIBA FOOT BALL CLUB

O Foot Ball na Cidade

Como mencionado no capítulo anterior, Curitiba passava por uma série de transformações em prol da modernidade, ao passo que o futebol começava a se estabilizar, de forma progressiva, no cenário da cidade. Se até o ano de 1909 essa estabilização se dava de maneira discreta – fosse pela inconstância do *Sport Club*, ou mesmo pelo jogo de bola praticado nas ruas, informalmente –, o futebol, aos poucos, reapareceria na cidade. Cabe lembrar que os esportes foram emergindo, principalmente, dentro dos clubes e associações, e o futebol não fugia a esta tendência. Assim, foi a partir da Sociedade Ginástica Teuto-Brasileira, que o futebol volta a se fomentar.

Após um período sem notícias sobre o esporte em questão, este ganhava gradativa frequência, proporcional ao seu desenvolvimento na cidade, nas páginas do *Diário da Tarde*. A volta do futebol ao noticiário (*Diário da Tarde*) acontece no ano de 1909:

FOOT-BALL - Conforme noticiamos, segue amanhã para Ponta Grossa uma delegação da sociedade Teuto Brasileiro que vae disputar um match com o Pontagrossense Foot Ball Club. Da associação coritibana, em wagon especial seguirão 15 foot ballers e cerca de 8 socios, alem de convidados. Reina grande entusiasmo, que nesta capital, quer em Ponta Grossa, prometendo ser brilhante e inolvidavel o festival, que prodecerá ao seguinte programma: Domingo, ás 12 e 15, recepção na estação do norte á equipe coritibana, comparecendo o team que tomará parte do match, a directoria do tido e mais associados, tocando na gare uma banda musical. Depois do almoço ou 'lunch', ás 2 horas, incorporados seguirão do Hotel Palermo para o ground, no alto do cemitério, começando o match ás 3 horas em ponto. A partida durará 80 minutos, havendo descanso de 10 minutos. As 8 horas da noite será offerecido pela sociedade de tiro Pontograssense um jantar de 40 talheres á equipe do Teuto Brasileiro, a sala do Hotel Palermo, e no qual tomarão parte os dois teans e membros das directorias do tiro e da sociedade Teuto Brasileira. Consta que um dos clubs de Ponta Grossa offercerá um baile as duas sociedades sportivas, havendo também espetáculo de gala em honmenagem aos sportsmens. No dia seguinte, ainda com uma banda de musica, será feito o bota-fora dos foot-ballers coritibanos, na estação da estrada de ferro do Paraná (Diário da Tarde, 23 DE Outubro DE 1909).

A Sociedade Teuto-Brasileira, ou *Turnerevin*, era um clube étnico alemão cujas atividades se voltavam para as Ginásticas demonstrativas, cujo objetivo era a

prática das atividades sem o caráter competitivo. O *habitus* alemão de praticar atividades ginásticas se pautava em um processo de construção da identidade alemã, o qual sempre foi incentivador destes aprendizados. Desenvolvida a partir do século XIX, a proposta ginástica do *Turnen* era baseada no princípio do patriotismo e do militarismo alemão, tendo como principal objetivo a demonstração da força física. Assim, seus movimentos eram baseados no andar, saltar, pular, arremessar, equilibrar, entre outros. A ginástica e os esportes representavam muito mais do que meros encontros para a realização de atividades físicas. Para os alemães, tratava-se de uma espécie de espírito e sentimento do povo, possuidora de uma dimensão social, política e cultural muito importante¹ (Pilatti, 2006:134).

Embora o excerto exposto acima retome uma notícia supostamente já anunciada, em nossas buscas no periódico não encontramos nada que tratasse do acontecimento, antes da referida nota. É claro que a situação de viajar até outra cidade para uma partida amistosa é um fato que repercutia, pois se tratava de um esporte de elite, ainda se consolidando em Curitiba, sem mencionar que não era de costume o intercâmbio esportivo entre os clubes. Pode ser que isso tenha incentivado o jornalista a publicar o acontecimento, ou então, tratava-se de uma matéria paga, quando o clube fez questão de divulgar o evento em que estaria envolvido; pois, a realização do jogo em Ponta Grossa se fazia necessária para os praticantes de futebol no Teuto, uma vez que, de acordo com a notícia, apenas 15 jogadores participariam do amistoso. Isto é, pelo fato de não haver um número suficiente de atletas para formar dois times, dentre associados, fazia-se inevitável o intercâmbio para a realização de partidas. Embora o intuito final da viagem fosse a realização de uma partida de futebol, esta era apenas uma das partes que o cronista chama de *festival*, que aconteceria em Ponta Grossa. O festival, na verdade, era marcado pelas relações sociais que ele desenvolvia, pois era a oportunidade de que algumas pessoas se socializassem em uma determinada configuração de características comuns àquelas que as agregavam.

¹ Para maiores detalhes sobre o Turnen ver: Pilatti, L.A. O Efeito de trava de um Habitus; anotações sobre o papel da lei da nacionalização no esvaecer do habitus esportivo do imigrante alemão no estado do Paraná. In: GEBARA, A; PILATTI, L.A. **Ensaios sobre a História e Sociologia nos Esportes**. Jundiaí: Fontoura, 2006. E também: TISCHER, L. **O Turnen, a Educação e a Educação Física**. Injuí:Unijuí, 2002

Ao contrário de Curitiba, em que o futebol aparentemente ainda engatinhava em seu desenvolvimento, a cidade de Ponta Grossa representava estar alguns passos à frente. Consolidada no Paraná, devido à grande quantidade de linhas ferroviárias comandadas pelos ingleses que a circundavam, Ponta Grossa recebeu um grande número de imigrantes para trabalhar nas estradas de ferro. Esses estrangeiros tinham como um de seus passatempos a prática do jogo de bola, a qual já era corriqueira na Europa, sobretudo na Inglaterra, de onde vinham muitos dos que trabalhavam nas ferrovias.

Em Ponta Grossa, esses cidadãos praticavam o jogo de bola como forma de entretenimento nos momentos ociosos, quase sempre com a presença de militares brasileiros. Um desses estrangeiros, o engenheiro inglês Charles Wright, acabou por sistematizar e organizar a prática do futebol na cidade, fundando o Foot Ball Club Pontagrossense, que logo passou a contar com os reservistas do clube Tiro Pontagrossense em suas atividades (Freitas Jr, 2001:16).

Na cidade de Ponta Grossa, o futebol, em um estágio pouco mais avançado, com uma organização mínima, já conseguia atrair uma quantidade maior de pessoas. Fato este observado na recepção do trem que levava os Teutos a Ponta Grossa:

Na gare estavam alinhados os sócios do Foot Ball Club Pontagrossense, praças do batalhão de caçadores de Ponta Grossa, etc..., sendo a comitiva recebida sob calorosas vivas. Na gare tocou a banda Lyra dos Campos que seguiu na frente do préstito. A'uma hora da tarde realizou-se lunch no Hotel Palermo (Diário Da Tarde, 25 de outubro de 1909).

Porém, mesmo com a popularidade um pouco maior nesta cidade, o futebol não era ainda o único responsável pela mobilização das pessoas. A atividade social, que envolvia uma partida de futebol, além de atrações como o Jantar e o Baile, em sua totalidade era o grande chamariz. A autonomia do esporte, em especial o futebol, no momento ainda era restrita e incapaz de conduzir o evento sozinho, pois se tratava de um esporte recente, que não era de conhecimento de grande parte da população.

A repercussão da partida em Ponta Grossa também não fora pequena. Conforme retrata o jornalista, a recepção dos visitantes foi algo muito *glamoroso*, digno de uma sociedade que vivia novos padrões de civilidade e comportamento.

Esse esforço em ser civilizado, acompanhava toda a programação durante e após o jogo. E o *Diário da Tarde* fazia questão de descrever detalhes de todo o evento que acontecia concomitantemente ao futebol.

No dia seguinte ao jogo, o jornal noticiava de forma bem detalhada os acontecimentos na cidade de Ponta Grossa:

FOOT BALL, O match em Ponta Grossa

Espectadores que se derramavam pelos lados do campo do 'foot-ball' e todos pareciam ansiosos por ver o inicio do MATCH, que começou as 3 e 5 minutos sendo a posição dos teans: CORITIBANOS Arthur Hauer, A.Labasch, L. Obladen, A. Iversen, E. Jucksh, T.Obladen, Kastrup, Essenelder, Maschke, L..Obladen, C.Schlenker VERSUS: Flavio, Jardim, Monteiro, Salvador, Dawes, Charles, Joca, Maravalhas, Frederico, Debu, Ayres PONTAGROSSENSES.Refere: A. Flaygare. Reservas: da Teuto: W. Dietrich, E. Callerg, A. Hauer; do Pontagrossense: Katello.

A reportagem, iniciada pela narrativa do jogo, traz logo nas primeiras linhas as escalações dos jogadores que participaram da disputa. Pelo lado do Teuto-Brasileiro, observa-se que o sobrenome de todos os jogadores apresentava descendência europeia, aparentemente germânica. Em contrapartida, observando o time da cidade de Ponta Grossa, nota-se a presença de alguns nomes luso-brasileiros como: Flavio, Joca, Jardim e Salvador. O fato de o futebol ter se organizado previamente em Ponta Grossa, uma cidade de menor porte, facilitou para que mais pessoas fossem atraídas pela prática. Soma-se a isso, como já destacamos, a participação de indivíduos ligados ao clube de Tiro, o que favorecia a presença de brasileiros naquele time.

O trecho da reportagem também permite observar que, mesmo em se tratando de uma cidade em que já se jogava futebol, ainda não havia a preocupação com o público espectador. Segundo o jornalista, as pessoas que acompanhavam o jogo permaneciam postadas ao lado do campo de futebol, ou seja, não havia arquibancadas para o público.

Coube o primeiro kickoff aos pontagrossenses. Iniciado o match, foi o jogo ao principio frouxo, notando-se certa vacilação de ambos os lados. Conhecidas porem as forças e depôs de um serio ataque pelos teutos, o match se animou extraordinariamente, prendendo a atenção dos assintentes que seguiam atiantes, as diversas peripécias e situações. 17 minutos passaram em renhida luta, fora dispersos, ora entrecerados os disputadores, até que se deo o 1 GOAL marcado pelo foot-baller pontagrossense Charles, que se aproveitando d'um passe de S.Jardim, deu violento kick, projectendo a bola sobre o goal. De todos os lados romperam palmas e aclamações. Continuou o match sem incidentes, ate que um erro do goal keeper Ayres, deu logar a que fosse imposto pelo juiz um penalty-kick a favor dos Teutos. Era um golpe perigoso e quase certo os teutos marcariam um ponto si não fora a defesa do goal

Keeper. O jogo esfriou um pouco para tornar depois incrível violência. Os teutos atacados com bravura defenderam-se valentemente nada mais podendo conseguir os pontagrossenses até o final do primeiro tempo. Suspenso o match às 3 e 35, para dar descanso aos foot-ballers, recomeçou as 3 e 58 estando invertidas as posições. Os teutos que estiveram quase que só na defesa na primeira parte, agora desenvolviam o ataque enérgico e se não conseguiram marcar pontos devem simplesmente ao não reconhecimento do terreno e ao acaso, pois alcançaram fazer a bola ir 4 vezes de encontro ao posto do goal. Às 4 horas e 55 minutos o apito do juiz Flaygare dava fim ao match, saindo vencedor o Foot Ball Pontagrossese que marcou um ponto contra zero. Foram então erguidas vivas ao Sport Paranaense, aos Foot Ballers, Clubs Pontagrossense e Coritibano (Diário Da Tarde, 26 De Outubro De 1909).

As descrições documentadas no *Diário da Tarde*, sobre o jogo, se restringiam a descrever acontecimentos pontuais da partida, como os horários do início, do intervalo e do fim do jogo, ou o momento do gol. De fato, o jornalista não se posiciona, em momento algum, com uma análise técnica ou tática da partida, reduzindo-se a descrever que esta se caracterizava como uma disputa enérgica, rude e violenta – fator que não era bem visto. As limitações de comentários sobre o futebol pelo escrito eram óbvias. Pelo fato de as regras, as questões técnicas e táticas do esporte ainda serem recentes, para o jornalista (que realizava sua primeira cobertura do esporte) e para a maioria das pessoas, esta se tornava uma tarefa difícil. Além disso, como já frisamos, a atração pelo evento estava também na atividade social e não especificamente no futebol. Mesmo nas restrições da reportagem, um fato ocorrido e destacado pelo jornalista foi a atitude defensiva do time Teuto que permaneceu a maior parte do primeiro tempo defendendo.

Assim como as regras, as noções técnicas do jogo também eram novidades a muitos praticantes, e, provavelmente, de maneira mais significativa ainda para os jogadores da cidade de Curitiba que ainda descobriam as possibilidades de manejo com a bola. Ao contrário disso, os pontagrossenses, sob a ótica do trecho supracitado, representavam já possuir mais recursos técnicos, o que poderia ocorrer tanto pela maior experiência destes com o jogo, quanto pela melhor qualidade técnica de seus jogadores, a qual, por sua vez, poderia estar associada àquela.

Nesse sentido, a fotografia a seguir colabora para as análises a respeito do evento:



Fonte: Acervo do Coritiba Foot Ball Club – Data: 1909

A imagem mostra os jogadores do Coritiba e do Potagrossense intercalados, postados em um primeiro plano. É difícil afirmar se a foto é de antes ou depois do jogo, contudo é provável que tenha sido no início da partida, pelo fato de os uniformes dos jogadores estarem limpos. Por outro lado, pela postura das pessoas, fica claro que a intenção em se realizar o retrato era documentar o acontecimento, dando-lhe um sentido de confraternização. Mas qual o motivo do registro deste momento? A utilização de registros fotográficos, na época, não era comum, pois o acesso a máquinas fotográficas era restrito quase que exclusivamente a profissionais. O custo de um registro fotográfico não era de acesso geral a toda a população, o que permitia que apenas os momentos importantes fossem registrados pelas lentes das máquinas. Assim, as pessoas que contrataram esse serviço, as quais possivelmente sejam as mesmas que aparecem no retrato, necessariamente consideravam que aquele momento tinha uma importância significativa, a ponto de ser fotografado, e se pode inferir que esses indivíduos possuíam uma condição econômica que permitia tal ato. Um fato que poderia colaborar, no sentido de compreender melhor o quadro, seria a identificação do autor do retrato, o que não foi possível, visto que o mesmo não está identificado.

No plano central da fotografia, observa-se um senhor que se distingue dos jogadores pela indumentária. O fato de este senhor estar centralizado, e com trajés

sociais, valida a situação de ele ser um destaque entre aqueles ali postados. Possivelmente, tratava-se do presidente do Teuto-Brasileiro ou de alguma outra autoridade presente no espetáculo. Ao lado direito da fotografia, existe, ainda, uma concentração de crianças e/ou jovens, sendo que três deles estão uniformizados, com roupas que remetiam às escolas de instrução militar para crianças, muito comuns no período. Ainda neste plano central, estão dispostos os jogadores das duas equipes em três fileiras – duas delas em pé e uma outra sentada. Provavelmente, a equipe de Ponta Grossa estaria usando os uniformes listrados e a Teuto usando branco.

No mesmo plano dos jogadores, e atrás deles, existem mais pessoas trajadas com roupas sociais, tendo, inclusive, a presença de crianças entre elas. A quantidade de espectadores posicionados para a fotografia é grande – observamos duas ou três fileiras de pessoas. Por fim, ao fundo se observam, pelo lado esquerdo, algumas árvores com uma construção atrás e, mais ao lado direito, outra construção.

Voltando à mesma notícia do jornal, em seguida, é iniciada a descrição dos acontecimentos pós-jogo:

Terminado o match, os teutos foram conduzidos até o Hotel Palermo, onde às 7 horas teve lugar lauto banquete. A mesa em forma de T sentaram as comitivas, estando na cabeceira as directorias da Teuto Brasileira e do Foot Ball Pontagrossens e os representantes da imprensa. Ao dessert foram erguidos diversos brindes entre os quaes destacamos o do Frederico Rummert, presidente da Teuto Brasileira, que disse: 'Meus senhores – Muito immericidamene escolhido para trazer-vos pela palavra o testemunho do nosso mais vivo reconhecimento e a prova mais subida do quanto nos será grato o desenvolvimento e a prosperidade de tão novéis quão esperçosas aggremações patrióticas, sabe-me salientar a disntinção e o carinho com que somos acolhidos aqui e garantir-vos em nome desse punhado de jogadores valentes em regresso aos seus parentes, que immorredoiro e imperecível lavaremos na alma o cunho das mais sincera saudade, de envolta com o echos sonoros desta festividade alegre. No seio das sociedades de agora, ergue-se de novo, o par dessa evolução intellectual da mocidade, a compreensão nítida de quanto vale o desenvolvimento physico do homem, seguindo de perto o seu desenvolvimento moral, para que bem possa desempenhar a missão que o meio social lhe impõe e os deveres cívicos de cidadão e patriota. A sociedade Tiro Pontagrossense deve rejubilar-se hoje, por ver reunidos em um só ideal a mocidade paranaense, a trabalhar sempre pelo engrandecimento da bella pátria brasileira. Nos no congratulamos alegremente com vossas associações, com a sociedade Pontagrossense e com cada um de vossos sócios, pelo brilhantismo com que se revestiu a vossa festa. E sem que tenham havido entre nós vencedores ou vencidos mal, assim soldados que labutam pelo desenvolvimento physico e com este o intellectual da mocidade paranaense, vos aperto a mão amiga em nome de cada um dos nossos companheiros, reconhecidos e gratos. Ao Pontagrossense Foot Ball Club, um hurrah de admiração e entusiasmo' (Diário Da Tarde, 26 De Outubro De 1909).

O fato mais importante deste momento, sem dúvidas, é o discurso do presidente do clube Teuto-Brasileiro – Frederico Rummert. Este expressava muito mais do que o compactuar com a prática do futebol ou de qualquer outra atividade física: manifestava, ainda, uma busca por novos padrões pautados em aspectos civilizados e, portanto, condizentes com os novos ideais da nação. Apesar de não se referir diretamente ao futebol, mas ao desenvolvimento físico em geral, a fala do presidente enaltece o trabalho corporal como um meio de educação cívica, social e moral da juventude, preparando-a, assim, para seus deveres na construção da nação brasileira. A partir das afirmações expostas, intencionalmente ou não, o esporte parecia fazer parte da *tentativa civilizadora* dos jovens ali presentes. Faz-se importante frisar que, para o presidente do clube Teuto, aqueles jovens representavam, acima de tudo, o futuro do Brasil. Desse modo, o esforço em buscar uma sociedade pautada em valores culturais civilizados não estava compreendido apenas nas práticas políticas, mas ocupava também todos os espaços em que havia a interdependencial social (Lucena, 2001:138). Assim, a prática esportiva em muitas circunstâncias era associada ao momento eugênico² pelo qual o país passava. No processo de reestruturação da urbe e da busca pela higiene, profilaxia e saúde, o esporte era um aliado, sobretudo na sua ação educativa da juventude que o praticava. Nas escolas, os movimentos ginásticos, tinham um espaço considerável no componente curricular, pois se acreditava que um corpo saudável era primordial para um aprendizado intelectual satisfatório. É justamente nesta linha de raciocínio que se faz o discurso do presidente do Clube Teuto.

A reportagem é então finalizada com a descrição do restante do evento:

Terminado o banquete dirigiram-se todos para o Club Litarario onde effctou uma soirre dedicada aos coritibanos a qual terminou altas horas da noite sahindo todos satisfeitos com as immensas atenções dispensadas pelos rapazes do Foot Ball Pontagrossense aos seus hospedes. Hontem, em carro, ligado ao trem da tabella, regressaram aos excursionistas, serem acompanhados a gare por grande numero de pessoas. Ao partir do trem foram levantadas inúmeras vivas (Diário Da Tarde, 26 De Outubro De 1909).

² As discussões sobre Eugenia no Brasil surgiram no início do século XX, associado sempre as questões de saúde, higiene e situação racial da população. Estimulado pelas elites emergentes, o movimento eugenista acreditava que a eugenia poderia desempenhar um papel importante no sentido de auxiliar a regeneração nacional, orientando o Brasil a seguir a busca pelo progresso e pela civilidade.

Outro fato relevante na reportagem é o momento em que o jornalista chama os sócios/atletas, do clube Teuto-Brasileiro, de “Coritibanos”. O jornalista, aparentemente se referindo à localidade de origem dos jogadores visitantes, não fazia ideia de que este termo, por ele utilizado duas vezes, acabaria sendo sugestivo na denominação de um novo clube que surgiria. E, finalizando a análise da notícia do jornal, outro importante acontecimento deve ser destacado: o primeiro deles é o de que, em todos os momentos, o jornalista trata o clube de Ponta Grossa como um clube específico para a prática do futebol, ao contrário do Teuto-Brasileiro que era um clube ginástico voltado para atividades demonstrativas, sem caráter competitivo.

Após a notícia da excursão à Ponta Grossa, novamente o futebol e, automaticamente, o Coritiba acabaram saindo de cena em nosso jornal de análise, voltando a aparecer somente em abril do ano seguinte (1910). A questão que fica é: será que não houve mais envolvimento daquelas pessoas com o futebol até a presente data? Ou apenas não houve notícias publicadas? Indubitavelmente, a segunda suposição é a mais plausível, sobretudo depois do importante discurso do senhor Frederico Rummert. Trabalhando com outros tipos de fontes, observando as memórias e a ata de fundação do clube, percebemos que esta hipótese não pode ser completamente descartada.

Surge o Coritybano Football Club

A partida de caráter inaugural, no que diz respeito à disputa de futebol entre clubes de diferentes regiões do estado do Paraná, foi também importante para a criação do primeiro clube específico de futebol na cidade de Curitiba. Os jovens que, até então, eram sócios do clube Teuto-Brasileiro, acabam instalando o Coritiba Football Club, conforme a ata que o instituiu:

Acta de Instalação do Coritybano Football Club

Com o fim de instalar um football club em nossa cidade, reuniram-se no dia 12 de outubro de 1909 alguns moços da nossa boa sociedade e após longa discussão passou-se a eleger a respectiva Directoria, que consta dos seguintes membros: Presidente, Secretário, Thesoureiro, primeiro capitão e segundo capitão.

Segui-se então para a parte regimental:

O Sr. Presidente tomando a palavra expôs um projecto para requerer do Jockey Club Paranaense, o centro do prado, além da raia para preparar o respectivo “Ground”. Expondo também as condições do arrendamento. Com muito entusiasmo foi acolhido este projecto e

acceito por unanimidade de votos, dando poderes a directoria a tomar providências necessárias.

Ficou estabelecido até 31 de dezembro de 1910 uma jóia de 5\$000 e mensalidade de 1\$000, sendo todos os propostos neste tempo considerados socios fundadores. O nome do club é Coritybano Football Club. O uniforme é o seguinte: bonet verde e branco, camisa de flanela verde e branca, cinto verde estreito, calça branca curta, meias compridas sem compromisso de cor, sapatos amarelos apropriados para o campo. Não tendo sido apresentados outros projetos, o sr. Presidente encerrou esta primeira reunião as 10 horas da noite, congratulando a si juntamente com os presentes pela iniciativa das fundação do Coritybano Football Club.

O presidente João Seiler

Em 30/01/10

O secretario Leop. Obladen

A ata de fundação nos apresenta elementos de valor para compreender os motivos da instituição do Coritiba. A partir do nome das pessoas que compunham o quadro diretivo da nova agremiação, bem como os sócios fundadores presentes na reunião inicial³, podemos afirmar que a grande maioria fez parte do grupo que tinha jogado anteriormente em Ponta Grossa. Não sabemos se esses indivíduos se desvincularam ou não do Teuto para fundar o Coritiba, pois, naquele momento, era comum que as pessoas fossem sócias de mais de um clube social⁴. Entretanto, havia indivíduos que não tinham participado do jogo, mas que fizeram parte do estabelecimento do clube.

O documento se inicia justificando que a ideia de fundar o clube vinha sendo pensada desde 12 de outubro do ano anterior. Nesta data, o Teuto-Brasileiro foi convidado para jogar em Ponta Grossa, evidenciando, assim, a influência daquele dia na fundação do clube. Ainda no documento, consta o valor que o clube passou a cobrar como “jóia” pela associação e o valor das mensalidades, além da descrição dos uniformes que o clube iria instituir como oficial. O uniforme instituído para o clube possuía as cores verde e branco, sendo composto de calção, camisas, meias, bonés e sapatos adequados para o campo. Ao definir a necessidade de utilização dos sapatos adequados para a prática de futebol, o clube estabelecia uma forma de segmentação das pessoas apropriadas para participar do mesmo. Os uniformes e apetrechos utilizados para a prática do futebol, no momento, eram importados e de alto custo, não sendo acessível a uma grande parte da população.

³ Ver em ANEXOS 1 a relação completa de sócios fundadores.

⁴ Ao procurarmos a Sociedade Duque de Caxias, antiga Teuto-Brasileira fomos informados que os registros do clube Teuto foram perdidos ou extraviados no decorrer das Grandes Guerras. Como se tratava de um “clube de alemães” estes se sentiram ameaçados nestes períodos, inclusive mudando de nome por imposição da lei.

Contudo, o que chama maior atenção, aqui, é o nome dado à nova agremiação, *Coritibano Foot Ball Club*. Sabendo-se que, de acordo com o jornalista do *Diário da Tarde* – presente na partida na cidade de Ponta Grossa –, durante as festividades e o próprio jogo, os atletas do clube Teuto eram chamados de Coritibanos, como referência ao lugar de onde viam. O próprio jornalista ao escrever a matéria para o *Diário da Tarde* acabou por adotar o termo em referência aos atletas teutos. Assim, a probabilidade da escolha deste nome para o clube, a partir da terminologia Coritibano, pode sim ter sofrido a influência do uso da mesma na cidade de Ponta Grossa. Porém, pode estar, ainda, na linha de identificar o novo clube com sua localidade, pois os clubes de futebol ainda eram embrionários e possivelmente não haveria, naquela época, mais de um clube por cidade. Ainda que não haja evidências, a questão da nomenclatura do clube realizar uma relação identitária com o nome a cidade, no sentido de afirmação do clube na cidade, não pode ser descartada.

Diante desses fatos, não muito claros, é eminente uma série de questionamentos sobre quais os motivos da fundação do Coritibano Foot Ball Club e, até mesmo, quais os caminhos traçados por aquelas pessoas para que os levasse a formação do clube. Nesse momento, torna-se necessária a interlocução com nosso terceiro tipo de fonte, as memórias.

O texto memorialista que usamos como fonte se chama *A Vida do Coritiba Foot Ball Club e o Desporto Paranaense*, escrito por Francisco Genaro Cardoso e editado no ano de 1944 pelo departamento de publicidade do próprio clube. Francisco Genaro Cardoso foi funcionário do Coritiba entre os anos de 1940 e 1950, período no qual desenvolvia atividades voltadas à manutenção da memória do clube. Além disso, Cardoso, que era professor, foi um dos pioneiros do rádio esportivo paranaense, trabalhando na já extinta rádio PRB2 e em outras rádios, bem como na crônica esportiva, de modo geral, até os anos de 1970. Em seus trabalhos usava o pseudônimo de Helênico.

Essa contextualização do autor é importante para a compreensão do contexto em que a obra foi escrita, percebendo que esta foi elaborada dentro do clube e em um período quando, possivelmente, o autor pode ter tido algum contato com as pessoas sobre quem escrevia (os primeiros sócios). Observando a documentação do

clube, muitos dos primeiros jogadores ocuparam cargos diretivos ou de conselheiros enquanto eram vivos.

Alguns de seus sócios, levados pelo incentivo das notícias oriundas da paulicéia e da capital do país, adquiriram uma bola e, nos dias de exercício de campo e pista, chutavam-na, sem conhecer, entretanto, normas e regras do futebol. Em meados do ano, chegava à nossa cidade, vindo de Pelotas acompanhando sua família, Frederico Essenfelder, que, naquele prospera cidade do Rio Grande do Sul, já praticava futebol desde o ano de 1905, integrando o quadro de Esporte Clube Pelotas e, posteriormente, o do União Futebol Clube. Exímio praticante, bastante conhecedor do violento desporto e influído pelos hábitos que trouxera [...] O local preferido dos pupilos de Frederico Essenfelder, era um dos terrenos baldios compreendido entre as ruas Marechal Floriano e João Negrão, atrás do quartel da força pública do Estado. O total de praticantes não era elevada e mais do que doze. Contudo, o entusiasmo não se arrefeceu, e, ansioso para poder efetuar uma verdadeira partida, foi alvitrada a idéia da realização de um 'match' contra um quadro que se havia organizado em Ponta Grossa[...] (Cardoso, 1944:02).

O trecho desenvolve alguns pontos a respeito do início da prática do futebol na cidade de Curitiba. A influência do eixo Rio-São Paulo na cidade de Curitiba, como retrata o cronista, indubitavelmente era comum naquele momento. Como principais polos políticos e econômicos do país, ambas as cidades ditavam, de certa forma, o ritmo cultural da nação. O futebol nessas cidades já estava em um momento mais consolidado, porém é difícil afirmar com tanta precisão como o cronista sobre esta extensão à cidade de Curitiba.

O autor se utiliza da ideia de que alguns sócios do Teuto já praticavam o jogo de bola e que, com a chegada de Frederico Essenfelder – o qual já tinha conhecimento prévio das regras do jogo e participara anteriormente da organização de clubes de futebol –, teve início o preparo daqueles jogadores, em prol da formação de um clube de futebol. Fritz Essenfelder, de fato chegou em Curitiba apenas no ano de 1907, vindo da cidade de Pelotas no estado do Rio Grande do Sul, onde já tivera a experiência de participar da fundação de um clube de futebol, além de ser praticante. Porém, ao mencionar os clubes com os quais Fritz esteve envolvido no Rio Grande do Sul, o autor se equivoca ao citar o Esporte Clube Pelotas, pois este mesmo é fundado apenas em 1908, ano em que Essenfelder já se encontrava na cidade de Curitiba. Fritz atuou como jogador e dirigente do União Esporte Clube, que hoje desenvolve suas atividades apenas como amador.

De acordo com o cronista, devido à falta de atletas resolveu-se marcar um amistoso com um clube já organizado, da cidade de Ponta Grossa. Apesar da

carência documental do escritor, devemos levar em conta que este conviveu com aquelas pessoas e, provavelmente, seus escritos devam ser baseados nos relatos das mesmas.

Fazendo a intersecção desta fonte com as notícias dos jornais, referentes à viagem até Ponta Grossa, observamos que, realmente, foram poucos os jogadores do Teuto que participaram da viagem. Talvez o exagero do cronista estivesse em afirmar, com consistência, que o número de jogadores era exatamente doze. O jogo de bola praticado, até o aparecimento de Frederico (Fritz) Essenfelder, seria sistematizado no futebol regrado, assim atendendo aos padrões e às regras que o caracterizavam como futebol oficial e não o jogo de bola. Sobre Essenfelder, podemos entendê-lo, então, como organizador do clube, uma vez que, de acordo com o relato do cronista, já havia participado na organização de clubes anteriormente e já conhecia esses trâmites necessários para tal, entre os quais, o conhecimento das regras.

O cronista ainda prossegue explicando o processo de fundação do Coritiba:

[...] Quando do regresso, foi novamente alvitrada a idéia da organização de um quadro permanente para novo encontro, afim de retribuir aos pontagrossenses o trato lhano e amigo que tiveram durante a estadia na Princesa dos Campos. No entanto, no vagão mesmo, o Sr. Frederico Rummert, estranhamente, sem alegar motivos demonstrou discordar da sugestão. Tratando-se do chefe da delegação e presidente do clube ginástico Teuto Brasileiro, a que pertencia a quase totalidade dos componentes da comitiva, assentaram estes realizar uma reunião no qual participassem outros diretores do Teuto Brasileiro para ser discutida a opinião dos outros. Foi escolhida a data de 27 de outubro para a sessão. Os debates foram calorosos, a ponto de provocarem atritos pessoais, terminando com a demissão imediata, solicitada ao Clube Ginástico Teuto Brasileiro pelo grupo que se dedicava à pratica do futebol, tendo a frente João Vianna Seiler. Separados da antiga agremiação que negava prestar apoio a iniciativa, na mesma noite, foi oficialmente fundado um clube que receber o nome de 'Coritiba Foot Ball Club', sendo sido considerado como a data de fundação, o dia 12 de outubro de 1909, por ter sido nesse dia, apresentada pela primeira vez, as bases da formação do clube (Cardoso, 1944:02).

Todavia, um fato que também chama a atenção é o destaque dado à origem dos jogadores de futebol do clube Teuto-Brasileiro. Apesar de não explicitar, o cronista nos permite entender que alguns dos jogadores de futebol não eram sócios do clube Teuto, pois menciona que: “a que pertencia a quase totalidade dos componentes da comitiva”. É claro que o autor dessas linhas poderia estar se referindo ao jornalista e a alguns curiosos, que acompanhavam como o restante da

comitiva, porém, no contexto da crônica podemos entender que haviam jogadores não-sócios da Teuto.

O quadro abaixo mostra as pessoas que participaram da excursão, separadas pela sua descendência étnica. Ao observá-lo, nota-se que, dos quinze jogadores, cinco não eram de origem germânica, o que representa 33% do total.

Alemão	Dinamarquês	Inglês	Sueco	Suíço
Arthur Hauer, A. Hauer, Essenelder, L. Obladen, T.Obladen, Maschke, W. Dietrich, Schlenker, João Vianna Seiler	A. Iwersen, Kastrup,	E. Jucksh	A.Labasch	E. Carllerg

De acordo com Cardoso, a possibilidade levantada por todos os jogadores, ainda durante o retorno da viagem a Ponta Grossa, sobre a institucionalização de uma equipe de futebol do clube, tinha sido vetada imediatamente pelo presidente Frederico Rummert e acabou sendo reafirmada em calorosa reunião posterior, entre os diretores do clube.

Ainda na aproximação entre a memória escrita por Cardoso e as notícias do *Diário da Tarde*, há o destaque para a violência e a rispidez do novo jogo. Em se tratando de uma sociedade, até então, acostumada a um esporte cujo esforço maior era do cavalo – o turfe –, em que dificilmente ocorreria qualquer brutalidade, um novo jogo, no qual homens duelavam e se tocavam, era algo que fugia à regra estabelecida até o momento. Em outras palavras, para uma sociedade que buscava um comportamento refinado, esforçando-se em, ao menos, demonstrar um padrão de civilidade compatível, um esporte violento gerava certas incertezas na população.

Mas qual seria o motivo do não-apoio da sociedade Teuto-Brasileira à prática do futebol? Trabalhamos com as hipóteses de que nem todas as pessoas do grupo,

que desejavam a formalização do futebol no clube, eram sócias do Teuto; e que as características do futebol, como o contato físico, busca pela vitória, não eram compatíveis com as finalidades e características de um clube voltado para ao *Turnen*. Os alemães fundaram inúmeros clubes e associações, em Curitiba, cada qual com um propósito e em uma direção muito específica. Como por exemplo, o Radfharer Club, em 1895 – Clube dos Ciclistas Alemães; o Handweark, em 1884 – a Sociedade Beneficente; a Sängerbund, em 1887 – Sociedade de Canto e Música; Deutsher Schutzen Verein, em 1888 – A Sociedade dos Atiradores; e o Deutsher Turnen, em 1883 – a Sociedade Ginástica (Vechia 2008, p.9). Esses clubes, cuja função era preservar a cultura alemã, correspondiam a um meio de convívio social específico a estes indivíduos (ou de descendência), em que havia a possibilidade de preservação e manutenção da identidade cultural germânica. Por sua vez, o Teuto Brasileiro, ou Turnerevim, tinha a finalidade de ser uma configuração em que a prática da ginástica alemã lhe era característica.

A hipótese de que nem todas as pessoas que praticavam futebol eram sócias do clube Teuto-Brasileiro, confirmada pelas narrativas, não era uma situação permitida pelo clube cujo princípio se pautava na manutenção do *habitus* alemão da ginástica. Isto é, a sociedade era voltada exclusivamente para que alemães e seus descendentes praticassem essa atividade.

A prática da ginástica alemã ou do *Turnen*, como também era conhecida, pautava-se em uma proposta histórico-social-política-econômica-pedagógica que acontecia na Alemanha desde meados do século XIX. Surgidos no contexto sócio-político de formação do Estado Alemão, os movimentos ginásticos ajudavam na regulamentação corporal e, dentre seus objetivos, estavam a preparação militar, a disciplina, o convívio social, o nacionalismo e a germanidade; constituindo o *Turnen* por uma forma de expressar a identidade alemã através de movimentos específicos, que se diferenciavam da ginástica francesa, por exemplo (Tesche, 2002:143).

No Brasil, a vida do imigrante (e aqui incluímos o alemão especificamente) foi marcada em seus momentos iniciais pela tentativa de aproximação com as terras natais: por meio de hábitos culturais como o idioma, o amor à pátria distante, o sentimento de nação e, até mesmo, o temperamento, tentando se aproximar e viver como se ainda estivessem no país de origem.

Uma das formas de manter esse *habitus* alemão era a prática do *Turnen*, ao passo que, uma das maneiras de manter esta prática exata, além de realizá-la na escola, foi fundar organizações para isso. Tais organizações ficaram conhecidas como *Turnenven* ou Sociedades Ginásticas, presentes em quase todas as cidades com concentração razoável de alemães e/ou descendentes. (Jesus 2001:02).

A prática do *Turnen* foi instituída pelo alemão Jahn Friedrich Ludwig Christoph Jahn, ou apenas Jahn, no decorrer o século XIX. A proposta ginástico-pedagógica de Jahn era baseada no princípio da pátria e do militarismo. “A arte do *Turnen* não passou de uma atividade voltada a uma mera demonstração de força física” (Tesche, 2002:84). Assim, os movimentos se caracterizavam por ser relacionados a exibições e não à competição. A base dos exercícios era formada pelos seguintes movimentos: andar, caminhar, correr, saltar, exercícios no cavalo, equilíbrio, barra fixa, paralelas, trepar, arremessar ou lançar, puxar, empurrar, levantar, transportar, esticar, lutar, saltar com arco, pular corda. A nomenclatura *Turnen*, para os movimentos ginásticos, foi criada pelo fato de Jahn ser um defensor radical da língua alemã, não aceitando estrangeirismos para denominar algo que poderia ser feito dentro da própria pátria (Pilatti, 2006:133).

Diante das circunstâncias do que realmente era o *Turnen* e quais eram seus reais objetivos, subsidiamos nosso argumento de que pessoas “não alemãs” eram inaptas a participar da associação, pois, justamente, tratava-se de algo muito próprio da aculturação alemã. Além disso, a prática do futebol, um esporte tipicamente inglês, pautado na disputa, não condizia com os objetivos da sociedade Teuto-Brasileira ou *Turneverein*. Somados a esses fatores, a violência observada no jogo em Ponta Grossa pode ser um dos fatores que contribuíram para que o presidente e os diretores da Teuto resolvessem não permitir a prática do futebol no clube.

Observando o livro caixa, no qual constam registros dos primeiros sócios do clube, percebemos que, o grupo fundador do Coritiba não era constituído apenas pelos indivíduos que jogaram em Ponta Grossa. O grupo era formado por 26 pessoas: João Viana Seiler, Leopoldo Obladen, Walter Dietrich, Frederico Essenfelder, Arthur Hauer, Ewaldo Prep, Alfredo Muller II, Alfredo Weigert, Waldemar Hauer, Albino Hauer, Alfredo Hauer, Kurt Hermmam, Theodoro Olbaden, Arthur Iwersen, Henrique Heilmann, Erothides Calberg, Guilherme Escholz, Roberto Jucksh,

Carlos Hauer, Ott Kock, Guilherme Quinkel. Ludwing Hakchbach, Pedro Cunha, Emilio Koch, Arhur Rasslli e Evaldo Hauer. Resta saber se todos esses nomes eram, de fato, dissidentes do Teuto, ou se alguns foram incorporados na fundação do clube devido a algum laço com as pessoas que deixaram o clube. Infelizmente, este levantamento é impossível de ser realizado, pois, todos os registros do Clube Teuto-Brasileiro foram perdidos. O fato, porém, que não podemos deixar de mencionar é que dos “novos nomes” que apareceram na fundação do clube, há predominância de sobrenomes estrangeiros (alemão, norueguês, dinamarquês, etc.), com exceção de Pedro Cunha, um nome tipicamente luso-brasileiro. Assim, os indivíduos deixam a configuração marcada pela homogeneidade étnica da Teuto e se configuram no futebol do Curitiba. Certamente, a configuração étnica dava à Teuto uma homogeneidade maior que a do Curitiba, visto que era pautada na prática do futebol. Assim, ambos os clubes tinham configurações, as quais se distinguem entre si.

Quem eram essas pessoas?

Fundado o clube, se torna importante saber quem eram aqueles cidadãos, quais eram as posições sociais ocupadas por eles na cidade. Dessa forma, neste momento procuramos ambientar esses fundadores do clube no contexto social da cidade de Curitiba.

a) *Frederico (Fritz) Essenfelder*: nascido em Buenos Aires, em 1891, Fritz, como era conhecido, era filho de alemães que imigraram para a Argentina com intuito de desenvolver a fabricação de pianos, aprendida na Alemanha. Em 1904, sua família torna a imigrar, desta vez, para cidade de Pelotas-RS e Frederico passa a trabalhar com seu pai diretamente na fábrica de pianos da família. Por falta de madeiras apropriadas para o desenvolvimento da produção, no ano de 1907, a família e sua empresa rumam para a cidade de Curitiba, a fim de possibilitar o crescimento da indústria (Essenfelder, 1982:30).

Já em Curitiba, Fritz, ainda jovem com aproximadamente 18 anos, passa a gerenciar a fábrica da família ao lado de seu pai, sendo responsável pela área comercial da indústria. Já nesse momento, a *Pianos Essenfelder* consolidava-se

como uma das principais indústrias mundiais na produção de pianos, sendo referência pela qualidade e sonoridade de seus artefatos. Para se ter ideia da representatividade em escala mundial da fábrica, durante o período analisado, cabe citar a conquista do Grande Prêmio do Rio de Janeiro, no ano 1908, como melhor piano, e a Medalha de Ouro na cidade de Turim, na Itália, em 1911 (CHAVES, 1995:59).

Assim, podemos sintetizar que Frederico Essenfelder era um imigrante de descendência alemã, empresário em expansão e se encaixava na indicativa de Magalhães (2001), que formava a primeira classe média do país.

b) Erothides Carlberg era filho de Ernesto Carlos Carlberg, imigrante de origem sueca que veio a Curitiba durante a primeira demanda imigratória que a cidade recebeu, junto com sua família, aos 5 anos de idade. Aqui fundou um Armazém de Secos e Molhados no local onde é hoje a Praça Generoso Marques. Erothides Carlberg, além de ajudar o pai, era fiscal de um órgão público.

c) Alvim Hauer, Arthur Hauer e Waldemar Hauer eram descendentes de José Hauer, um alemão que imigrou para o Brasil em meados de 1860, para a colônia Dona Francisca (atual Joinville-SC) e, em seguida, migrou para a cidade de Curitiba. A família Hauer estabeleceu-se na cidade, primeiramente, com a prestação de serviços para uma selaria. Porém, em pouco tempo, com o sucesso da empreitada, passou a dedicar-se ao comércio de ferragens, fazendas e armarinhos. Simultaneamente, a família também se dedicou à construção civil, com a edificação de sobrados e lojas que eram revendidos. Uma das principais construções da família foi o importante Teatro Hauer. Possuía, ainda, uma grande área de terras na região Sul da cidade, adquiridas com o sucesso de seus negócios, que se estendia de São José dos Pinhais até o Portão (Oliveira 2001:130).

d) Walter Dietrich jogou no Coritiba nos anos de 1909 e 1910. Após isso, passou a ocupar cargos na diretoria do clube até o ano de 1925. Sobre sua vida pessoal, (seus afazeres e quem era) não conseguimos nenhum indício nas fontes.

e) *Arthur Iwersen* foi o fundador e administrador da *Cervejaria Atlântica* no ano de 1901. Esta cervejaria era especializada na produção de cerveja tipo bock, própria para o clima frio, e se consolidou na região local e expandiu, mais tarde, suas instalações com a inauguração do *Bar Atlântica*, em 1913, voltado para a classe média, onde se serviam refeições cotidianas (Carvalho, 2005:73).

f) *João Vianna Seiler* foi um descendente de pai suíço e mãe alemã, cuja família era de condições medianas. No período de fundação do clube, Seiler era sócio da empresa *Codega e Cia*, um armazém de secos e molhados. Começou trabalhando como gerente e acabou comprando a metade do estabelecimento. Em seguida, Seiler ainda fundou as firmas *Guérios e Seiler* e *Seiler e Cia*, também do setor de secos e molhados, tendo excelente posição no comércio de Curitiba. “A casa Seiler e Cia, com grandes transações no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, mantinha 6 viajantes, sendo extraordinariamente notável o seu largo giro de negócios” (Chaves, 1995:231).

João Vianna Seiler participou, ainda, como sócio e empreendedor da fundação de uma série de indústrias na cidade. Todo esse prestígio comercial que possuía, acabou o levando à frente da Associação Comercial do Paraná, durante o período estudado.

g) *Ludwig Egg* nasceu na cidade de Silz, em Innsbruck, na Áustria. Rumou ao Brasil com diversos familiares, onde desenvolveu a técnica da cerveja artesanal, a qual era produzida e vendida na cervejaria que abriu em Curitiba. Adquiriu, também, o supracitado Teatro da família Hauer, onde apresentava peças de cinema, e, ainda tinha um botequim, o qual era ponto de encontro dos amigos jogadores de futebol.

h) *Carlos Schlmker, Maschke, A. Labash, Rodolpho Kastrup e Theodoro e Leopoldo Obladen*: estes jogadores atuaram apenas no jogo de 1909, ainda como sócios do clube Teuto-Brasileiro. Depois disso, em nenhum momento, aparecem nas relações de jogadores, sócios ou dirigentes do Curitiba. Sobre quem eram e o que faziam, não encontramos dados nas fontes utilizadas.

i) A respeito dos demais membros, sócios-fundadores, não encontramos dados. Dessa forma, temos que aparentemente a minoria dos “sócios fundadores” possuía certo destaque na sociedade curitibana. Sendo eles, principalmente, comerciantes e jovens industriais, embora houvesse outros que, certamente, participavam de forma diferenciada dessa configuração, pois não havia relatos sobre estes. Entretanto, quando se tratava da configuração do Coritiba Foot Ball Club, todos possuíam funções mais próximas a de jogadores ou de espectadores. Assim, os indivíduos envolvidos com o Coritiba Foot Ball Club possuíam, também, outros papéis sociais (Reis, 2006) que, em sua maioria, não pareciam ser elevados socialmente.

Mesmo sendo uma minoria dos sócios fundadores que, aparentemente, possuía maior destaque social, os demais indivíduos que faziam parte do clube não fugiam à regra de ser imigrantes ou descendentes. Provavelmente, também eram pequenos industriais e comerciantes, talvez com negócios de menor destaque na cidade. Ou seja, havia uma hegemonia neste grupo de pessoas, não havendo discrepâncias aparentes em suas características sociais. Eram imigrantes que pertenciam à classe média, que, no Brasil, devido aos conhecimentos técnicos, bem como à certa experiência nas relações comerciais, formavam a classe média local, com comércios, manufaturas, artesanatos, entre outros (Magalhes 2001; Oliveira 2001).

A suposta rejeição por parte do clube Teuto, em permitir que tais pessoas praticassem o futebol no clube, fez com que elas se desligassem deste círculo social (*configuração*) que as unia por determinada característica – associativismo germânico, realização de exercícios ginásticos, manutenção da cultura alemã –; passando a ser unida por uma outra situação: a prática do futebol. Porém, o novo clube, não deixa de ter a característica essencial dos demais: o convívio social. O Coritiba, assim, seria uma configuração que se caracterizava por ser formada por um grupo de jovens empresários e comerciantes, a qual tinha como principal prática o jogo de futebol e, também, era um local de convívio social. Apesar de ser o futebol o ponto de convergência entre os indivíduos no Coritiba, não poderemos considerar que este tinha autossuficiência para a própria manutenção. E, por isso, obrigava-se ao desenvolvimento de outras atividades sociais. De todo modo, não podemos deixar de mencionar que era comum que as pessoas participassem de mais de um clube,

naquele período. Um mesmo indivíduo poderia participar de dois círculos sociais, cada qual para uma prática específica. Assim, as pessoas de origem alemã ainda poderiam continuar sócias da Teuro-Brasileiro, mesmo participando do Coritiba.

A Estruturação do Clube

Passadas as turbulências da fundação do clube, o momento posterior era o da estruturação do estabelecimento deste no contexto da cidade. Talvez, mais difícil do que fundar um clube fosse mantê-lo em uma cidade onde o futebol era recente e sequer existiam clubes adversários para as disputas, limitando as atividades do clube a treinamentos e jogos internos.

A escassez de notícias sobre o clube e sobre futebol, no *Diário*, só acabaria no mês de abril de 1910. Entretanto, como noticiado, tudo representava estar em ordem no clube:

CORITIBA – FOOT - BALL – CLUB – Quando hontem, pela manha, chegamos ao Prado já ali estava a garbosa mocidade desse novo grêmio sportivo, a qual em significativa prova de estima saudou com uma tríplice bateria de huirrahs ! Ao seu digno presidente João Seiler, em cuja companhia tivemos o prazer de apreciar o training match. O ground feito a capricho, fica na área fronteira as eccellente posição para os espectadores que livres acompanham as peripécias empolgantes do jogo. Para nosso encanto, a belezza da pasysagem tão nossa, de intenso colorido local caracterizado pólo elance de uns pinheiros abrindo, muito alto, como paraesos verdes, a copa da redonda. E si não fora aquele poira calor de rapé, avassaladora e infiltrante, tudo seria uma delícia. Nada menos de 22 foot-ballers, radosos de entusiasmo, pittorescos no trato, partiram as 7 horas da manha, em bonde especial (Diário Da Tarde, 18 De Abril De 1910).

Como nos outros momentos, em que houve a divulgação das notícias de futebol, a mesma teve início com a descrição dos fatos pré-futebol. Isso era natural, tendo em vista que o acontecimento social ao redor era o motivo mais relevante da cobertura jornalística do acontecimento. O início da reportagem menciona a surpresa dos cronistas com a organização e com a presença do número de pessoas necessárias para a realização de uma partida, neste caso, um treino de futebol. Se anteriormente se fazia necessário o intercâmbio com um clube de outra cidade para a realização de um jogo, agora o novo clube já possuía o número suficiente de atletas.

Outro importante fato relatado é a presença de espectadores durante o treino. Pela carência de informações no texto, não é possível afirmar o quão significativo foi nem a quantidade da plateia. Tampouco se eram apenas pessoas que por ali passavam e resolveram acompanhar uma prática que era novidade, ou se houve o comparecimento em massa devido à uma suposta divulgação do treino. Importante, também, é que o presidente do Coritiba, senhor João Seiler, não era um dos jogadores e apenas acompanhava o *match training* com o jornalista convidado. Apesar de não mencionar, o local do treinamento provavelmente era o Prado do Jockey Club, que, conforme a ata de fundação do Coritiba, já havia sido cedido para a realização de suas atividades.

Seguia então a reportagem com os acontecimentos futebolísticos:

Chegaram aos ground as 7 ¼, dando em seguida o kick-off, iniciado pelo 2 team. Depois de renhido ataque, pelos for wards do 2 team ao qual a defeza do 1 team oppoz forte resistência, conseguiu aqueles fazer o 1 goal. Dando-se o 2 kick-off foi levada a bola, combatida vazou lentamente pelos halves backs, ate o 2 goal, não sendo possível vasa-lo vista da tenaz resistência dos backs e do bravo goal-keeper. Depois dessa heróica lucta, houve o half-time de 10 minutos de descanso, o que afinal de contas não era de muita necessidade, pois os valorosos moços, de enfibravura erijada pelo sport, corados e risonhos, não davam mostras de fadiga. Iniciado o 2 half time houve, como é de regra, a troca de goal. Os forwards do 2 team, com sacrificio, levaram a bola em toda linha, fazendo bellos passes, até os full-backs; os center-forwards passando a bola a extrema direita, este por sua vez passou-a de novo ao seu center, sendo refutada pelo half esquerda forwards, conseguindo afinal fazer um goal. Mais uns ataques violentas e renhidas defezas, as duas partes marcaram o seguinte: 1 team 2 pontos, 2 team 3 pontos. Confraternizados os adversários, numa alegria communicativa, por entre propósitos festejaram o training match. Lhanissimo o tratto que ao representante do Diário dispensaram os captivvos sócios da nova agremiação, a começar de seu presidente, o disfacto sr. João Seiller. Aqui ficam nossos agradecimentos a todos (Diário Da Tarde, 18 De Abril DE 1910).

Não era novidade alguma a falta de conhecimento do jornalista sobre o futebol, fato este observado, primeiramente, pela ausência de noticiário sobre o novo clube e o novo esporte, a qual só foi quebrada com o convite do senhor João Seiller para que o jornalista acompanhasse os treinamentos da equipe. A crônica esportiva, nos primeiros momentos do futebol brasileiro, esteve muito ligada ao colunismo social, deixando o futebol mais próximo de um evento social, do que de uma atividade esportiva. Assim, as notícias eram, em sua maioria, descompromissadas com a qualidade, escritas de forma superficial e fútil, situação esta que só mudaria à medida que o futebol se acentuava no cenário local (Capraro, 2007:68). Essa

questão da falta de ciência das regras e do funcionamento do futebol era algo comum, pois nem mesmos os praticantes, no momento, tinham esse conhecimento.

Segundo um autor que desenvolveu sua pesquisa a respeito da imprensa esportiva, era natural a presença de termos estrangeiros, visto que o futebol se tratava de um “produto de importação”:

Era um estilo de vida que se copiava, que estava embutido no futebol, por isso era reproduzido com vocabulário e tudo. [...] Era um produto importado, e como tal, vinha com seu idioma de origem. Enquanto não se popularizasse, permanecendo sem tradução, quem quisesse desfrutar do novo modismo tinha que conviver com essa infinidade de termos de língua inglesa. E o universo das notícias de jornal dos primeiros anos do futebol seguia a risca esta regra, reproduzindo e difundindo tal vocabulário. Portanto, é bem compreensível que o futebol fosse uma prática pertencente ao restrito universo das elites, pelo menos, era assim que pretendiam os primeiros difusores e formadores de opinião vinculados a este esporte. Talvez estes estrangeirismos levassem a dificuldades de compreensão das regras e do aspecto do jogo. Justificando até que um jornalista chamasse a nova modalidade e “boof-ball” e de “foat-boal”. Com tantas palavras em inglês é natural a dificuldade de se familiarizar com o novo esporte. E conhecer com precisão as regras, técnicas e as táticas do jogo, era um claro sinal de distinção. Limitado aos poucos brasileiros que tinham a oportunidade de estudar na Europa (Botelho, 2005:89).

Dessa forma, concordamos com o autor quanto ao debate a respeito do entendimento de que o futebol, como produto importado, tinha grande quantidade de termos em Inglês, principalmente, pela dificuldade na tradução da regras. Para se ter uma idéia da dificuldade de compreensão e de acesso, a impressão das regras de futebol em Português, no Brasil, só aconteceu por volta de 1916, no Rio de Janeiro (Toledo, 2000:15). Até então, as regras do jogo seguiam duas formas de difusão: a leitura das mesmas, porém eram poucas as pessoas tinham acesso a Língua Inglesa, a qual era escrita as regras. A outra forma era a oralidade, quando a regra passava de pessoa a pessoa.

Mesmo dentro das limitações que possuía para a transcrição dos acontecimentos em sua cobertura jornalística, o cronista busca realizar, ainda que sem condições técnicas para uma análise crítica, um descritivo dos principais lances do treinamento. Para tal, utiliza-se das nomenclaturas futebolísticas ainda em inglês como aporte para sua redação. Ao contrário da cobertura do jogo na cidade de Ponta Grossa, o jornalista já começa a utilizar as nomenclaturas das posições dos jogadores – como os *half-backs* (meio de campo), *os forwards* (atacantes), *full backs* (meio de campos centralizados), *center-forwards* (centroavante), entre outros – para

reproduzir, sob a sua percepção, o andamento da partida que teve a vitória do segundo time. Fato que também é destacado são as condições físicas e o entusiasmo dos atletas que realizavam o treinamento, os quais “não apresentavam fadiga alguma” após o término da primeira etapa de jogo e que durante o todo o tempo jogavam com a “enfibradura enrijada pelo Sport”.

Esta reportagem, retratando com detalhes os treinamentos, foi a única que encontramos no decorrer da pesquisa. Porém, a partir desse momento, o jornal passa a noticiar, na forma de anúncio e não de reportagens, um convite para os sócios-jogadores do clube, quando este organizava treinamento. Esses anúncios apareceriam sempre durante a semana que ocorreria o treinamento até o dia do mesmo. Entretanto, não haveria mais cobertura dos treinos, como neste caso. A utilização do *Diário da Tarde* como meio de divulgação das atividades do Coritiba se tornava necessária, pois o clube ainda não possuía uma sede própria. Assim, utilizando-se de um periódico voltado a um público de classe média, o clube conseguiria se comunicar com a grande maioria de seus sócios. Todavia, mesmo com a divulgação das atividades no principal jornal do momento, acreditamos que o principal veículo de comunicação entre os sócios era o contato direto entre os mesmos.

Contudo, mesmo sendo poucas as informações sobre o futebol, é importante frisar a presença do jornalista no acontecimento. Conseqüentemente, a veiculação de uma notícia, demonstrava que a *configuração Coritiba Foot Ball Club* – movimentação daquele grupo específico de pessoas – tinha algum tipo de importância dentro da *configuração da cidade de Curitiba*. Assim, os indivíduos que tinham funções sociais que lhes reservavam certo grau de importância, ao se reunirem em prol do futebol certamente geravam destaque para esse novo esporte. Aos poucos, o futebol constituía sua autonomia e se fixava no contexto da sociedade local.

É interessante observar que o *Prado* se tratava de um lugar de treinamento, afastado da região central da cidade, próximo ao que foi chamado de região de divisa. O local, pela descrição realizada, não possuía a estrutura de um estádio de futebol. Apesar de o campo ser preparado com capricho, como exposto, não é possível falar a respeito das condições do campo de jogo. Entretanto, o autor

permite entender que não havia arquibancadas para os espectadores, pois estes permaneciam livres acompanhando o jogo. A dúvida que permeia a situação então é: como os jogadores se deslocavam até o local dos treinamentos, visto que se tratava de um lugar afastado do centro da urbe?

O motivo de alguns treinamentos serem noticiados (lembrando que outros provavelmente aconteceram, mas não foram anunciados no jornal) pode ter sido a preparação para o jogo amistoso marcado com o time de Ponta Grossa. “No afã de difundir o futebol, tornar conhecido o campo e retribuir o acolhimento que um grupo de sócios havia recebido quando da excursão à cidade de Ponta Grossa, [...], foi convidado o Foot Ball Club Pontagrossense para um jogo na cidade de Curitiba” (Cardoso, 1944:06).

O jogo de volta, em Curitiba, contra a equipe de Ponta Grossa estava marcado inicialmente para o dia 5 junho, “Infelizmente, devido ao mau tempo, não se realizará o festival anunciado para amanhã” (DIÁRIO DA TARDE, 4 De Junho De 1910). Não era apenas uma partida de futebol que iria acontecer naquela tarde, mas um festival esportivo, contando com apresentações e disputas das mais variadas modalidades esportivas.

Assim publicava o jornal:

CURITYBA FOOT BALL CLUB.

Grande match em 12 do corrente.

Comissão de recepção no Prado e baile:

Major Percy Withers

Generoso Borges

José Julio Franco

João Seiler

Alberto Eschholz

Alvim Hauer

Waldemar Hauer

Walter Dietrich

Fiscal de arquibancada e entradas – José Kovn

JUIZES: De partida – Theodoro Obladem, De chegada – Joaquim Neves, Emilio Koch, Luiz

Kompatscher e Luiz de Paiva.

Corridas de bicicletas

1ª turma 1500 metros

Premio – objecto de valor

1 Ricardo Meister – Odraies – branco

2 Otto Herter – Campeiro – preto e branco

3 Ernesto Hauer – Albatroz – amarelo

4 Ewaldo Hauer – Reio – verde e branco

5 Edmundo Hey Jr – Gavião – preto e branco

6 Alfredo Schwab – Andorinha – branco e verde

7 Alfredo Weigert – Jagunço – preto
 2ª turma corrida a pé em 200 metros
 Premio – objecto de valor
 1 Emilio Ohn – Damlos – preto e branco
 2 Heitor França – Raio – preto e amarello
 3 Otto Hertel – Capeiro – preto e branco
 4 Augusto C. Hauer – Bismarck – azul e branco
 5 Alfredo Schwab – Andorinha – preto, branco e vermelho
 6 Brazilio Scheko – Reino – preto e branco
 7 Walter Dittrich – Nechas – branco
 8 Adolpho Riches – Campeão – branco e preto
 9 Alfredo Weigert – Jagunço – azul e vermelho
 10 Frederico Gote - Zepellim - vermelho e preto
 11 Egydio Bertassoni – Itália – branco e azul
 12 João Colais – Jatepego - preto e branco]
 3ª turma – corridas de bycicletas
 em 3000 metros
 Premio – objecto de valor
 1 Emilio Ohn – Damlos – preto e branco
 2 Ewaldo Hauer – Reio – verde e branco
 3 Guilherme Muller Jor – Explendor – branco
 4 E. Calberg – turco - branco com fxa
 5 Alfredo Schwab – Andorinha – branco e verde
 4ª turma - corridas de bycicletas
 em 4500m metros
 1 Leopoldo Obladen - Excelcior – Verde e branco
 2 Luiz Compatecher – Malacara – preto e branco
 3 Pedro Cunha - Teimoso – branco e preto
 4 Guilherme Quentel – Manhoso – preto e faixa
 5 Viciente Pinheiro – Pensativo – azul e pardo
 6 Emilio Ohn – Danúbio – preto
 7 Alfredo Weigert – Jagunço – branco e vermelho
 8 E. Calberg – Turco – branco
 9 Arthur Hauer – Anher – vermelho
 FOOT BALL
 1º team PONTA GROSSA
 Dawss, Debu, Salvador, Annibal, Joça, Flavio, Ayers – Monteiro Jardins, Braga, Tross.
 Reservas: Miro, David, Correa, e Gómez
 Team Corityba: Walter, Arthur, Weigert, Emilio, Alfredo, Willy, Fritz, Leopoldo, Waldemar, Luiz,
 Rudolpho. REFERE – Wilson
 (Diário Da Tarde, 11 De Junho De 1910).

Dentro do programa, podemos destacar as corridas atléticas, que aconteceriam como “abertura” do espetáculo maior – que seria a partida de futebol. As corridas a pé, base do que hoje conhecemos como atletismo, foi uma das primeiras manifestações, no Brasil, do que chamamos de esporte moderno. Provavelmente, isso se deu pela facilidade de organizar competições, pois estas não exigiam aparato especial (MB, 2001:28). No Rio de Janeiro, por exemplo, eram realizadas competições de corridas a pé, juntamente com competições de corridas de triciclos e bicicletas. Em Curitiba, no período analisado, as competições de corrida

estiveram sempre juntas às partidas de futebol, não havendo, nas publicações do *Diário da Tarde*, referência destas competições, isoladamente.

Em seguida, é válido ressaltar que, no período em questão, observamos que reportagens, ou divulgação de programas de corrida, aconteceram apenas nos dias em que havia futebol, uma vez que esta era sempre a responsável pela abertura do evento. Ou seja, ainda que pequena, o futebol já começa a construir e a ganhar certa autonomia na configuração esportiva local. Autonomia esta que, por exemplo, já validava e dava o suporte necessário para as corridas de bicicleta ou a pé, as quais possuíam um estabelecimento menor que o futebol. Os competidores que participariam das corridas (de bicicleta ou a pé) utilizavam pseudônimos para se identificar e, apesar de não termos subsídios teóricos e práticos, podemos deduzir que esses codinomes tinham alguma representação, ao menos simbólica, de seus pertencentes. Por exemplo: Egydio Bertassoni utilizava Itália, sendo possivelmente um italiano ou descendente.

O *grand match* que se realizaria nas dependências do *Prado*, ganhava ares de um grande evento. A entrada das corridas de bicicleta e a pé na programação, bem como a realização do baile, assim como ocorreu em Ponta Grossa, ajudavam no incremento da programação da festividade. Os bailes eram bastante tradicionais entre os clubes e associações, incluindo aí as esportivas, naquele período. As “festas sportivas”, como eram geralmente denominadas, foram marcantes no processo de introdução do esporte no Brasil, em que, além das práticas esportivas, realizavam-se piqueniques, saraus dançantes, chá da tarde e até mesmo bailes (Capraro, 2002:30).

A necessidade de afirmação do futebol, ainda uma novidade para a maioria da população, também pode ser apontada como um dos motivos pelos quais houve a aproximação com outros esportes, mais pertinentes ao cotidiano momentâneo. Naquele momento, o esporte predileto e com maior visibilidade local era o turfe. Com páreos realizados semanalmente, o Jockey Clube do Paraná oferecia uma infraestrutura condizente com os anseios de uma emergente e fina sociedade curitibana. Assim, o glamour das elites em busca da civilidade podia ser observado nas festividades realizadas no Prado do Jockey (Capraro, 2002:42). Localizado no bairro do Guabirotuba, o Prado Paranaense, como era conhecido, marcou uma nova fase do esporte na cidade de Curitiba. Se o futebol já tinha condição de dar o suporte

necessário às corridas, aquele ainda não possuía uma autonomia para se fixar sozinho no cenário esportivo local. Portanto, na medida em que o futebol começava a se legitimar, podendo dar subsídio a outras modalidades, isso ainda não seria o suficiente para sua automanutenção. Era necessária sua vinculação ao turfe, pois os requisitos mínimos para realização do jogo de futebol, como um campo e arquibancadas para torcidas, ainda não existiam na configuração futebolística local.

Outro fato que desperta atenção, no anúncio da programação que seria realizada, é a grande quantidade de novos sócios participando das atividades. De fato, o número de sócios do Coritiba, do momento da sua fundação até a data deste evento, cresceu de forma muito rápida, chegando a 107 sócios, aproximadamente. Ou seja, um crescimento de aproximadamente 415% do número antigo de sócios do clube. Tendo em vista que os únicos gastos com divulgação, que aparecem no livro caixa, são com anúncios nos jornais *Diário da Tarde* e *Der Kompas* (escrito em alemão gótico, voltado à colônia alemã) nas vésperas do festival esportivo, deduz-se que o angariamento de novos sócios era realizado no “boca a boca”, dentro do círculo de amizades daqueles primeiros fundadores. Mesmo com o número de sócios do clube aumentando, as pessoas que participariam do jogo de futebol eram as mesmas que haviam participado da partida anterior. Ao mesmo tempo, em sua grande maioria as corridas eram realizadas por estas mesmas pessoas, somadas a alguns outros novos sócios. Assim, essas corridas seriam uma forma de realizar atividades para alguns destes novos integrantes do clube, já que o futebol ainda era de domínio de poucos indivíduos, os mesmos que já o praticavam. Apesar de se tratar de uma configuração voltada ao futebol, o clube tinha a necessidade de que outras práticas fossem realizadas.

Novamente observando os nomes e sobrenomes das pessoas, nota-se que estas são de variadas descendências. A participação dos novos sócios fica bem evidente, também, quando observada a escalação dos jogadores do Coritiba para a presente partida.

Ainda sobre a programação, cabe ressaltar a presença das corridas de bicicletas. O ciclismo, que já era bem difundido na Europa, inclusive sendo considerado pelo historiador Eric Hobsbawm como o primeiro esporte de massas, também tinha uma enorme popularidade no Brasil, naquele período. Os fabricantes

de bicicletas lançavam-na como símbolo da liberdade, devido ao seu alto grau de mobilidade e, desse modo, conquistavam a população (Jesus, 1999:19). Não era raro encontrar anúncios, no *Diário da Tarde*, de estabelecimentos que vendiam bicicletas. Em São Paulo, a relação ciclismo-futebol ia além dos eventos que agregavam as duas modalidades, pois o futebol utilizou a estrutura do ciclismo para sua organização inicial. É claro que não era a mesma situação que acontecia em Curitiba, pois o ciclismo ainda não era associado ao esporte competitivo e sim à prática livre. Porém, a presença do ciclismo deveria chamar a atenção de alguma forma, da população, pois sua inclusão, possivelmente, era para atrair o público.

A divulgação do evento não se restringia apenas à notícia no jornal, havia, também, a propagação por meio de folhetins. Existia a necessidade de mostrar a organização do novo clube à cidade e, sobretudo, aos convidados, pois este provavelmente não tinha grande repercussão na urbe, e um evento como tal representava uma possibilidade de divulgar a associação. O folhetim trazia, basicamente, a programação do festival esportivo, do mesmo modo que a matéria publicada no jornal. Constava, então, na parte superior da página, o título com o nome do clube: Curitiba Foot Ball Club. Logo em seguida, a organização das várias corridas de bicicletas e a pé, com os nomes dos participantes e o prêmio oferecido aos vencedores. Na parte inferior da página, estavam as escalões dos jogadores que iriam participar do jogo de futebol. Na lateral direita, havia um chamado dizendo que crianças e mulheres teriam acesso livre ao *Prado* e, na lateral esquerda, estavam os preços das arquibancadas para homens (dois mil contos de réis) e a geral (as pessoas ficavam em pé ao lado do campo de jogo – mil contos de réis). Resta saber onde e qual foi o meio em que esses folhetins foram utilizados para a propaganda do jogo e, também, qual a tiragem de impressão do mesmo.

Curityba Foot-Ball Club

Grande match em 12 do corrente
NÓ PRADO PARANAENSE
 no novo Ground.

Comissão de recepção no Prado e baile.

ENTRADAS: Geral, \$000 - Archibancadas, 2\$000

Senhoras e crianças terão entrada gratis

Fiscal de archibancada e entradas:
 Major Percy Withers
 Heneroso Borges
 José Julio Franco
 João Seiler
 Alberto Escholz
 Alvim Hauer
 Waldemar Hauer
 Walter Dietrich

JUZES: De partida—Theodoro Oldades, De arbitragem—Joaquim Neves, Emilio Kech, Luiz Kerpatscher e Luiz de Paiva.

Corridas de Bicycletas
 turma 1500 metros. Premio—Objecto de valor.

1. Ricardo Moister—Odrades—branco *não correu*
 2. Otto Hertel—Campeiro—preto e branco *bagageira*
 3. Ernesto Thuer—Albatros—amarelo *não correu*
 4. Ewald Hauer—Raio—verde e branco *2º lugar*
 5. Edmundo Hey Joe—Gavião—preto e branco *1º vencedor*
 6. Alfredo Schwab—Andorinha—branco e verde *3º lugar*
 7. Alfredo Weigert—Jaguão—preto *não correu*

2.ª turma—Corrida a pé em 200 metros—Premio—Objecto de valor.

1. Emilio Ohn—Danlos—preto e branco *não correu*
 2. Heitor Franca—Raio—preto e amarelo *1º vencedor*

3. Otto Hertel—Campeiro—preto e branco
 4. Augusto C. Hauer—Bismark—azul e branco
 5. Alfredo Schwab—Andorinha—preto e branco
 6. Brazilio Scheko—Reino—preto e branco
 7. Walter Dietrich—Nechas—branco
 8. Volpho Riches—Campeiro—branco e preto
 9. Alfredo Weigert—Jaguão—azul e vermelho
 10. Frederico Grote—Zepelin—vermelho e preto
 11. Egídio Bertassoni—Italia—branco e azul
 12. João Colais—Jatepego—preto e branco.

3.ª turma—Corrida de bicycletas em 300 metros
 Premio—Objecto de valor.

1. Emilio Ohn—Danlos—preto e branco
 2. Ewald Hauer—Raio—verde e branco
 3. Frederico Grote—Zepelin—branco
 4. E. Galtier—Furacão—branco com faixa *1º vencedor*
 5. Alfredo Schwab—Andorinha—branco e verde
 6. Ricardo Moister—Odrades—branco

4.ª turma—Corrida de bicycletas—400 metros
 Premio—Objecto de valor.

1. Ricardo Moister—Odrades—branco e verde
 2. Ewald Hauer—Raio—branco e preto *2º lugar*
 3. Edmundo Hey Joe—Gavião—preto e branco
 4. Alfredo Schwab—Andorinha—branco e verde
 5. E. Galtier—Furacão—branco *1º vencedor*
 6. Arthur Hauer—Abner—vermelho

FOOT-BALL

Grande Match

1.ª team Ponta Grossa: 3 Pontos
 Debu—Dawss—Salvador Annibal—Joca—Flavio
 Ayers—Monteiro Jardim—Braga—Tross

Reservas: Miro—David—Correia e Gomes.

Team Curityba: Vencedor 5 Pontos
 Walter—Arthur—Weigert Emilio—Alfredo—Willy
 Fritz—I. Waldemar Luiz—Rudolpho Referee—Wilson

Fonte: Acervo do Coritiba Foot Ball Club

Os preparativos para a festividade não foram poucos e também não se restringiram às divulgações via jornal ou folhetos. No Livro Caixa do clube, notamos um volume alto de gastos com os preparativos e organização do evento. Entre os meses de março e maio, o clube vendeu um total de 56 ações de 10.000 réis cada (no total de 560.000 réis), com o propósito de arrecadar valores para colaborar com a construção do campo. Neste mesmo período, o clube contratou o empreiteiro Baptista Russolo, ao custo total de 900.000 réis, apenas para a construção do campo no terreno do *Prado*. O campo de jogo utilizado, até o momento, era o centro da pista de corridas de cavalos do *Prado*, local que certamente não possuía as condições necessárias e ideais para se jogar futebol. Assim, fazia-se necessária a intervenção financeira do clube para o preparo de um campo de jogo com qualidade.

Além da despesa com o “ground”, o clube teve os seguintes gastos para promover o festival: 50.000 réis para a Banda do 4º regimento; 140.000 para a orquestra Carlos Frank; 16.000 para aluguel de um carro para o árbitro da partida; 24.700 por uma nova bola de futebol; 48.000 para contratação de 6 bondes que conduziram as pessoas ao *Prado*; 5.000 para aluguel de um carro especial para o jogador Silva Jardim do time de Ponta Grossa; e 52.200 com a hospedagem da delegação visitante no Grand Hotel (Livro Caixa 01 do Coritiba Foot Ball Club, 1910).

Alguns fatos nesta análise financeira do evento merecem um pouco mais de atenção. O primeiro deles é o fato de o clube ter que alugar carros para o árbitro da partida e para um dos jogadores adversários. Quanto ao árbitro, leva-se em consideração que eram poucas as pessoas possuidoras do conhecimento explícito das regras do jogo, e estas teriam algum privilégio devido à sua importância na realização do espetáculo. Porém, o fato de Silva Jardim receber o aluguel de um carro não possui aparentes explicações, a não ser que ele fosse o presidente do time pontagrossense ou uma personalidade consagrada no período, sendo de bom gosto da equipe anfitriã oferecer tal comodidade à autoridade pontagrossense. Outro fato interessante é observar o valor da bola de futebol, que era aproximadamente metade do gasto com a hospedagem de uma delegação inteira, em um dos Hotéis mais luxuosos da cidade na época e quase metade do gasto com o aluguel de seis bondes no trajeto centro-Prado-centro. Desse modo, participar e/ou organizar uma partida de futebol exigia um patamar financeiro mínimo do clube, pois as bolas, os uniformes e as chuteiras ainda eram todos importados e, portanto, de custo elevado.

Nesse sentido de análise dos gastos do clube e de preparação para o jogo, é interessante frisar como era o processo de aquisição dos uniformes que seriam usados no dia da partida. O uniforme da equipe, cujo modelo havia sido determinado na ata de fundação, com camisas, gravata, boné e calças, era previamente comprado pelo clube (menos as calças) e, depois, adquirido pelos jogadores. Vale ressaltar o cuidado na análise desta questão, pois no caixa do clube consta a venda de uniformes em número igual aos que iriam ser utilizados no jogo. Concluímos, portanto, que cada jogador era responsável por adquirir seu próprio uniforme. A condição de o atleta ser responsável pela compra das vestimentas para o jogo demonstra, primeiramente, a característica amadora do futebol, em que é necessário

que o jogador arque com os custos dos uniformes. Por conseguinte, para adquirir as roupas do jogo – importadas e de custo elevado –, era preciso que estes jogadores possuíssem uma boa condição financeira.

Na tentativa de contribuir com as análises do dia do evento, a imagem abaixo nos permite observar as condições do *Prado*:



Fonte: Acervo do Coritiba Foot Ball Club – Data 1910

A fotografia registra algum momento do jogo entre Coritiba Foot Ball Club e Pontagrossense – o primeiro realizado na cidade de Curitiba. Em primeiro plano, observam-se os jogadores durante a disputa, em que há alguns de uniforme predominantemente branco e outros com uniformes listrados em branco e uma cor escura, a qual não pode ser identificada. Quanto ao campo, está demarcado com as linhas necessárias para a realização da partida, o que nos leva a crer que os praticantes tinham conhecimento prévio das regras do jogo. Mesmo com o investimento realizado pelo clube para a construção de um campo de jogo com condições apropriadas para praticar futebol, nota-se na imagem que o mesmo ainda possuía certas deficiências no gramado. Observa-se que o gramado não era contínuo nem nivelado e havia vários trechos com buracos e sem grama.

A fotografia foi tirada do lado oposto às arquibancadas e bem próximo à outra linha lateral do campo. Pela angulação não é possível identificar a quantidade exata de espectadores nos demais locais do espaço. O fotógrafo demonstra ter certa experiência, pois centraliza bem os jogadores em ação, colocando-os em destaque na foto.

No segundo plano da fotografia, notamos uma grande presença de espectadores. Existe um lance de arquibancada – o local mais nobre e de maior custo para a platéia (dois mil contos de réis), porém com menor capacidade –, a qual é alta, pois existe uma escada lateral de acesso e está completamente cheia. Havia ainda, um grande número de pessoas postadas lado a lado próximas à linha lateral do campo, local denominado “geral”, que tinha maior disponibilidade de lugares e custo mais baixo (mil contos de réis). Nota-se que estas estão, em sua maioria, trajando roupas escuras e algumas usam chapéus – hábito comum no período. A presença de dois espaços diferentes e com condições distintas para o público, indica que mesmo entre as pessoas que formavam a configuração do Coritiba havia dessemelhança. As arquibancadas, mais caras, provavelmente eram ocupadas pelos sócios do clube, ao passo que as gerais, mais baratas, possivelmente eram preenchidas pelas pessoas de menor poder aquisitivo.

No terceiro plano da fotografia, observam-se poucas residências e algumas árvores, evidenciando que o local ainda não era muito povoado. Como já frisamos, o lugar era afastado do centro urbano da cidade. E justamente por não estar localizado na região central, a qual sofreu o processo de transformação nos traços urbanísticos, as condições na região do Prado não deveriam ser das melhores. Uma das maiores dificuldades na região era o acesso ao local, que se dava pela antiga estrada que levava aos campos de São José dos Pinhais. Ainda na observação do terceiro plano da fotografia, observamos que esta condiz com a descrição que o jornalista realizou outrora sobre a região: “Para nós encanto, a belezza da pasysagem tão nossa, de intenso colorido local caracterizado pólo elance de uns pinheiros abrindo, muito alto, como paraesos verdes, a copa da redonda” (Diário Da Tarde, 18 De Abril De 1910).

No dia seguinte ao evento, o *Diário da Tarde* noticiava como tudo tinha acontecido:

Jamais vimos uma sociedade estrear com sucesso igual ao alcançado pelo Coritiba Foot pelo bom tempo, um claro domingo após dois de horrenda chuva; talvez pela reclama yankee desenvolvida em torno do festival: o facto é que o match de hontem teve extraordinária assintencia. A colônia allemã em pezo agitava-se, loura e palreira, nas archibancadas que ali chegasse julgaria estar em plena Germânia, muito concorrendo para a illusão o habito intolerável de nossos teutos preferindo se expressar no idioma de seus maiores. A curiosidade foi, de certo, um dos motivos do grande sucesso de hontem: o foot-ball, como já dissemos é pouco conhecido aqui e todos queriam saber-lhe a peripécias. Quando ao fulgor da festa cabe, em boa porção, aos valentes sócios do Coritiba Foot Ball Club os quaes, com o seu incançavel presidente à frente sr. João Seiler, foram pródigos de boa vontade e esforços. Para o real interesse despertado pelo match concorreram sobremaneira os intrépidos foot-ballers pontagrossenses, que luctaram não só contra adversos hábeis, como também com as condições desfavoráveis do ground. Relatemos a festividade a começar da CHEGADA DOS PONTAGROSSENSES (Diário Da Tarde, 13 De Junho De 1910).

A surpresa do jornal foi com a quantidade de pessoas que presenciaram o festival esportivo e, principalmente, com a empolgação delas, pois, conforme já discutimos anteriormente, tratava-se de um esporte recente para o público em geral, o qual era atraído pela curiosidade despertada pelo futebol. É importante ressaltar que, para o jornal, e possivelmente para a população, o evento tratava da inauguração do clube. Apesar do clube estar oficialmente fundado e já ter realizados atividades, como o treinamento que anteriormente observamos, as festividades deste momento não se tratavam apenas de futebol, mas também da inauguração social do clube. Não se sabe, porém, se esta questão foi criada pelo próprio jornalista, ou se era uma forma de despertar interesse e atrair mais pessoas para o espetáculo, por se tratar da “inauguração” do clube. O fato é que este esporte por si só ainda não era capaz de atrair a quantidade de público surpreendente relatada pelo cronista. Era necessário mais do que futebol para atrair o público, era preciso que o evento social tivesse a capacidade de atraí-los, pois, nas palavras do próprio cronista, “o foot-ball, como já dissemos é pouco conhecido aqui e todos queriam saber-lhe a peripécias”.

Em Curitiba, utilizando inicialmente a estrutura do turfe e outras modalidades como suporte para as associações e partidas, o futebol se popularizou e, automaticamente, passou a levar mais espectadores para as partidas. Nessa popularização, é claro que o futebol também atingiu as camadas sociais mais simples. Todavia, a divulgação do esporte, ficava restrita aos clubes – os quais existiam a partir de sócios com um patamar social mais elevado e, por isso, davam mais projeções às notícias nos periódicos.

Entretanto, na nota acima o jornalista se refere aos sócios do Coritiba e aos espectadores, em geral, como partes da colônia alemã, mensurando que os mesmos, em sua maioria, se comunicavam na em Alemão. Esta confusão foi provavelmente causada pela segmentação de alguns sócios do Teuto-Brasileiro para fundar o Coritiba Foot Ball Club, o que talvez ainda não fosse da sabedoria de todos. O *habitus* de falar em Alemão era uma das características que movia a configuração do clube Teuto, devido às características sociais das pessoas que a formavam. Em um primeiro momento, esse *habitus* também pode ter sido uma característica da configuração do Coritiba, uma vez que no clube havia grande predominância de germânicos, o que pode ter atraído pessoas desta etnia para a platéia do espetáculo. Possivelmente, tal segmentação ainda não era explícita no contexto da grande configuração da cidade de Curitiba, porque poderiam existir pessoas que continuassem sócias de ambos os clubes, situação normal para o período, visto que o pertencimento clubístico ainda não estava consolidado. O Coritiba, porém, não poderia ser marcado, naquele momento, como um clube exclusivo da colônia alemã, como o Teuto, pois, como já demonstramos, havia indivíduos de outras etnias, inclusive luso-brasileira. Entretanto, essa aproximação e comparação ocorreram, já que a grande maioria dos adeptos era descendente de alemães, sendo inclusive ex-sócios do Teuto-Brasileiro.

E seguia assim a notícia:

Sabado ás 8 horas da noite os foot-ballers coritibanos, encorporados e acompanhados da banda de musica do 4º regimento de infantaria, esperaram na estação da estrada de ferro os seus collegas de sport pontagrossense. Ha approximação do trem foram erguidos entusiasticos vivas, por parte da compacta massa que se acoteitava na gare vivas esses ardorisamente correspondidos pelos recém-chegados. Feitas as apresentações da pragmática pelo presidente do 'Coritiba Foot Ball Club', sr. João Seiler, dirigiam-se todos, hospedes e povo, para o teatro Hauer, precedidos da banda musical que ia executando magníficos dobrados. O numeroso préstito, sahindo da gare ferro-viaria, percorreo as ruas Liberdade, 15 de Novembro, Praça Tiradentes, ruas José Bonifácio e Assunguy, em cujo trajecto eram vivados os dois clubs. Chegado o préstito ao teatro Hauer foi ser servido um copo d'agua aos hospedes, sendo erguidos calorosos vivas. (Diário Da Tarde, 13 De Junho De 1910).

A chegada dos jogadores visitantes foi tratada como algo grandioso por parte dos dirigentes do Coritiba. A iniciar pela presença da banda de música e pelo comparecimento de grande quantidade dos sócios do clube para recepcionar os pontagrossenses, incluindo um desfile pelas principais ruas do centro da cidade. O

que não podemos mensurar é se toda essa recepção fazia parte de uma compensação pelo que havia sido recebido anteriormente, na cidade de Ponta Grossa, ou se fazia parte do processo de divulgação do novo clube. O fato de o clube ser composto, em boa parte, por empresários da indústria e do comércio também justificava todo o aparato dado ao evento. Tratava-se de uma classe média, emergente, que detinha uma situação econômica confortável, a qual permitia bancar as solenidades. Além disso, tais festividades apresentariam de forma grandiosa o clube e aquelas pessoas para a cidade. As ruas pelas quais as comitivas passaram em desfile eram as principais da urbe, nas quais se desenvolviam o comércio, os prestadores de serviços (médicos, advogados, dentistas), os bancos, etc. Era o novo esporte sendo apresentado ao ponto moderno e civilizado da cidade. A Rua da Liberdade, por exemplo, já delineava a *Belle Epoque* curitibana, devido ao seu desenvolvimento e às suas construções modernas (Hoerner Jr, 1943:76).

A comitiva pontagrossense compunha-se dos srs. Major José Miro de Freitas, capitão Fernando Bittencourt, Frederico Tross, Atílio Palermo, João Dors, Franklin Silva Jardim, Targino Silva, Florêncio Monteiro, Jose Salvador, Aníbal Silva, Roland Ayres, Januário Parrigi, Arcezio Braga, Nestor de Almeida, Debut, João Muniz, Flavio Guimarães, David Pellizzani, Antonio Gomes, João Hoffmann Junior, Manoel Correa. NO PRADO, foi uma das festas realizadas no Prado do Jockey Club Paranaense que maior numero de assintentes ali atrahiu. As archibancadas estavam completamente ocupadas por senhoras e sehoritas e assim também as áreas que circulavam o pavilhão, onde mais de mil cavalheiros se entrecruzavam ansiosos pelo momento do grande match que ia se realizar. Ao meio dia chegaram os primeiros bonds conduzindo os teans que iam entrar em luta e muitos convidados, começando a essa hora, a affluencia de povo aquelle ponto em festas, affluencia que se fez notável até á tarde. Em obediência ao programa, realizaram-se as corridas de bycicletas e a pé, sendo vencedores da 1 turma o sr. Edmundo Hey Junior. A segunda corrida foi a pé, disputada em 200 metros e saindo vencedor Brasilio Scheka. A terceira turma de bycicleta, correo 1500 metros, chegando em primeiro logar Erotides Calberg,e em 2 E. Hauer. O quarto páreo em 4500 metros foi disputado apenas por Viciente Pinheiro, Pedro Cunha, A. Weigert e Erotides Calberg. Chegara então à hora do match, anciosamente esperado. O MATCH. O Ground, bastante humido e com terra fofa, estava pesado e perigoso, entretando os lutadores mostraram entusiasmos, ao signal de formação dado pelo refere sr. Wilson. A inauguração do campo foi feita pela uma comissão de moças, composta das senhoritas Elly Franck, Martha Koch, Margarida Hey e Adelaide Glaser, as quaes alçaram ao mastro central do pavilhão verde e branco do Coritiba Foot Ball Club, tocando por essa ocasião, o hymno social (Diário da Tarde, 13 de junho de 1910).

Além disso, o futebol era, sobretudo, um acontecimento social, assim como os chás da tarde, os saraus e os bailes, dos quais, necessariamente, toda a alta sociedade participava. A quantidade de público descrita também é algo notável. Embora a fotografia do jogo não nos permita afirmar com precisão o número de

espectadores, segundo os relatos, havia mais de mil cavalheiros localizados na geral, número que se somado ao público das arquibancadas aumentaria ainda mais o total de espectadores. Se observarmos a população da cidade de Curitiba no ano de 1910, que era cerca de 60.800 pessoas (Ribeiro 1985, p.34), a quantidade de pessoas que frequentaram o evento era muito significativa. Desse modo, o investimento do clube na divulgação, via jornal e folhetim, certamente gerava a resposta esperada pelos dirigentes do clube. A grande presença do público lotava não só as arquibancadas, mas também os arredores do campo (vide fonte icnográfica acima).

A presença das senhoras no espetáculo estava associada ao fato do evento não se limitar às práticas esportivas e sim, igualmente aos saraus, aos bailes e às festas, serem ambientes de sociabilidade no período. Acompanhando seus maridos, as mulheres usavam os eventos esportivos, do início do século XX, para desfilarem seus belos e importados vestidos, bem como a sua civilizada educação europeia (Melo, 2001:149). No turfe, esporte já consolidado no cenário local, por exemplo, também havia a presença feminina. Assim, nestes eventos sociais era possível que um pai apresentasse sua filha à sociedade, ou providenciasse um casamento, por exemplo. E justamente nesse quesito, embora de uma forma um pouco mais ativa, participando do cerimonial de inauguração do campo, as senhoras Elly Franck, Martha Koch, Margarida Hey e Adelaide Glaser, esposas de sócios que participariam do jogo, carregavam a bandeira do Coritiba no momento de tocar o hino social. A respeito da bandeira, não constam em registros do clube os gastos para manufatura ou compra desta. Provavelmente, as próprias senhoras devem ter se encarregado de confeccioná-la, no entusiasmo da febre futebolística de seus maridos. A dúvida que permeia, entretanto, é sobre o hino que foi executado, sobre o qual não encontramos indícios.

Na sequência da reportagem, o jornalista apresentava, de forma breve, os vencedores das corridas, a pé e de bicicleta, que antecederiam o jogo de futebol. Na visão do cronista, era justamente o jogo de futebol que o público aguardava com maior expectativa, em uma mistura de curiosidade, dúvida e entusiasmo em conhecer o novo esporte. Finalmente, o jornal escrevia de maneira breve sobre os acontecimentos próprios do futebol. Como já observamos, até então, todas as vezes

em que o jornalista iniciava os relatos próprios sobre o esporte, apresentava dificuldades em fazê-lo. Assim, o autor faz breves relatos dos gols e de alguns momentos específicos da partida, destacando novamente o caráter violento do jogo:

Formados os teans, ficaram organizados pela seguinte ordem: Dayres, Debu, Salvador, Joça Parigge, Annibal, Tros, Flavio, Jardim, Monteiro, Ayres. VERSUS: Fritz, Leopoldo, Waldemar, Paiva, Kastrup, Emilio, Alfredo, Willy, Water, Weigert, Arthur. O kick-off coube ao team Pontagrossense. Dado o primeiro shoot a bola e, com bem combinados passes fez violento ataque ao goal Pontagrossense, onde foram repellidos pelo valente goal-keeper. A lucta, indecisa nos primeiros cinco minutos, tornou-se logo renhida. O team brando, do Coritiba, dono e conhecedor do campo, combatia com vantagem, e assim, no terceiro ataque, Waldemar passou a bola a Paiva, que rapidamente schotou de enviez vasando o goal. Entre vivas e aclamações foi marcado o primeiro ponto em favor do Coritiba. Ainda o segundo e terceiro goals foram feitos de team branco, cabendo o quarto ao team pontagrossense. Foi applicado um penalty-kick ao Coritiba. Aproveitando-se disso, Jardim, em um shot feliz e vasa o goal contrário. Passando para o segundo tempo, a lucta se fez de novo e violento, marcando o Coritiba mais um goal, em seguida o pontagrossense, em dois ataques, marcaram, quase a seguir 2 pontos mais, fazendo por fim o Coritiba mais um goal. Terminada a lucta, que durou 1 ½ hora, foi marcado o seguinte resultado: Coritiba 5 goals, Pontagrossense 3 goals. Os valentes jogadores pontagrossenses todos bem treinados, fizeram linda defesa, não sendo porem, felizes no ataque, devido a diferença ao campo, visto que estavam habituados a jogar em chão secco. Ainda assim, os passes de Monteiro, Flavio, Tross e Jardim foram applaudidos, bem a defesa do goal-keeper, sr. Daws. O team Coritiba, com uma linha de ataque disciplinada com possantes backs, colheu palmas ao sahir victorioso do campo (Diário Da Tarde, 13 De Junho De 1910).

Se a descrição dos gols que aconteceram na partida era feita de maneira sucinta, ao final do texto já existia algumas considerações, ainda que de forma rápida, em que o cronista argumenta sobre as equipes, de maneira geral. Para a equipe de Ponta Grossa, considerava ele que as condições do gramado úmido atrapalhavam o time que era bem treinado e possuía uma boa defesa. Já o Coritiba, possuía um ataque disciplinado e com possantes defensores. Estes comentários, sem embasamento técnico aparente do autor, podem ser considerados mais uma questão retórica sobre o seu estilo de escrever. Mesmo com dificuldades em entender a dinâmica do futebol, o autor passa a construir o que passaria a ser o campo da crônica esportiva, permeando sua análise, nesse momento, de elementos empíricos para o entendimento do jogo. Dentro das circunstâncias, estes comentários aconteciam porque o jogo, aos seus olhos, parecia mais agradável em relação aos outros que o jornalista acompanhou. Visto que o momento máximo do futebol é o gol, e até momento esta era a partida que houvera o maior número de gols, certamente gerando uma emoção maior no público.

Mais uma vez, entretanto, podemos observar a preocupação do jornalista com a rispidez proporcionada pelo jogo. Até o momento, os esportes mais vivenciados na cidade de Curitiba eram o turfe e o tiro, os quais não exigiam qualquer contato físico entre as pessoas, que tinham atitude passiva no desenrolar da prática. O futebol por sua vez, caracteriza-se por um jogo em que o contato físico é quase inevitável. Ou seja, para o jornalista, como possivelmente para a maioria da população que ainda não conhecia o futebol a fundo, as características do novo esporte deveriam causar grande surpresa, devido ao contato físico entre os praticantes, o que em um primeiro momento causava um misto de surpresa e preocupação. Nesse sentido, ao longo do texto, o autor utiliza termos como “lucta”, para se referir ao jogo, “luctadores” ou “valentes” aos jogadores, em uma relação direta entre as partidas de futebol e uma disputa ou briga.

Finalizando a notícia, passavam-se os acontecimentos pós-jogo:

A's 7 ½ da noite no salão Hauer, realizou-se o banquete, que correu com toda a cordialidade. Ao champagne usaram da palavra os srs. João Seiler, presidente do Curitiba Foot Ball oferecendo o banquete; sr. Antonio Gomes, em nome do Foot Ball Pontagrossense, agradecendo; o sr. Antonio Schneider, do Der Beobachter, felicitando as duas associações e à pátria brasileira; o representante do Diário da Tarde, e por fim o nosso confrade sr. Generoso Borges que brindou a mocidade. Em seguida teve início o baile que se prolongou até às 5 horas da manhã, sempre concorrido, sempre animado. Tanto no banquete como no baile tocou a orchestra do professor sr. Carlos Frank. O sr. Annibal Rocha, proprietário do Smart Cinema, cinematographou todo o acontecimento (Diário Da Tarde, 13 De Junho De 1910).

As festividades, como Bailes Dançantes, eram acontecimentos corriqueiros, organizados pelos clubes e associações. Quase que semanalmente, encontramos no *Diário da Tarde*, anúncios dos mais variados tipos de clubes convidando a população para bailes, festas, saraus ou jantares dançantes. Tratava-se de uma das formas de entretenimento mais corriqueiras nos finais de semana em Curitiba. Um clube, que dava seus primeiros passos e que no momento não poderia restringir suas atividades ao futebol, visto que o mesmo ainda não era praticado por grande quantidade de pessoas, não poderia deixar de realizar seus bailes. Estes serviam de uma oportunidade da configuração cumprir um dos seus objetivos, a sociabilização de seus membros, de maneira mais contundente. Sobretudo depois de um evento tão importante como o ocorrido, que representava a inauguração das atividades do

mesmo clube na cidade, a realização de um baile seria uma maneira positiva de encerrar as festividades.

Após o grande festival esportivo, que gerou temporária repercussão em torno do clube, novamente o Coritiba cairia no ostracismo, permanecendo alguns meses sem aparecer no *Diário da Tarde*. Entretanto, não podemos afirmar que não havia movimentação no clube apenas pelo fato de nada ser noticiado pela imprensa. Contribuindo com a ideia de que as atividades do Coritiba não se desenvolviam com muito volume, está o fato de que, no período entre junho e setembro, não foi alugado nenhum bonde para o deslocamento dos jogadores até o campo de treinamento, como pôde ser verificado na documentação oficial do clube. É claro que existia a possibilidade dos sócios se deslocarem até o *Prado* com condução própria, mas era difícil que isso ocorresse, pois eram poucas as conduções próprias naquele período e, além disso, outra possibilidade é que os treinos tenham sido realizados em um lugar diferente. Nesse sentido, a falta de times locais para a realização de jogos pode ser apontada como a explicação mais plausível para a pouca movimentação de treinos no clube. Mais uma vertente possível é que poderiam estar acontecendo movimentações internas no clube, como treinos e reuniões, mas que não eram divulgadas pelo fato de não se tratar de um grande evento.

O clube só voltaria à pauta do jornal no mês de novembro de 1910, quando organizaria mais um festival esportivo. Nosso cronista colabora no sentido de explicar o motivo do novo festival: “no desejo de comemorar condignamente sua primeira esfeméride, foi convidado a exibir-se em Curitiba o S.C. Germânia de São Paulo[...]. Fracassou essa temporada interestadual, diante das exigências pecuniárias do grêmio bandeirante. Apesar deste tropeço, não deixou o CORITIBA de festejar sua magna data” (Cardoso, 1944:09).

O primeiro passo tomado na organização do festival foi a terceirização do bar, localizado dentro do *Prado*.

Curytiba Foot Ball Club

Arrematação do botequim do Prado para o match e corridas a realizar-se em 20 do corrente. Na thezouraria deste club recebe-se propostas para arrematação do botequim na data acima mencionada, até o dia 18 do corrente. As propostas deverão ser aprestados sob envelopes fechados.

O thezoureiro

Waldemar Hauer

(Diário Da Tarde, 12 De Novembro De 1910).

O festival não poderia deixar de ser anunciado no *Diário da Tarde*, o principal veículo de imprensa escrita da cidade. Entretanto, ao invés de trazer uma simples reportagem, como anteriormente, neste momento estava impresso no jornal um anúncio no estilo de propaganda. Assim como antes, a nota se localizava na mesma seção do jornal em que estavam as reportagens sobre clubes e associações, e trazia a programação completa do festival esportivo. Porém, para a publicação deste anúncio, o clube teve que desembolsar uma quantia muito maior: enquanto que, nas outras ocasiões, o clube gastara entre dois e cinco mil contos de réis por anúncio, desta vez, apenas este custou trinta mil contos.

CURITYBA FOOT-BALL CLUB
Grande festa sportiva em 20 de novembro



A festa a realizar no domingo, no Prado Jockey-Club, obedecerá o seguinte programma:

As corridas realizam-se da seguinte ordem:

I - Corrida a pé, velocidade - 300 metros - Premio: copo de prata ao vencedor.

II - Corrida de bicycletas - 500 metros - Premio: medalha de prata e honra.

III - Corrida a pé com obstaculos 300 metros - Premio: estatua de prata.

IV - Corrida de bicycletas com obstaculos 500 metros - Premio: medalha de ouro e prata.

Match: Team Branco versus Verde

O Match durará 90 minutos, tendo um intervalo de 10 minutos para descanso.

Os senhores e senhoras devem apresentar os seus ingressos especiais para esta festa à Comissão da Entrada.

BALILE

De ordem da Direcção tem-se o prazer de convidar a todos os socios e suas familias, assim como aos membros do Deutsch Söngerbund e suas familias para o baile que se realizará no dia 20, nos Salões da Sociedade Söngerbund.

Os ingressos para a festa sportiva dão entrada ao Baile.

Prevenimos aos socios desta Club e aos do Söngerbund, que não se conviãta a esta festa.

Curitiba, 10 de Novembro de 1910.

A Comissão.

(até sab.)

No dia seguinte à festa, o jornal, agora em formato de notícia novamente, já trazia a descrição detalhada de tudo o que havia acontecido. Como no festival anterior, o periódico relata a grande presença do público que acompanharia as *peripécias* esportivas do Coritiba, sendo estas iniciadas pelas corridas a pé e de bicicleta. Infelizmente, desta vez o jornal não traz a relação de todos os participantes, apenas a dos vencedores, os quais, sem exceções, estavam no rol de sócios do clube.

Assim, descrevia o periódico os acontecimentos pré-futebol:

FESTA SPORTIVA

Ocorreu com entusiasmo a festa sportiva realizada hontem no prado do Jockey Club e promovida pelo Coritiba Foot Ball Club. O dia, apesar de ameaçar trovoadas estava claro e agradável, soprando um vento suavisante, neutralizando o calor solar que desde cedo se manifestava com certa violência. Em obediência ao programma organizado, ao meio dia partiram os bonds especiaes conduzindos os associados daquelles club e uma banda musical, sendo acompanhados por cyclists e outros vehiculos com diversas famílias, causando excellentee aspecto esse importatne quesito. A's 2 horas da tarde as archibancdas do prado estavam repletas realizando-se então a primeira corrida a pé, em 200 metros no qual tomaram parte oito sócios do club. Disputada com ardor essa corrida, sahiu vencedor o sr. Otto Amhof, que foi aclamado pelos espectadores, conquistando o lindo premio de um copo de prata. Em seguida realisou-se a corrida de bycicletas em 3000 metros, tomando parte nella Edmundo Hey Junior, Ricardo Koch, Miguel Sprada e Kurt Hermann. Esta corrida despertou entusiasmo, havendo regular venda de poules. Edmundo Hey na segunda volta foi tomando distancia na frente, entrando na recta perseguido por Koch. Voltando-se para observar os que seguiam, perdeu o equilíbrio, cahindo da bycicleta. Rapidamente montou e retomou carreira, chegando ainda em 1º lugar, sob aclamações dos assistentes e segundo de Koch, que obteve 2º lugar. Os premeos dos vencedores constan medalhas de prata e bronze. No programa constava outra corrida a pe com obstáculos a 800 metros. Grande interesse despertava essa corrida de resistência, tomando parte nella 14 corredores. Com diversos incedents ela se realizou, chegando ponto a ponto os srs. Walter Diettrich e Bertasoni Colle. Os juizes deram a corrida por empatada, ficando acordade outra corrida em desafio entre os dois, a realisar-se no próximo domingo. Nessa corrida Emil Koch virou o pé ao saltar uma canaleta e Leopoldo e Labasch acabaram atolando na mesma valera. Na ultima corrida de bicycletas em 6000 metros , garbosa e francamente, E. Calberg, que correu sem aperto com Hermann, Koch e Koehler. Erothides Calberg, nas ultimas corridas de bicycletas em junho foi o campeão do grande páreo, sahindo mais uma vez triumphante, recebendo medalha de ouro, Kurt Herрман embora distanciado, tomou o 2 lugar, recebendo uma medalha de prata (Diário Da Tarde, 21 De Novembro De 1910).

O presente trecho da reportagem destaca a “regular venda de poules” durante as festividades. Os *poules* eram uma espécie de aposta, normalmente associados ao turfe, em que as pessoas compravam tíquetes a cada páreo, referentes aos cavalos competidores. Nos *poules* não havia premiação proporcional ao valor apostado e, desse modo, a recompensa era fixa por tíquetes. Para alguns, as apostas foram de suma importância na fixação do turfe como esporte, pois dava a condição de as pessoas participarem das corridas (Melo, 2001:196). No Rio de Janeiro, por exemplo, para se ter uma ideia da complexidade dessas atividades, havia bancas de apostas espalhadas por toda a cidade, inclusive na periferia e nos bairros mais pobres, estimulando, assim, a participação de todas as camadas da população. Além disso, as apostas movimentavam uma grande quantidade de dinheiro, que ajudava a bancar a estrutura do turfe. Da mesma forma, provavelmente esta era a intenção de utilizar apostas nas corridas, em especial no quesito “levantamento de recursos” para o festival esportivo. No cenário esportivo curitibano, as apostas também aconteciam

nas corridas de cavalo, porém sempre centralizadas no Jockey Club e nos dias de corridas.

Vale destacar, ainda, que as condições da pista para a corrida de atletas não eram as melhores possíveis, tendo inclusive um dos participantes machucado e outro atolado no local. A pista deveria ter sido improvisada por uma pista para corridas de cavalo, o que certamente não a deixava em condições próprias para seres humanos correrem. Assim como o futebol, as corridas também tinham que se adaptar à estrutura já pronta do turfe para realização de suas atividades. Ainda no que se refere às corridas, cabe evidenciar as premiações dadas aos vencedores das destas: copo de prata e medalhas de ouro, prata e bronze – artigos estes de alto valor.

Na sequência da notícia, iniciava-se a descrição do jogo de futebol. Ao contrário dos outros escritos, o jornalista parte, pela segunda vez, de um pequeno ensaio crítico sobre a *performance* dos jogadores e das equipes. À medida que o autor participava da cobertura das partidas de futebol, aos poucos sua matéria deixava de ser uma “coluna social” sobre o esporte e passava a interagir mais, em seu texto, com quesitos próprios do futebol, com a partida em si:

Teve então inicio o match de desafio entre o team Branco e o Verde, daquelle Club. O referee, sr. R. Ayres, entrando no campo com competentes, deu-lhes as posições e assignalou a sahida, que coube aos verdes. Os primeiros embates foram sem resultados, conservando-se o jogo, por mais de 10 minutos, no centro. Os brancos fizeram uma entrada, aproximando-se do goal verde; a defeza deste, em um formidável shott, levou a bola ao centro. Ahi Basseti tomou a bola e dribblando foi até ao goal branco, vasando-o, marcando o ponto em favor dos verdes, debaixo de palmas. Recomeçando o jogo, dois ataques foram feitos ao goal verde; mas o goal-keeper Odilon, rápido e com energia, reconduzia a bola ao centro, pondo o jogo sempre mais favorável aos verdes. Aproveitando-se de uma dessas circunstancias, Basseti novamente apanha a bola, fura as linhas de defeza e shott ao canto do goal, marcando o segundo ponto. Ainda alguns minutos ocorreu o empate com violência, sendo suspenso o jogo para descanso. Feito o primeiro ataque ao goal verde, Paiva conseguiu vasa-lo, trazendo um ponto para os brancos. A musica tocara por esse facto,e, antes mesmo de parar, Essenfelder vasava novamente o goal verde, completando dois pontos aos brancos. A lueta faz-se mais violenta, então, ambos os ‘teams’ queriam obter a vitoria, mas as de fazem redobraram de esforços, vencendo-se o segundo tempo sem outro resultado, cabendo dois pontos a casa um dos combatentes. Notamos que a linha de ataque dos brancos, apesar de mais amestrada, e mesmo composta de jogadores superiores aos atacantes verdes, pouco fez devido a possante defeza do team contrario e principalmente do goal-keeper, rápido e feliz nos shoots. Ao contrario disso, a defeza dos brancos esteve fraca e morosa, permitindo repetidos ataques ao goal branco, principalmente durante o primeiro tempo. O baile que o Curityba Foo-Ball Club realisou nos salões da Sociedade Sãngerbond correu com brilho, havendo notavel concorrência. Antes de começara as dansas, o vice-presidente do club, sr. Generoso Borges fez a distribuição dos prêmios aos vencedores das corridas, congratulando-se com os associados pelo brilhantismo do festival. Ate alta madrugada as dansas eram animadas (Diário Da Tarde, 21 De Novembro De 1910).

O jogo em questão reunia apenas os sócios do Coritiba. Essa situação era, até então, inusitada, pois, nas duas partidas anteriores, era necessário o convite de outro clube para que houvesse dois times nas disputas. Segundo Mazza (1944), a partida só ocorreu entre os jogadores do Coritiba, porque uma equipe paulista (Germânia) não aceitou o convite para a festividade. Entretanto, questiona-se a existência desse convite, uma vez que o clube já possuía sócios suficientes para organizar disputas internas. Infelizmente, nossas fontes não nos permitiram chegar à resposta. Fato notável é que, novamente, o senhor Ayres seria o árbitro da partida, o que nos leva a crer que ele era uma das poucas pessoas que tinha o conhecimento global das regras do jogo, estando, portanto, apto a mediar a disputa.

Aprofundando-se um pouco mais nas questões táticas e técnicas do jogo, na visão do jornalista, o time de branco possuía uma defesa mais morosa e fraca e um ataque com maior qualidade do que os atacantes de verde. Já a equipe de verde, por sua vez, tinha um goleiro mais rápido e eficaz e uma defesa mais possante. A partir da narrativa, podemos deduzir que nos primeiros dez minutos de jogo, quando o cronista menciona que o jogo ocorre mais no centro de campo, os clubes estavam se estudando e observando suas respectivas ações técnicas e táticas para o desenrolar da partida.

No decorrer do jogo, o time de verde iniciou vencendo com um gol do jogador Baseti, que em uma jogada individual partiu do meio de campo driblando os adversários até marcar o primeiro gol. Após o gol, houve a tentativa dos *brancos* por duas vezes consecutivas em empatar o jogo, mas o goleiro Odilon evitou. Os *verdes* voltariam a marcar um gol, novamente com Baseti, em um chute no canto do goleiro. O time de branco só conseguiria empatar a partida no segundo tempo, com gols de Paiva e Essenfelder.

Observamos, pela narrativa, que começa a existir uma definição clara da divisão das funções táticas de cada jogador em ataque e defesa. Ao mesmo tempo se observa que os goleiros, principalmente o do time verde, tiveram atuação destacada na partida, inclusive evitando um placar mais elástico. Novamente frisamos que estas considerações eram realizadas a partir dos olhos do jornalista

que cobriu o evento e que, possivelmente, ainda não detinha discernimento sustentável sobre o futebol para realizar tais análises.

Ainda sobre a partida, mais uma vez o jornalista mostra preocupação com a violência do futebol. Com o turfe ainda predominando no cenário esportivo local, que possuía no tiro certa força expressiva, o contato físico existente em um jogo de futebol continuava a assustar. Esta aversão ao contato físico, acontecia justamente porque a prática do futebol ainda não era tão corriqueira como o turfe, que acontecia todo final de semana, não permitindo que as pessoas se acostumassem às características do jogo. Além do mais, soma-se a isso o fato de o cronista estar em processo de compreensão da dinâmica de jogo e, assim, uma bola dividida de forma mais ríspida ou um choque entre atletas poderiam ser observados como um verdadeiro ato violento, quando, na verdade, não passava de uma jogada normal da partida.

1911 a 1914 – Dificuldades, a falta de confrontos e o surgimento, novos clubes, a organização da Liga Sportiva Paranaense.

Os anos de 1911 e 12 foram de muita dificuldade para o Coritiba. A falta de adversários e, conseqüentemente, a baixa quantidade de jogos, reduziram as atividades clubísticas aos treinamentos internos, além de fazer com que grande parte dos sócios se desligasse do clube. Outro fator que pode ter colaborado para a saída destes sócios é que, até então, o clube possuía apenas um “quadro”, formado basicamente pelas mesmas pessoas, sendo, portanto, poucos os novos sócios que participaram das partidas até aqui realizadas. Se o futebol neste momento ainda não garantia a manutenção do clube, o lado social (bailísticos) ou mesmo outras práticas esportivas não eram a finalidade do clube, até porque existiam outras associações melhores estruturadas para estas outras práticas. Ou seja, as dificuldades iniciais do Coritiba aconteciam pelo fato deste ser um clube de futebol, numa conjuntura em que essa prática ainda era incipiente.

Nesse momento, o Coritiba vivia com sua base de sócios fundadores mais alguns abnegados que compraram o ideal do clube e do futebol. Automaticamente, a situação financeira e organizacional do Coritiba sofria um grande desgaste, pois as arrecadações caíram de modo significativo. Se, no ano anterior, a arrecadação com

as mensalidades do clube girava entre 250 e 300 mil contos de réis, nestes anos, a arrecadação era de apenas de 25 a 30 mil. Entretanto, algumas atividades continuavam a ser realizadas pelo clube, como por exemplo, os treinamentos que ocorriam nas manhãs de domingo, quase sempre com chamadas durante a semana no *Diário da Tarde*.

CURITYBA FOOTBALL CLUB

Domingo 15 do corrente

Training Match

Ha só um bonde especial ás 6 1/2 da manhã. Pondo de sahida: Salão Hauer. Pode-se o comparecimento de todos os jogadores para a nova formação dos teans.

O Captain: O. Paiva.

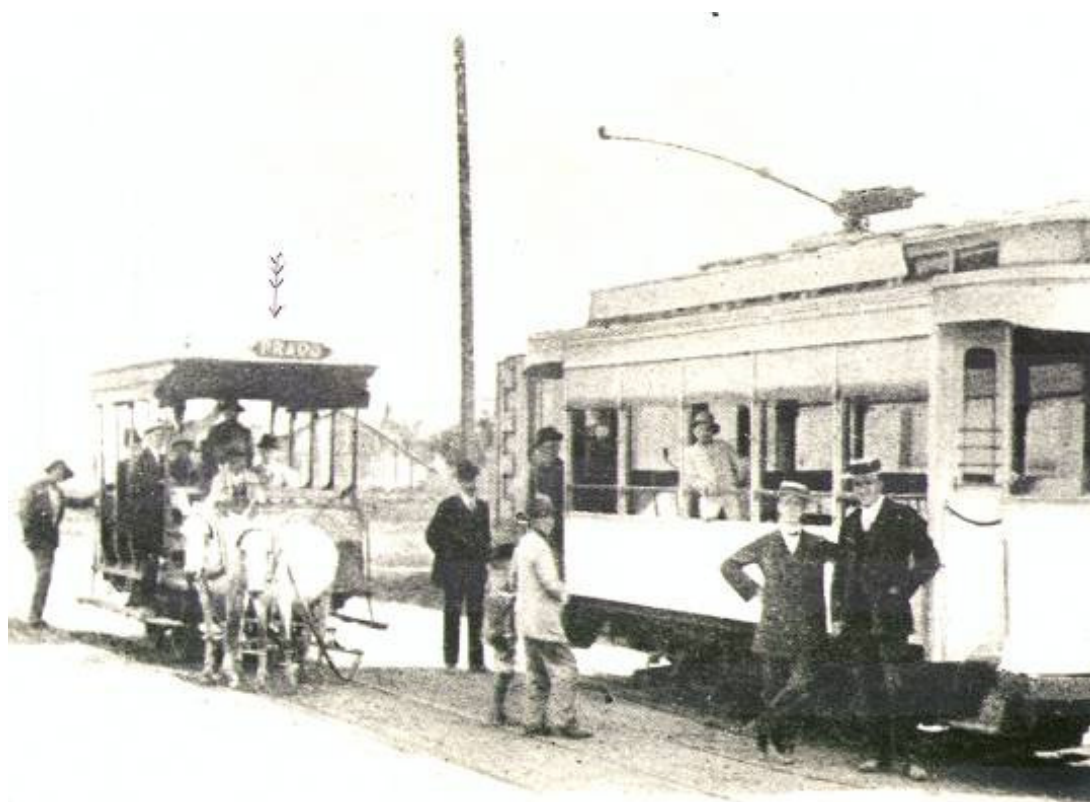
(Diário Da Tarde, 14 De Janeiro De 1911).

A crise que o futebol do Coritiba atravessava era expressa na quantidade de *bonds* que o mesmo disponibilizava para o transporte até o campo de treinamento, no *Prado*. Se nos momentos anteriores o clube disponibilizava vários *bonds*, nesse momento o anúncio no *Diário Tarde* era bem claro dizendo que haveria um só *bond*. Na sequência da notícia, solicitava-se a presença de todos os jogadores, pois seria realizada a nova formação dos times. Dessa maneira, ficava evidente que a procura pelo futebol estava diminuindo de forma considerável, e o já tão novo esporte não atraía mais tanto o público, nem os jogadores; sendo assim necessária a reestruturação, inclusive dos times que representariam o clube.

Nesse contexto, de poucas atividades futebolísticas, sendo estas restritas a limitados treinamentos noticiados sempre que aconteciam, o clube realiza a promoção de outras formas de convívio entre seus associados. Assim, além dos treinamentos, a agremiação realizava, constantemente, piqueniques aos finais de semana, com o intuito de reunir os sócios e, obviamente, arrecadar valores para colaborar nos orçamentos fixos que possuía. O hábito de promover piqueniques e reuniões em bosques, como chás da tarde e, até mesmo, saraus dançantes, vinha ao encontro da essência de se fundar um clube, que correspondia ao convívio social. A fundação do clube, mesmo que fosse centrada no futebol, trazia em sua essência outras funções, como a de ser um ambiente social (realização de bailes, piqueniques, saraus dançantes...). Fato este que se tornava notório quando o clube

organizava suas partidas, as quais eram sempre acompanhadas de outros eventos, como os jantares e os bailes.

No quesito administrativo-financeiro do clube, além do aluguel do “*ground*” do *Prado*, existiam outras obrigações mensais, como a manutenção das arquibancadas e das cercas do campo, materiais de escritório (carimbos, recibos, cadernetas, etc.) e, principalmente, a locação de *bonds* que faziam o transporte dos associados no trecho Prado-Centro-Prado. Esta era a principal despesa mensal do clube, que correspondia ao valor aproximado de 40 mil contos de réis. Justamente a situação do aluguel dos *bonds* era muito complicada para o clube. Por um lado, era necessário o deslocamento dos jogadores até o local das atividades, mas, por outro, a diminuição do número de sócios participantes, além de dificultar o pagamento, deixava os bondes cada vez mais vazios. Como na imagem a seguir:



Fonte: Acervo do Coritiba Foot Ball Club – Data: 1913

A fotografia retrata o local das saídas dos bondes, na região central da cidade. Com base na imagem, não se pode afirmar o local exato. Pelo fato de haver dois

trens parados, especula-se que seja a estação central que os jornalistas descreviam. Observa-se que, mais ao fundo da foto, com destino ao *Prado*, era o tipo mais antigo de *bond*, movido à tração animal. Possivelmente, apenas o veículo com tração animal faria a linha ente o centro da cidade e o *Prado*, pois, como se tratava de um local um pouco mais afastado, as condições das estradas não eram as melhores. Além disso, os bondes elétricos percorriam basicamente o centro da cidade e os bairros que possuíam um maior desenvolvimento urbano (elitizado), sendo os demais bairros atendidos pelos bondes de tração animal (Vasco, 2006).⁵

Nesse veículo de tração animal, além dos dois condutores vestidos de branco e sentados bem à frente, estão aproximadamente cinco pessoas, mais uma que está em pé, apoiada no bonde. A possibilidade de que este trem fotografado realizasse o trajeto até o *Prado* em dias de treino é alta, pois o Coritiba possuía um “convênio” com a empresa de transportes que administrava as linhas ferroviárias. Além disso, o *Prado* estava situado em um local afastado da região central da cidade e os trens que se destinavam àquela localidade funcionavam apenas em dias de eventos no *Prado* (futebol ou corridas).

O primeiro plano da fotografia, por sua vez, retrata um dos mais modernos *bonds* da época, movido à energia elétrica. Além de ser maior e mais confortável, os novos *bonds* foram instalados na cidade durante a reestruturação da urbe. Neste veículo estão duas pessoas, em seu interior, e mais quatro pessoas ao seu redor muito próximas a ele. Nota-se que todos os indivíduos, tanto no primeiro plano quanto mais ao fundo da fotografia, estavam olhando para o mesmo ponto: o fotógrafo que registrava o momento. Ou seja, há uma preocupação das pessoas com a monumentalização da ocasião, não era, portanto, uma foto aleatória.

A baixa frequência nos treinamentos, a desistência de muitos sócios e uma série de despesas altas, como o aluguel dos transportes, acabaram gerando uma crise no clube. Cardoso (1944:11) relata que o ano de 1912 foi um dos mais difíceis para a agremiação, pois faltava dinheiro inclusive para o aluguel de uma sede fixa do clube. Ainda de acordo com o cronista, a situação deste só iria melhorar depois que João Vianna Seiller assumisse novamente a sua presidência. O então novo presidente, que também era presidente da Associação dos Empregados do

⁵ Em Anexo 2 é possível observar as linhas férreas de tração animal e elétrica no período.

Comércio de Curitiba, cedeu uma sala da associação para que o clube realizasse seus encontros. O autor ainda acrescenta outro fator que colaborou para um “ressurgir” do clube: a participação ativa e financeira de alguns de seus sócios. Assim, havia quem participasse das duas configurações, tanto do Coritiba quanto da Associação dos Empregados do Comércio, no caso, o senhor João Vianna Seiler, que ocupava a sua posição privilegiada de diretor para aproximar ambas as instituições. Ou seja, em alguns momentos, as configurações poderiam se confundir em uma única. Assim, evidencia-se que uma das características dos indivíduos que formavam a configuração *Coritiba Foot Ball Club* – industriais e comerciantes – era a mesma que, possivelmente, unia uma parcela de pessoas em uma outra configuração, a da Associação dos Empregados do Comércio. Ou seja, se uma mesma pessoa presidia as duas entidades, os interesses destas acabam se encontrando e uma instituição dá suporte à outra. Neste caso, o Coritiba utiliza-se da Associação dos Empregados do Comércio para suas atividades, já que o clube ainda não possuía estrutura para se manter, carecendo de outros aparatos, como o campo do Jockey para jogar e a sala da Associação para reuniões. Entretanto, observa-se que a relação entre as entidades não é recíproca. Embora o Coritiba se utilize da Associação do Comércio, a contrapartida se faz inexistente.

O fato de o clube passar por problemas financeiros é explícito se analisarmos o livro caixa do clube e observamos que, nos dois anos em questão, o total arrecadado com mensalidades e o número de novos sócios caíram drasticamente. Entretanto, em nenhum momento se esteve “no negativo” e a realização das reuniões do Coritiba, no espaço cedido pela Associação dos Empregados do Comércio, era observada nas chamadas publicadas no jornal, a mando do clube.

Nesse entremeio de dificuldades e poucos jogos na cidade é que surge, em Curitiba, o *Paraná Sport Club*, criado pelo funcionário do London Bank e por ferroviários ingleses que trabalhavam na empreiteira (American Brazilian Engineering Co) responsável pela construção de ferrovias no Paraná (Capraro, 2002:83). Enquanto o Coritiba sofria e tentava sobreviver às crises internas, novos clubes e associações, formadas com o fim da prática do futebol, começavam a surgir. A popularização do esporte o consolidava como passatempo e aumentava sua

visibilidade no jornal *Diário da Tarde*, ganhando, inclusive, uma coluna própria de esportes e um colunista especializado em análises técnicas dos jogos.

Outro time que surgiu neste período foi o *Internacional Foot Ball Club*, fundado por membros de classes sociais elevadas, como as famílias Maeder, Guimarães e Leão. O clube ganhou grande espaço nos círculos esportivos da cidade, pelo fato de apresentar pessoas com capital considerável em sua base de sócios, possuía maior facilidade em sua organização e, conseqüentemente, na sua estruturação no cenário futebolístico curitibano. Rapidamente o Internacional se tornaria o principal adversário do Coritiba na cidade, pois os jogos entre eles ganharam uma frequência maior do que com as outras equipes (CAPRARO, 2002).

A criação de outros dois clubes oficiais na cidade ajudou no processo de retomada das atividades do Coritiba. Não se pode negar que o fato de ter um adversário na própria cidade estimulava e, também, facilitava a organização dos jogos; e, com mais de duas equipes, essa facilidade era ainda maior. Dessa forma, podemos afirmar que, assim como o Coritiba serviu de modelo para o surgimento de novos clubes, estes também serviram de inspiração para as atividades do Coritiba, na medida em que se organizavam de outra maneira.

Assim, com adversários locais, as partidas entre esses três clubes ganhavam constância:

MACTCH DE FOOT-BALL

Perante uma regular concorrência, alinharam-se ante-ontem, no ground do Jockey Club, os bizzaros segundos teams do Paraná Sport Club, e do Coritiba Foot Ball Club. Que iam-se bater, em amistosa luta. As 3 horas da tarde, depois de formalidades do costume, foi tirada a sorte entre os captains para a escolha do lado, cabendo a escolher o captain do Coritiba, que optou pelo do vento. Dado o signal de kick-off pelo refere sr. Friedrich, que, digamos de passagem não está muito ao par das regras que regem o bello sport bretão, coube a saída ao center-forward e captain do Paraná Coackley. (Diário Da Tarde, 27 De Agosto De 1912).

A presença de outro clube na cidade e a realização de uma partida de futebol provavelmente motivava mais o público espectador, visto que, a partir do relato, a procura pelo jogo foi regular. Mesmo que se tratasse de um jogo dos segundos quadros⁶, considerados tecnicamente fracos em relação aos primeiros, a partida chamava mais a atenção do que os simples treinamentos que aconteciam até o

⁶ Os segundo quadros eram compostos por jogadores de menores condições técnicas e/ou novatos no clube. A maioria dos clubes possuía o segundo quadro, existiam alguns que tinham ainda terceiro quadro.

momento. Porém, por se tratar dos segundos times, o cronista já arrisca dizer que ambas as equipes eram bizarras, numa clara elucidação de que, na sua visão, o jogo deixaria a desejar, tecnicamente falando. Nem mesmo o árbitro da partida, parecia possuir a confiança do cronista, que alegava que aquele não possuía conhecimento total das regras. Esse árbitro apitaria sua primeira partida, haja vista que nos confrontos anteriores o senhor R. Ayres era o responsável pela condução da mesma.

Logo no começo do jogo, aos 7 minutos a linha de forwards do Coritiba, em bonitos passes, passou halves e backs do Paraná e aos 4 metros do goal. Calberg recebendo um passe de Essenfelder, marcou o primeiro e ultimo goal para o sue lado. Mas, os valentes footballers do Paraná, apesar de ser a primeira vez que entram em campo, não esmoreceram, ao contrario, arremessaram-se em sucessivas cargas ao goal inimigo que, se não fora a brilhante defesa do back right, teria sido vasado varias vezes. Entretanto, os forwards do Coritiba, atacaram também, repetiddas vezes, o goal verde e branco que galhardamente defendido pelo sr. Casagrande. Dado o signal de half-time, o Coritiba tinha 1 goal contra 0 a seu favor e grande foi o entusiasmo de seus partidários que contavam com isso com a Victoria do Coritiba. (Diário Da Tarde, 27 De Agosto De 1912).

A partida iniciava, então, com predominância do Coritiba e o time do Paraná sofria com a inexperiência de seus jogadores, visto que se tratava do primeiro jogo contra outro time que estes jogavam. Por este motivo, o Coritiba acabou por sair na frente no jogo, com um gol de Calberg. Este, por sua vez, representava ser uma das pessoas que possuía maior intimidade com a bola, visto que já nos jogos anteriores também marcara gol. Mesmo nesta dificuldade, a equipe do Paraná parece ter tentado por algumas vezes o empate, mas era barrada pela melhor condição técnica do Coritiba.

Após o descanso costumeiro do half-time, recomeçou o jogo, onde se viu que os for-wards dos paranaenses estavam mais bem dispostos e eram valentemente auxiliados pelos halfbacks, notadamente, Canziani, que esteve incansável. E aos 20 minutos, o valoroso forward esquerdo – Eduardo, fazendo bello passe a Coacley, este shoot, com violência, em goal, cuja goal keeper rebate e faz com que Buzetto que, em dribling,a vança e schootando contra o goal do Coritiba , marca um magnífico goal para a equipe verde e branco, sendo este facto coroadado com palmas pelos espectadores. Não titubearam os coritibanos e atacaram energicamente o geral adversário pois, a posição do jogo era 1 a 1 goals, mas os ágeis backs do Paraná, Reffo e Holmes estavam sempre vigilantes e desorientavam por completo e magnífica linhas de forwads do Coritiba, na qual se sobressaiam Bassati e o mignon Calberg. As 4 e 50 soou o apito do juiz, dano signal de finda a partida e o seu carnet marcava: Paraná 1goal, Coritiba 1 goal. (Diário Da Tarde, 27 De Agosto De 1912).

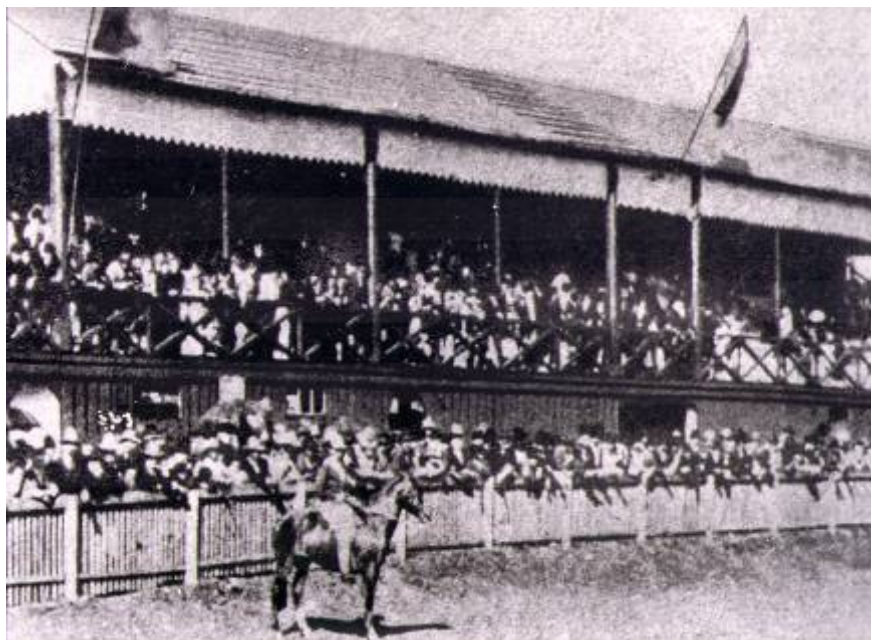
Na segunda etapa de jogo, o Paraná conseguiria o empate com um gol de Buzzeto. O Coritiba ainda tentava empatar a partida, porem eram sempre impedidos

pelos defensores do Paraná. Acabando então o jogo empatado em um gol para cada equipe.

Os rapazes do Coritiba jogaram bem destacando-se Calberg, Basseti e o back direita que defendeu muito bem. A equipe verde e branca do Paraná no primeiro half time não jogou tão bem como seus adversários; porem no 2 half tié esforçaram-se de modo a receber em entusiasticas aclamações dos assitentes. Merecem menção especial Eduardo Coackey e Rubens, que fizeram boa combinação; Casagrande, o admirável goal. Zuper, também, fez jus a um voto de louvor. Canzani e Lopes, jogaram bem. Porem, si não tivessem passado a noite de sabbado cake-walks teriam feito melhor... Ao findarmos essa pequena noticia do brilhante match de ante-hontem, não podemos deixara de dar as duas valentes equipes um vibrante hip, hip, hurrah (Diário Da Tarde, 27 De Agosto De 1912).

Pela primeira vez o cronista realiza uma crítica contundente à partida, destacando, inclusive, os jogadores que tiveram melhor desempenho técnico, além de observar algumas considerações táticas dos times, o que, até então, não acontecia nas reportagens ou crônicas. Aliado a isso, outro fato que chama bastante a atenção e colabora para a afirmação de que o futebol, naquele momento, era completamente amador, não havendo um comprometimento dos jogadores em prol do mesmo, é a descrição segundo a qual os jogadores poderiam ter um desempenho melhor se não tivessem passado a noite dançando (Cake-Walks). Além disso, o jornalista termina a reportagem com um *hip, hip, hurrah*, uma forma britânica de saudar o sucesso em ocasiões esportivas, geralmente ovacionada pelos esportivos durante o brindar do sucesso em um acontecimento (Ackemann, 1843:23).

A procura por lugares nos *Ground do Prado*, conforme comentado no *Diário da Tarde*, passa a se intensificar cada vez mais. O futebol “torna-se” popular aos poucos e, assim, começa a ser visto como uma opção de lazer na cidade nos fins de semana em que há jogos. A fotografia abaixo retrata a movimentação das arquibancadas em dia de jogo:



Fonte: Acervo do Coritiba Foot Ball Club – Data:1914

Na parte superior da imagem, nota-se uma lotação quase que total, com a presença de mulheres e homens, trajando, respectivamente, vestidos de cor clara e *smokings* escuros. Abaixo das arquibancadas, existe uma grande concentração de pessoas aglomeradas e muito próximas à cerca que separa o campo dos espectadores. Há, ainda, um homem montado em um cavalo, possivelmente alguém responsável pela segurança do evento; e, no telhado da estrutura da arquibancada, estão fixadas duas bandeiras.

Neste momento de crescimento da demanda do futebol na cidade, a partir do aumento da sua divulgação e maior repercussão do esporte, surgem outros clubes, alguns que, inclusive, sequer haviam sido destacados pelo *Diário da Tarde*, mas que já marcavam suas primeiras partidas:

Foot-Ball – Teve lugar no ground do Prado, hontem, o encontro entre os teans do Banco Francez e Italiano e o British Foot Ball Club, conseguindo marcar estes 4 goals contra 1. Apezar de muito pouco trenados, o mach, foi muito bem disputado, tendo o sr. L. Paiva marcado com um penalty o goal do team do Banco Francez e os Srs. Wild e Broughton dois goals cada para o team, do British Foot Ball Club (Diário Da Tarde, 6 De Maio De 1912).

Também surgiram em Curitiba, neste período, o Sport Club Foot Ball Militar, organizado pelos batalhões de infantaria da cidade; o América; o Ivahy Foot Ball Club; o Reco-Reco; o Bella Vista; o Savoya; o Spartano; e o Imprensa Foot Ball Club.

Já na cidade de Paranaguá, o Paranaguá e o Rio Branco; o Guarany na cidade de Ponta Grossa; entre outros que eventualmente não apareciam nas notícias do *Diário da Tarde* (Diário Da Tarde, 1912/1913/1914).

Mesmo com a presença de mais equipes, os principais e mais anunciados jogos ainda eram os que envolviam o Coritiba, o Internacional e o Paraná. Fato este que pode ser explicado, primeiramente, pela organização que possuíam e, em segundo lugar, pelo rol de pessoas que frequentavam tais clubes. Porém, era comum que os jogos que envolvessem as outras equipes fossem noticiados. Assim, com o aumento do número de times, e também de jogos, tornava-se necessária a criação de uma entidade que regulamentasse e organizasse o futebol local: a Liga Esportiva Paranaense.

A organização de uma Liga tinha dois propósitos: o primeiro deles era regulamentar o futebol, definindo regras únicas para todos os jogos, organizando competições de cunho maior e intermediando a relação entre os participantes; o segundo era manter a organização deste esporte nas mãos dos três principais clubes – Coritiba, Internacional e Paraná.

LIGA PARANAENSE DE FOOT BALL

Conforme convite do Internacional Foot Ball Club, reuniram-se, horem, as 8 horas da noite, numa das salas do edifício da Associação dos Empregados do Comercio de Curitiba, as representantes dos diversos clubs de foot ball desta capital e Paranaguá. A sessão foi presidida pelo sr. João Seiler e secretariada pelo sr.dr. Mario carneiro. Os clubes foram assim representados: Internacional – srs. João Lahorgue, Jorge leitner e Edgard Torres; Paraná – dr. Mario Carneiro e Linconln Neves; Coritiba João Seiler, F. Essenfelder e Fraub; América F. Neugast e Romeu Santos; Brasil de Paranaguá, J.A. Guimarães; Sul América – Alberto Manfredini, Clovis Guelbeck e Lycio Layne; Ivahy – Paschoal Bleggi e Paranaguá, Arcesio Guimarães. Os clube de Ponta Grossa deixaram de se representar. O sr. João Seiler, usando da palavra, produziu um bello improviso, fazendo votos para que a reunião de horem, seja o primeiro passo para a tão alejada fundação da Liga, que fará desaparecer as desavenças e discórdias registradas ultimamente, visando o seu fim, não so, organizar campeonatos, mas também encontrar harmonia entre os clubes colligados, que estarão sob a suimmediata fiscalização, procurando por todos os meios, a sua própria porsperidade e a do jogo de foot ball. Ficou deliberado que a sessão de horem fosse preparativa e em assembléia geral, ficara definitivamente fundada a liga; a referida assembléia, serão apresentados os estatutos e o demais que se julgar necessário a boa interpretação e fins da Liga. Para a confeição dos estatutos, ficou constituída a seguinte comissão: srs. J. Lahorgue e Jorge Leither do Internacional, João Seiler, F. Essenfelder do Coritiba, Ruffelser e Lincon Neves do Paraná e Paschoal Bleggi do Ivahy. Assim, esta em vias de organização a liga tão necessária a boa marcha e compreensão do foot ball em nosso Estado. Resta, que os distinctos, sportmem, que compareceram a reunião de horem, tomem na devida consideração a formação da liga, applicando nesse sentido seus melhores esforços (Diário Da Tarde, 8 De Dezembro De 1913).

A presença de vários clubes na cidade e, conseqüentemente, de diversos jogos, bem como uma possível influência de localidades como Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, que já possuíam uma entidade regulamentadora do futebol, foram os principais incentivadores para que os futebolistas curitibanos organizassem uma entidade responsável pelo esporte. Em São Paulo, no ano de 1901, já existia a Liga Paulista de Futebol, responsável pelos assuntos referentes ao esporte e administrada por ilustres figuras ligadas à política e à alta sociedade, ou por famílias abastadas e tradicionais, as mesmas que estavam à frente dos principais clubes (Negreiros, 1992:490). O Rio de Janeiro, da mesma forma, também possuía sua entidade máxima para questões futebolísticas, a Liga Metropolitana de Football, a qual estava sob o domínio dos principais clubes, sendo criada em 1905 e realizando seu primeiro campeonato no ano seguinte (Pereira, 2000:55-73).

Entretanto, a nota a respeito da fundação da Liga Paranaense deixa algumas dúvidas, pois, ao mesmo tempo em que os dirigentes dos três principais times seriam os responsáveis pela organização da Liga, o representante do Ivahy – um clube novato e sem expressão – também fazia parte da comissão dos estatutos.

O processo de criação da Liga Sportiva Paranaense não foi tênue, nem rápido, tampouco calmo. Apenas em fevereiro de 1915 é que a Liga seria fundada oficialmente. Neste período, de mais de um ano muitas foram as reuniões entre os representantes dos clubes até que houvesse um consenso entre as três principais agremiações, no que dizia respeito a qual clube assumiria determinadas funções, assim estando com maior poder de decisão sobre o futebol local (Capraro, 2002:123).

Mesmo com o consenso das três principais equipes, ainda havia insatisfações quanto à Liga Sportiva. No dia 24 de fevereiro de 1915, os representantes do Imprensa Sport Club, do Reco-Reco e do Operário divulgavam uma nota, no *Diário da Tarde*, reclamando da sua exclusão na Liga e culpando o Paraná Sports por isso (Diário Da Tarde, 24 De Fevereiro De 1915). No dia seguinte, a organização foi quem se manifestou ressaltando que estas equipes não tinham jogadores suficientes para participarem das competições. A troca de farpas entre os dois lados foi intensa durante algum tempo, inclusive com manifestações e ataques pessoais ao senhor Luiz Guimarães, presidente da instituição. Para tais times, o motivo da exclusão foi

outro, “Que o diga o interessado nessa exclusão, que viu sempre, na fundação do Reco-Reco e do Imprensa, uma ameaça à sociedade a que pertence e onde pontifica como membro da diretoria” (Diário Da Tarde, 24 De Fevereiro De 1915).

A criação da Liga Sportiva Paranaense não garantiria, necessariamente, que o futebol estivesse sob o controle do Coritiba, do Internacional e do Paraná – clubes tidos como elitistas no período – imigrantes, comerciantes e industriais. Não era garantido que estes clubes, adequados à tentativa civilizadora, conseguissem regulamentar o que os demais fariam fora dos domínios da Liga. Em Porto Alegre, por exemplo, existia uma estrutura muito bem definida de participação em campeonatos, em que negros e pobres jogavam em uma Liga vulgarmente chamada de “Canela Preta”. No Rio de Janeiro, a Liga Metropolitana não só organizava o campeonato dos clubes principais (1ª divisão), como o das duas divisões inferiores, para classificar os demais clubes. O detalhe é que não havia nenhuma relação entre as divisões, nem acesso, nem descenso entre elas (Pereira, 2000:55-73). Desse mesmo modo, os clubes de Curitiba procuravam se resguardar em suas características sociais.

Assim, algumas semanas depois dos protestos dos clubes menores paranaenses, a maioria deles foi inserida nas divisões inferiores do campeonato. Ou seja, as duas partes estavam satisfeitas: os clubes elitistas com o controle das atividades, inclusive sobre os clubes “inferiores”, e estes tendo uma “participação” nos campeonatos organizados pela instituição. Sendo assim, ficavam organizados da seguinte maneira: 1ª divisão – Internacional, Coritiba, América, Paraná, Rio Branco e Paranaguá; 2ª divisão – Spartano, Reco-Reco, Guarany, Operário, Bella Vista e Savoya; 3ª divisão – Operário Curitibano, Brasil, Antonense, Marumby, Torino e Britania (Capraro, 2002:124).

O primeiro ano da Liga não acabou bem. O torneio da primeira divisão, a única que realmente tinha valor, foi vencido pelo Internacional e o título contestado pelo América, que contava com o apoio de todas as outras equipes. A consequência desta confusão foi o abandono da Liga por parte de todas as outras instituições, deixando o Internacional sozinho. Nascia, então, dos times separatistas, a Associação Paranaense de Sports Atlético.

CAPÍTULO 3

O Semi-Profissionalismo no futebol de Curitiba – 1916, Coritiba Foot Ball Club Campeão!

O desfecho das atividades futebolísticas do ano de 1915 foi bastante conturbado. O campeonato daquele ano, vencido pelo do Internacional, teve seu título contestado por dirigentes do América, os quais alegavam que um dos jogadores do Internacional não residia na cidade, o que ia contra as regras do campeonato. A reivindicação do América contava com o apoio dos demais times que compunham a primeira divisão, como o Coritiba, o Paraná e o Rio Branco. Esses clubes, os quais não concordavam com a situação, acabam se desligando da Liga Sportiva, fundando uma nova entidade regulamentadora, a Associação Paranaense de Sports Athléticos. Nesse sentido, o ano seguinte (1916) se iniciava com problemas administrativo-burocráticos na organização do futebol paranaense, em uma clara cisão em busca do domínio do futebol. De um lado, encontrava-se o Internacional, time formado por famílias de prestígio político-econômico, e, de outro, os demais times de primeira linha do futebol paranaense.

No ano de 1916, então, dois campeonatos em separado foram organizados. O campeonato da nova entidade regulamentadora – a Associação Paranaense –, que contava com um maior número de grandes equipes, incluindo o Coritiba; e o campeonato da Liga Sportiva, o qual tinha a frente, como único grande time, o Internacional, que para à realização da competição necessitou convidar os times da segunda divisão.

No decorrer do ano, essas instituições não conseguiram, ou sequer tentaram uma aproximação, no afã de unificar as forças na organização do futebol local. É claro que, neste momento, prevaleciam as relações de poder, pois, mais do que organizar campeonatos e “federar” equipes, a entidade com maior domínio poderia ditar as normas que se sobressairiam entre os clubes locais – como por exemplo, a perpetuação do amadorismo. “A cisão entre os dois agrupamentos não permitia a nenhum dos lados tivesse o controle do poder, já que havia certo equilíbrio nesta disputa entre os clubes locais” (Capraro, 2002:126). Assim, havia duas configurações distintas – a Liga Sportiva e a Associação Paranaense –, com o mesmo ideal e características semelhantes, mas nenhuma delas tinha a predominância do futebol paranaense, que neste momento já possuía autonomia na configuração esportiva local.

Durante todo o ano, as instituições organizaram e seguiram seus campeonatos de forma singular, cada qual com calendário e regulamento próprios. Entretanto, a Associação Paranaense de Sports Atléticos (A.P.S.A.) se encontrava privilegiada na relação de poder do sistema esportivo local. Além de contar com uma maior quantidade de clubes tradicionais, como o Coritiba, o América e o Paraná Sports, o que qualificava tecnicamente seu campeonato, a Associação contava também com o apoio da imprensa local, representada pelo jornal *Diário da Tarde*. Assim colocava o presidente da A.P.S.A.: “tenho a honra de levar a vosso conhecimento que o Conselho Diretor desta Associação, nomeou o vosso conceituado jornal seu órgão oficial” (DIÁRIO DA TARDE, 18 de abril de 1916). Manter uma relação de cumplicidade com o principal jornal da época significava, além da cobertura diária dos jogos e dos campeonatos, mais força na disputa política contra a Liga Sportiva, visto que o mesmo jornal pouco noticiava ou divulgava o outro campeonato.

A fusão entre as entidades só ocorreria ao final do ano de 1916, contando com a participação de Olavo Bilac e Santos Dumont, ilustres visitantes na cidade de Curitiba e, conseqüentemente, no contexto social-esportivo local. Dumont visitou Curitiba no mês de maio e, durante sua estadia na cidade, as instituições organizadoras do futebol duelaram para atrair o visitante em eventos, nos quais seria homenageado – nessa competição, a Liga Sportiva acabou vencedora. Quando Bilac esteve em Curitiba, em novembro, igualmente houve uma disputa de poder pela presença do escritor; porém, embora houvesse uma forte pressão da Liga para que Bilac participasse apenas de seus eventos, o literato acabou por prestigiar, também, a APSA.

Cabe também destacar, que apesar da presença de Bilac ser fundamental para a reconciliação, não foi ele que fez um discurso pregando a união das entidades.[...] Os méritos foram do dr. Daltro Filho e outras autoridades que estavam no local. [...] Mesmo como rápidos visitantes, Alberto Santos Dumont e Olavo Bilac, tiveram sua pequena parcela de participação no processo de construção do futebol paranaense (Capraro, 2002:139).

Dessa forma, o campeão paranaense do ano de 1916 seria definido em uma partida a ser realizada em janeiro de 1917, entre os vencedores da Liga Sportiva Paranaense e da Associação Paranaense de Sports Athleticos, concluindo, assim, a unificação das entidades. Já para o ano seguinte (1917), o

campeonato e a organização do futebol ficariam a cargo da Associação Sportiva Paranaense, que correspondia à união da LSP e da APSA.

Para o Coritiba, o ano de 1916 iniciou com um grande projeto para o clube: o começo da construção do seu estádio próprio. Tendo em vista que os seus principais adversários – o Internacional (no bairro Água Verde) e o Paraná Sports (no Batel) – já possuíam suas próprias praças esportivas e, também pelo alto valor gasto com o aluguel dos espaços do Jockey Club, emergia a necessidade de um *ground* próprio. De acordo com Cardoso (1944), a construção de um espaço próprio era defendida pelo sócio Leopoldo Obladen:

Não é admissível que o Coritiba. Anfitrião dos clubes de futebol, sempre vanguardeiro nas iniciativas, esteja em situação inferior a outras agremiações que não possuem a nossa estrutura social e desportiva. Temos premente necessidade de construir um campo mais decente e digno da sociedade a que pertencemos! (Cardoso, 1944:17).

Como já apresentado anteriormente, Cardoso, na condição de memorialista que vivenciou os anos iniciais do clube, apresentava-se numa situação de envolvimento com a construção do estádio. Assim, é evidente que o autor, na posição de envolvido e sem apresentar fontes consistentes sobre o assunto, constrói a história sem um rigoroso trato historiográfico, o que faz permear a dúvida quanto à veracidade da frase de Obladen. Soma-se a isso, o teor da afirmativa de que, até então, não havia outro clube com o mesmo prestígio social e esportivo do Coritiba. Sem dúvidas o Coritiba possuía um prestígio local, por ter sido o primeiro clube próprio para a prática do futebol na cidade e, também, por ter sido organizado por uma classe média imigrante emergente, principalmente comerciantes e industriais, no contexto social da localidade. Entretanto, o clube de maior prestígio era o Internacional. Formado pela alta sociedade e fundado pelas principais famílias locais como: Leão¹, Mader², Guimarães³, entre outras fortes no cenário político social, assim, o clube acabava sendo projetado com maior força (CAPRARO, 2002). Na afirmativa de Obladen, também podemos

¹ A família Leão era constituída por pessoas relacionadas ao Direito, que ocupavam cargos de Desembargadores e também no tribunal de Justiça. Atuavam, ainda, em atividades relacionadas à erva-mate (Oliveira 2001, p.111-112).

² A família Mader era uma das bem-sucedidas no ramo erva-mateiro.

³ A família Guimarães tinha entre as suas principais atividades relacionadas à extração e beneficiamento da erva-mate, e dominavam o cenário local da mesma. Nessa família, havia também pessoas que ocupavam cargos políticos importantes como os de Visconde e Barão (Oliveira 2001, p.114, 281-282).

observar um inicial sentimento de pertencimento clubístico, já que os demais clubes não poderiam ser melhores que o Coritiba.

A necessidade de o Coritiba construir seu próprio campo, pode muito bem ter relação com o “despeito” perante o Internacional e o Paraná, conforme relata Cardoso; entretanto, também era uma questão de necessidade. De acordo com o Livro Caixa do clube, os gastos do Coritiba com o aluguel do Prado estavam próximos a 100\$000 (cem mil contos de réis), além disso, havia os gastos com aluguel de *bonds* para o transporte dos jogadores, um inevitável custo perto de 30\$000 (trinta mil contos de réis), pois se tratava de uma região afastada da cidade. Porém, mais do que isso, a construção do estádio significaria uma tentativa do clube de crescer na disputa do espaço social do futebol local. A partir do momento em que os principais rivais já possuíam um campo próprio, os mesmos já se encontravam em uma situação privilegiada na configuração local. Então, o Coritiba necessitava de um campo próprio para se equivaler a estes.

Se, até o presente momento, havia a necessidade de se apropriar de uma estrutura esportiva já existente (no Jockey Club Paranaense) para o desenvolvimento do futebol – a partir da autonomia que o esporte conquistou na configuração esportiva local –, ao se tornar independente dos demais esportes, a necessidade de espaços próprios começava a se evidenciar. É claro que diversos fatores influenciaram para tal, como o alto custo de locação das instalações do Prado, mas a necessidade de um local apropriado para a prática futebolística, bem como para receber os espectadores com a qualidade que eles esperavam, foi o principal fator. Não há dúvidas de que, como supracitado, as iniciativas primárias do Internacional e do Paraná serviram de estímulo ao que era, ao mesmo tempo, uma necessidade.

O local escolhido para a construção do novo “*ground*” de jogo foi um terreno doado pelo sócio-fundador Arthur Iwersen, no bairro Juvevê. Para a realização das obras necessárias no terreno, entretanto, o clube foi obrigado a realizar empréstimos entre seus sócios no valor de 5.000\$0000 (cinco milhões de contos de réis), que foram divididos em ações de 100\$000 (cem mil contos de réis), a fim de bancar o valor referente à construção do novo estádio (Coritiba Foot Ball Club, Livro Caixa 01).



Fonte: Acervo do Coritiba Foot Ball Club – Data: 1934

As obras realizadas no “Parque Juvevê”, como foi denominado o novo campo esportivo do Coritiba, trariam mais conforto aos espectadores. É certo que, a partir do início das disputas de campeonatos, o futebol passa a ser visto como um espetáculo por seus observadores, bem como os teatros ou cinemas – duas grandes “febres” do lazer no período – (Proni, 2000:110), e, como tal, exigia maior comodidade.

Conforme observamos na fotografia acima, a construção das arquibancadas, ao contrário do Prado, já seria realizada em alvenaria, apenas a cobertura seria em estrutura de madeira. As dimensões do espaço destinado à torcida, as arquibancadas, se comparado com as fotos do Prado, aparenta ser maior, tendo mais lugares para as pessoas se sentarem. Acima das arquibancadas há ainda um outro espaço, ocupado por poucas pessoas. Este provavelmente deveria se tratar de um camarote para autoridades. Entretanto, como nos mostra a imagem, havia muita gente aglomerada próximo à cerca que separa o campo de jogo do público – local denominado “geral”, com valor mais baixo do que as arquibancadas.

Na parte esportiva, o Coritiba inicia as disputas do ano de 1916 com o intuito de se tornar campeão estadual pela APSA e, depois, com a unificação à Liga, conquistar o título “supremo” daquele ano. Para tal, o clube inscreveu no campeonato os seguintes jogadores: o goleiro Eugenio Cornelsen (Kaiser); os zagueiros: Carlos Glaser, Luiz Meneghetti e Ego Roskamp; os médios: Carlos Ritzmann, Ricardo Thiele, Jacob Hey, Oscar Sebrão e Natálio Santos; e os

atacantes: José Bermudes, Kurt Friedrich, Agnello Cabral, Wenceslau Glaser e Max Koop (Coritiba Foot Ball Club, Livro Caixa 01).

Ao observar a lista de jogadores inscritos no campeonato e relacioná-la com o livro de registro de sócios do clube, ou mesmo com o livro caixa, três jogadores (Ricardo Thiele, Natálio Santos e José Bermudes) não apareciam em nenhuma das duas relações. Ao contrário dos demais atletas, que estavam registrados no documento de sócios do clube, estes três não eram sócios, pois, além de não terem registro nos livros de sócios, não apareciam no controle de pagamento de mensalidades.

Mas qual o motivo para esta situação ocorrer? E quem eram estes jogadores, que, inclusive, eram titulares da equipe e participavam da maioria dos jogos?

Como já discutido previamente (vide Cap. 2), o futebol paranaense, ainda nos momentos iniciais da organização de entidades regulamentadoras, debateu a questão da aptidão (aqui no que diz respeito à questão social econômica) de alguns clubes poderem, ou não, participar daquelas instituições. Havia uma tentativa, por parte dos principais clubes – Coritiba, Internacional e Paraná –, em excluir as equipes de menor expressão e poder social da Liga Sportiva Paranaense. A fim de solucionar a questão, foram criadas duas divisões distintas, mantendo, assim, o controle do futebol sob seus domínios e excluindo os pequenos times das principais competições. Desta forma, a separação das equipes se baseava numa distinção de classes e na relação amadorismo *versus* profissionalismo. As equipes com padrão social superior, formadas principalmente por famílias tradicionais, imigrantes emergentes, industriais e comerciantes – como o Coritiba, o Paraná e o Internacional –, disputavam a primeira divisão da competição. Do outro lado estavam as equipes que não atendiam às características sócio-políticas enquadradas nas demais divisões. Essa discussão não era exclusiva de Curitiba, pois os mesmos debates ocorriam em outras localidades, onde o futebol se desenvolvia.

Profissionalismo Marrom no Brasil

De forma geral, o futebol no Brasil, a partir da década de 1920, começava a sofrer um processo de desgaste do ideal amador, imposto pelas elites. A falta de

jogadores, que atendessem aos critérios impostos, fez surgir o questionamento dos clubes quanto à questão amadora. Soma-se a isso, a popularização do esporte entre camadas sociais, o que, conseqüentemente, levou à formação de clubes, ligas e suas subdivisões. Em um curto espaço de tempo, os clubes “populares” ganharam destaque equivalente aos demais, visto que, a qualidade técnica de seus jogadores passou a despertar um maior interesse do público, de forma geral. Além disso, as disputas entre os próprios clubes elitizados ficavam mais acirradas, estimuladas por campeonatos oficializados. Ou seja, era necessária uma qualificação técnica dos clubes de elite.

Neste momento, o discurso do ideal amador do futebol é fragilizado, pois os mecanismos empregados pelos clubes na organização de suas equipes começam a confrontar com os ideais que estes propulsavam.

Os clubes buscavam reforçar seus times com os jogadores de destaque, quer estes despontassem em divisões de base de clubes de elite, quer estes fossem oriundos dos clubes de subúrbio. Essa busca de reforços provocava uma inquietude nas discussões jornalísticas, quando acreditavam que esta estratégia colocava em jogo o espaço destinado ao lazer e a distinção social da elite.[...] Para os conservadores a composição das equipes com jogadores de diferentes camadas sociais era uma ameaça aos clubes, aos cidadãos de boa índole e também ao esporte (SALLES; SOARES, 2006)

Diante desses fatores, inicia-se um fenômeno que a historiografia denomina *profissionalismo marrom*, perdurando, aproximadamente, até o início da década de 30, quando se deu o profissionalismo efetivo. Apesar de que, para os contemporâneos do período, o futebol ainda se tratava de uma prática amadora, pois, entre outras características fundamentais, os estatutos das primeiras associações e federações proibiam a presença de jogadores que recebessem qualquer benefício que configurasse uma remuneração para jogar. Entretanto, não raro, burlavam-se tais restrições, contando até mesmo com o aparecimento de ganhos extras, tais como as recompensas, popularmente conhecidas como ‘bichos’ (Toledo, 2000:10).

No Brasil, o primeiro caso documentado de incentivo remunerado, ou de privilégios pessoais para prática do futebol, aconteceu com o The Bangu Athletic Club, fundado por funcionários do alto escalão da Cia. Progresso Industrial do Brasil, que inicialmente estimula a prática do esporte como forma de lazer. No entanto, a falta de funcionários graduados, interessados no futebol, obrigou a

abertura para os demais trabalhadores, tendo como critério de escolha o desempenho esportivo do operário.

O privilégio de ser escolhido criaria uma nova categoria profissional de operário que, a partir de agora, chamaremos de 'operário-jogador'. Eles formariam a 'elite-operária do futebol' e teriam algumas regalias por isso: passariam a fazer trabalho mais leve, para que sua energia se concentrasse também no futebol. Nos dias de treinos poderiam deixar o serviço mais cedo. Quase sempre os operários-jogadores eram mais rapidamente promovidos pela diretoria da empresa. [...] Os operários-jogadores já não eram mais apenas alguns trabalhadores a mais. Pelas circunstâncias e em face da crescente popularidade do futebol, eles seriam transformados em veículos de propaganda da empresa (Caldas, 1994:43).

A busca por reforços para as equipes tradicionais acontecia, principalmente, com a contratação de funcionários para as empresas vinculadas aos clubes. Assim, pessoas de um escalão social inferior, porém que se destacavam jogando futebol varzeano (aquele praticado fora dos clubes, de forma livre, ou em clubes de menor expressão, que não participavam das equipes da divisão principal dos campeonatos), acabavam "convidados" a participar dos "jogos das elites":

A incorporação de operários, negros e demais segmentos subalternos aos grandes clubes de futebol obedecia à 'ideologia do favor', que estabelecia certa proximidade entre um poderoso e seu plantel de clientes, oferecendo falsa impressão de identidade de interesse. Dirigentes e patronos assumiam posição paternalista, favorecendo seus jogadores... (Franco Jr, 2007:73)

No Rio de Janeiro, a crise do futebol amador teve seu ápice no ano de 1923, com a vitória do Vasco da Gama, time da colônia portuguesa que contava com um grande número de jogadores negros e semianalfabetos, o que gerava grande desconforto aos clubes considerados de elite. Mario Filho (1964), em *O negro no futebol Brasileiro*, apresentou a insatisfação e o significado da vitória vascaína. Para o autor, os clubes finos viveram um momento dicotômico, pois, de um lado não, ganhariam campeonatos com times formados apenas por brancos e elites; por outro, não abririam mão do amadorismo e, ainda, viam um clube repleto de negros e pobres ser campeão estadual. "Desaparecera a vantagem de ser de boa família [...]. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha que competir em igualdade de condições, com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto, para ver quem jogava melhor" (Rodrigues Filho, 1964:68).

Assim, começam a surgir várias denúncias de atletas que recebiam remuneração e benefícios, ou seja, que fugiam da condição de amadores. O

avanço do semiprofissionalismo deixava em risco o modelo elitista amador e, conseqüentemente, levou os clubes a repensarem a questão de maneira defensiva para seus interesses.

A solução encontrada, pelos principais clubes, foi fundar uma nova entidade, a A.M.E.A. (Associação Metropolitana de Esportes Amadores), e não incluir o Vasco na comissão organizadora, com a justificativa de que este não possuía estádio próprio. O Vasco ainda tentou participar do campeonato, porém, teve uma série de inscrições de jogadores negadas, além de ter sido deslocado para jogar com equipes não-fundadoras da nova associação. Dessa forma, o clube português acabou não aceitando as condições e voltou a participar dos campeonatos da Liga Metropolitana e, justapostamente, iniciou a construção do estádio de São Januário.

Desse modo, no ano seguinte, convidado pela entidade, o Vasco voltaria à AMEA, pois o clube possuía prestígio, torcida e o maior estádio do Rio de Janeiro, além de que, os dirigentes necessitavam do clube para a popularização e divulgação do esporte, ao passo que o teriam em suas rédeas. O baque dos elitistas no Rio, ainda teria dois grandes incidentes: a vitória do modesto São Cristóvão no campeonato, no ano de 1926, e do próprio Vasco, em 1929 (Proni, 2000:110).

Assim, Caldas (1994) conclui que o fato de o futebol ser reconhecido como uma atividade esportiva para amadores, até o início de 1930, era equivocado. “Do ponto de vista jurídico isto era uma farsa. Era esconder a realidade e a falta de ética profissional por trás da formalidade da lei e de suas imperfeições. Era este o quadro do futebol brasileiro até o início dos anos 30” (Caldas, 1994:44). Isto é, os limites entre o profissionalismo e o amadorismo no futebol brasileiro sempre foram obscuros e difíceis de serem delineados, visto que as práticas realizadas pelos clubes e as teorias defendidas por eles eram totalmente opostas.

Em São Paulo, os conflitos acerca do futebol elitista ocorreram de forma semelhante, em que os clubes elitizados – Paulistano, Internacional, Germânia entre outros – racharam com a APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos), associação até então responsável pelos campeonatos, e fundaram a LAF (Liga Amadora de Futebol). Porém “a insistência em manter o futebol amador em circunstâncias inteiramente adversas, uma vez que a APEA, apesar de em tese pregar o amadorismo, na prática já deixava que os clubes e jogadores

praticassem o profissionalismo” (Caldas, 1990:129). Caldas afirma, ainda, que a LAF acabaria tendo insucesso devido a:

O primeiro, a insistência em manter o futebol amador em circunstâncias inteiramente adversas, uma vez que a APEA, apesar de em tese pregar o amadorismo, na prática, já deixava que os clubes e jogadores praticassem o profissionalismo[...] Em São Paulo, muito mais do que no Rio, o profissionalismo avançava de forma irreversível.

Mas há um segundo fator que não deve ser desprezado, cuja causa tem a ver com a economia do país [...] O senhor Antonio Prado Júnior, fazendeiro, exportador de café e presidente da LAF, vira suas economias abaladas com a situação econômica do país. Isso, sem dúvidas, refletia na LAF, uma associação sustentada com o dinheiro dos aristocratas do café. Assim, o fato desta entidade ter encerrado suas atividades em 1929, não é apenas uma coincidência de datas [...].

O terceiro, embora já implícito, vale a pena esmiuçar um pouco mais. Trata-se da questão do elitismo. Nesse aspecto, a LAF, já estava completamente defasada em relação ao que acontecia no futebol paulista. [...] a LAF não podia mesmo sobreviver, independente do aspecto político e institucional de nunca ter conseguido sua oficialização junto a CBD (Caldas, 1990:128-130).

Complementando este pensamento, Proni (2000:111) ainda menciona que, paralelamente a tudo isto, a alta taxa de inclusão de jogadores de classes sociais baixas abriu brecha para a transição amadorismo/profissionalismo e marrom/profissionalismo. A consolidação do modelo profissional aconteceria em pouco tempo, após esses acontecimentos, pois alguns clubes de grande popularidade, entre eles o Corinthians, retornariam a APEA, consolidando o início do profissionalismo em São Paulo (Negreiros, 1992).

Já na região sul do país, especificamente no Rio Grande do Sul, o futebol, desde seus momentos iniciais, esteve baseado em conflitos de resistências étnicas. Para se ter uma ideia da complexidade das diferenças sociais vivenciadas, apenas em 1930, o Internacional Sport Club aceitaria negros em seu plantel e o seu rival, o Grêmio Porto-alegrense, apenas em 1950. No início dos desenvolvimentos das ligas e campeonatos locais, havia três divisões distintas: a Liga do Sabonete, para elementos da mais alta sociedade; a Liga do sabão, para a classe média e pequenos comerciantes; e a Liga da Canela Preta, para jogadores negros, que não eram aceitos em outras equipes (Anjos, 2007:42). Assim, na historiografia sobre o futebol sul rio-grandense, não encontramos discussões sobre a questão do semiprofissionalismo daquela região, visto que a segmentação social era muito aguda.

No que se refere à cidade de Curitiba, não há grandes indícios, na ainda pequena historiografia do futebol paranaense, da prática do semiprofissionalismo ou profissionalismo marrom. A única passagem que encontramos a este respeito

pertence ao estudo de Capraro (2002:67), ao investigar o ambiente social-esportivo do início do século XX.

Em seus estudos, o autor encontra em uma de suas fontes a presença de um negro, jogador do Internacional Sport Club, porém, Capraro descarta a possibilidade de que esse caso, ainda isolado na historiografia do futebol paranaense, seja tratado como pertencente ao início do processo do semiprofissionalismo ou profissionalismo marrom no futebol local. Para ele,

Esta categoria viria a se consolidar apenas na década de 1930 e a historiografia remete os primeiros casos de favorecimentos à jogadores de futebol somente à meados da década de 20. Seria imprudente então, com apenas este pequeno indício, concluir que no Paraná, em 1914, ocorria prematuramente o processo de transição entre o futebol amador e o futebol profissional. A tensão entre as duas práticas ainda estava para ocorrer. Por enquanto, na década de 10, o predomínio do amadorismo era inquestionável. Soberanas, as elites (inclusive as étnicas) conduziam os esportes em clubes restritos. Como já afirmado, o futebol tinha uma dupla função interligada: o lazer e a tentativa de aprimoramento civilizatório, no caso das elites (Capraro, 2002:69).

Como Capraro, acreditamos que na década de 10 ainda havia a predominância do amadorismo no futebol, cujos principais clubes e entidades regulamentadoras estavam sob a administração elitista, a qual propagava o ideal amador do esporte. Essa situação mudaria em meados da década de 20, quando, devido à necessidade de qualificação técnica, surgiria uma grande quantidade de casos de favorecimento de jogadores. Porém, acreditamos que um indício, ainda que aparentemente único, já nos permite considerar que poderiam ocorrer alguns casos, mesmo que de forma isolada, de pagamento de benefícios a alguns jogadores. Assim, o possível aparecimento de alguns casos romperia com a lógica do futebol brasileiro até o presente momento, visto que a historiografia desse esporte no país retrata o processo de semiprofissionalismo no eixo Rio - São Paulo apenas para o início dos anos 20.

Partindo-se da situação exposta a respeito do semiprofissionalismo, a presença de três atletas que não eram efetivamente sócios do Coritiba aumenta as suspeitas de que já poderia estar acontecendo o pagamento de benefícios a alguns atletas do futebol paranaense. Sabendo que, no ano de 1916, esses jogadores não obedeciam à ética amadora, em que os atletas participariam do quadro associativo do clube, faz-se necessário analisar cada um destes atletas separadamente.

O primeiro dos jogadores que analisaremos é José Bermudes, também conhecido como Maxambomba⁴. Conforme já relatamos, Bermudes não se encontra registrado na condição de sócio do Coritiba. Entretanto, notamos que, a partir do mês de novembro de 1915, Maxambomba foi titular da equipe do Coritiba, permanecendo até o ano de 1917. A única informação oficial que possuímos a respeito de José Bermudes está nos registros de pagamentos do clube. Consta, ainda, a partir do mês de novembro, o pagamento de pensão no valor de 120\$000 (cento e vinte mil contos de réis), além de algumas ajudas de custo que variavam, não sendo fixas ou rotineiras. Estas ajudas de custo eram normalmente relatadas como despesas com almoço, despesas com jantar, refeição e pagamento de alojamento. Como não havia periodicidade dessas outras despesas no livro caixa do clube, não se pode afirmar se elas aconteciam em outros momentos ou simplesmente não eram lançadas na contabilidade oficial.

Mesmo sabendo que não era comum, para o período, a presença de jogadores profissionais, ou semiprofissionais, o jornal A GAZETA (jornal da cidade de São Paulo) em 1943 já descrevia a vida do “famoso” jogador, demonstrando que Bermudes utilizou o futebol como meio de sobrevivência durante algum tempo de sua vida.

Maxa foi um verdadeiro bandeirante da Bola – suas aventuras poderiam ser Romanciadas

José Bermudês foi o ‘Maxambomba’ ou ‘Maxa’, um verdadeiro bandeirante do nosso futebol, o mais ‘tagarella’ do ‘cracks’ do passado. Suas aventuras poderiam ser romanceadas... Maxa tinha o futebol no ‘sangue’. Começou na várzea em 1914 estreava na Liga Paulistana porem logo Minas Gerais lhe atraía. Mas naquele tempo jogar na várzea era melhor – por isso Maxa preferia ser Galo nos clubes da terra vermelho. Todavia em 1915, foi para Coritiba e revolucionaria o futebol paranaense ainda em seus primeiros passos. Maxa renovou o estilo e a técnica dos campeões de Coritiba, foi um verdadeiro mestre, um ‘crack’ padrão, nunca tinham visto um jogador com tanta perfeição! Pode calcular o ídolo que foi. [...] Maxa não demorou muito no Paraná. Voltou para São Paulo... Outra vez para a várzea, no Lyra, no Cruzeiro do Sul até que o levara para o Palmeiras com Alexy e Tuffy... (A Gazeta, 23 De Outubro De 1943).

Como descreve o periódico, a trajetória de Maxabomba no futebol não se restringiu apenas ao Coritiba, passando também por clubes de Minas Gerais e São Paulo. A fonte nos revela, ainda, que no período era mais vantajoso jogar na

⁴ O apelido Maxambomba ele recebeu graças a uma jogada característica, em que dominava a bola, andava como se estivesse marchando e desferia um fortíssimo chute, uma bomba, que geralmente resultava em gol. Maxambomba era uma pequena locomotiva urbana utilizada em transporte de passageiros.

várzea paulistana – visto que os torneios oficiais eram de ordem amadora e, na várzea, já se jogava por dinheiro. Ou seja, mesmo que ainda não houvesse uma situação clara e estabelecida de pagamento de benefícios a jogadores, isso já ocorria, mesmo que, possivelmente, de forma um tanto quanto oculta e em uma quantidade ainda reduzida.

A fonte ainda denomina José Bermudes de bandeirante, numa franca analogia à essa categoria que viajava em busca de riquezas minerais. Ou seja, provavelmente Maxambomba trocava de cidade ou de clube de acordo com os benefícios que recebia. À medida que ia jogando e, provavelmente, demonstrando uma condição técnica que o diferenciava dos demais jogadores e, conseqüentemente, deixasse seu clube mais perto da vitória, novas equipes o convidavam para jogar e, é claro, sempre oferecendo uma condição melhor.

Outro jogador que se encontrava em condição similar era Ricardo Thiele. Os indícios que encontramos sobre Ricardo Thiele em nossas fontes também são poucos, porém, bastante contundentes. Assim como José Bermudes, Thiele não fazia parte do quadro de sócios do Coritiba. Analisando o livro de propostas de sócios e o de sócios efetivados, observamos que Thiele não está inscrito.

Os únicos indícios que temos de Ricardo Thiele, do mesmo modo que Bermudes, estão nos documentos do clube – no Livro Caixa do Coritiba. A partir do mês de novembro de 1915, aparece na relação de pagamentos mensais uma pensão de 120\$000 (doze mil contos de réis) paga ao jogador, junto a mais algumas despesas, como jantares e almoços, ou, ainda, algo como “mais uma pensão”, em alguns meses.

O pagamento de “pensões” ou “salários”, neste período do futebol brasileiro, era algo incomum. Geralmente, o pagamento de ajudas durante o período do profissionalismo marrom no eixo Rio-São Paulo era feito por meio da oferta de emprego aos jogadores, em empresas dos dirigentes, como funcionários “fantasmas”. E, como sabemos, até o momento os atletas que não fossem amadores estavam proibidos de participar dos jogos dos principais campeonatos. O futebol “oficial” era voltado aos indivíduos como forma de lazer, deixando para os trabalhadores o futebol de várzea (Negreiros, 1992). No futebol do Paraná, especificamente, não encontramos estudos sobre como se deu esse processo, devido à ainda pequena historiografia do futebol local. Entretanto, seguia-se uma regra diversa, visto que, pelo observado nos casos José Bermudes e Ricardo

Thiele, era realizado o pagamento de benefícios diretos como alimentação, pensão, hospedagem.

O terceiro caso é o do atleta Natálio dos Santos. Ao contrário dos dois jogadores anteriores, cujos indícios aparecem nos documentos oficiais, as únicas informações que encontramos estão em duas fotografias do acervo do clube. Assim como Bermudes e Thiele, Natálio dos Santos não se encontra entre os sócios do Coritiba, embora tenha sido titular da equipe do Coritiba nas temporadas de 1915 e 1916.



Fonte: Acervo do Coritiba Foot Ball Club – Data: 1916

A imagem retrata Roberto Naujocks sentado, com Fritz Essenfelder e Natálio dos Santos (em destaque verde) em pé. É possível afirmar que há mais alguém sentado ao lado de Naujocks, mas esse quarto indivíduo não aparece por completo na fotografia (que se encontra recortada lateralmente). Todos, inclusive

a pessoa que aparece parcialmente na foto, estão trajados a rigor, com smokings pretos, camisas brancas, gravatas escuras e sapatos. O fato mais importante desta fotografia é observar o jogador Natálio dos Santos, em destaque – um atleta de características mestiças (cor da pele e cabelo). Se, até o momento, o Coritiba poderia ser tratado como um clube elitista, a presença de um mestiço entre seus jogadores quebraria tal paradigma, ou acentuava ainda mais a presença de alguns casos de pagamento de benefícios e a participação de pessoas que não atendiam ao requisito de pertencer a camadas sociais mais elitizadas, chamado *profissionalismo marrom* no clube.



Fonte: Acervo do Coritiba Foot Ball Club – Data: 1916

A fotografia mostra os jogadores do Coritiba e do América perfilados em três fileiras, tendo como pano de fundo uma construção. Os jogadores do Coritiba, de branco, são: em pé – Adolfo Naujoks, Handschick e Carlos Glaser; ajoelhados – Agnelo, Ricardo Thiele e Natálio Santos (assinalado com o número 2); sentados – Max, Ritzmann, Maxambomba, Kurt Frederich e César. À frente da fileira de jogadores sentados no chão, bem centralizada e em destaque, está a bola do jogo.

Possivelmente, a fotografia foi tirada após a partida entre as duas equipes, visto que alguns atletas estão com as roupas sujas e com as camisas por fora das calças. O time do Coritiba estava trajado com camisas brancas, gravatas escuras (não sendo possível afirmar a cor), calças e meias pretas. Os jogadores do América, por sua vez, estavam com camisas escuras (não sendo possível afirmar a cor) com um distintivo, carregando as iniciais A.F.C., bordado ao lado esquerdo

da camisa, na altura do peito; usavam calças brancas e meias escuras. A importância desta foto é a comprovação de que o jogador Natálio dos Santos realmente era parte integrante do time do Coritiba, visto que Santos está trajado com as roupas para o jogo.

Ainda que estes novos indícios da presença de pagamento de benefícios a alguns jogadores (Maxambomba e Ricardo Thiele), bem como a de um atleta de traços mulatos (Natálio Santos), seria prematuro afirmar categoricamente que neste momento já existia uma condição de semiprofissionalismo no futebol paranaense. Porém, fica evidente que já existia, pelo menos no Coritiba, a busca por qualificar seu elenco. Provavelmente, tal situação acontecia pelo fato de as disputas locais se otimizarem e a necessidade de qualificar o elenco fosse mais evidente. O clube que conseguisse sagrar-se campeão possuía a hegemonia do futebol local, logo, estaria à frente da configuração local, o que necessariamente também exigia um time de melhor qualificação técnica.

Finalmente Campeão!

O Coritiba só ganharia seu primeiro título em 21 de janeiro de 1917. Após terminar campeão do torneio organizado pela APSA, o clube disputaria com o Britânia, campeão da LSP, o título máximo do ano de 1916. O jogo seria realizado no campo do Prado, pois o Britânia ainda não possuía local próprio e o Coritiba construía seu novo *ground*. Mais do que a disputa pela hegemonia do futebol local, naquele ano este jogo consolidaria a unificação em uma única entidade que regulamentaria o futebol local:

Pelas notas acima os leitores verão o benefício da fusão da Associação Paranaense de Sports Atheticos com a Liga Sportiva Paranaense. Para noense trouxe para o engrandecimento do desporto paranaense. Segundo informações que colhemos, realizar-se-a no próximo domingo um importantíssimo match entre as equipes do Britania e do Coritiba, os dois campeões de 1916. Como é fácil de se prever será um match dos mais sensacionais, por isso que os disputantes são os mais fortes teans do Estado, provando isso a brilhante conquista da das duas taças dos campeonatos da A.S.P.A e L.S.P. Esse match realizar-se-á no próximo domingo, 21 do corrente (Diário Da Tarde, Curitiba 17 De Janeiro De 1917).

Assim era anunciada a grande final que aconteceria no domingo seguinte, no qual: “Perante a uma assitencia elevadíssima realizou-se, hontem, o anunciado e sensacional match entre os dois campeões de 1916: - Britania e

Coritiba [...] O match terminara com vitoria do Coritiba pelo score de 2 x 1” (DIÁRIO DA TARDE, CURITIBA 23 DE JANEIRO DE 1917).

Terminava, então, a temporada futebolística de Curitiba no ano de 1916, cheia de entremeios, porém estabilizada. O Coritiba, que conseguira ser campeão nesta temporada, consolidava-se como um clube de futebol a partir do título, da construção de seu estádio próprio e da “aceitação” do público.

CONCLUSÃO

Neste momento de concluir, avaliamos que o ponto final ainda é distante pois, à medida que a pesquisa de desenrola vamos encontrando mais e mais opções e possibilidades de pesquisa. Entretanto, pela delimitação do tema, fixamos os esforços em questões previamente estabelecidas. É também neste momento, que entendemos que o leitor, ao longo do trabalho, já pôde tirar algumas conclusões próprias.

Se, primariamente, um grupo de conhecidos iniciou a prática do jogo de bola no clube do qual eram sócios (Teuto-Brasileiro), em rápidos instantes, esse mesmo grupo de pessoas, somados a outras, fundariam o primeiro clube específico para a prática do futebol, em Curitiba. Assim, o processo de aparecimento e fixação do futebol de clubes na cidade teve, em grande parte, a participação e a influência de fundação do Coritiba Foot Ball Club. Portanto o surgimento do Coritiba e a fixação do futebol no cenário esportivo local, até então dominado pelo turfe, acontecem de forma paralela. Assim o turfe que já estava instituído localmente como esporte e possuía uma estrutura necessária para suas práticas, acaba sendo no primeiro momento o suporte (principalmente no que diz respeito ao local) para o futebol realizar suas atividades.

No momento em que acontecem as primeiras partidas de futebol há um misto de curiosidade e desconfiança por parte dos cronistas que faziam a cobertura jornalística, e automaticamente da população que acompanhava o novo esporte. Com a formação do Coritiba e a disputa de um maior número de jogos e ainda posteriormente a fundação de uma entidade regulamentadora e de campeonatos, o esporte passa a ser observado por outros olhos por esses cronistas e automaticamente também pela população. A consolidação do futebol no cenário local fez ainda que fosse surgindo aos poucos o campo da crônica esportiva. Esta que inicialmente buscava no futebol primeiramente algo muito próximo do colunismo social, passa a especializar-se esportivamente e fixar uma coluna no jornal local.

A manutenção do clube após sua fundação passou necessariamente pelo surgimento de outras agremiações. Após um início bem sucedido, com uma grande movimentação principalmente para as disputas de jogos contra o time da cidade Ponta Grossa e a realização de festivais internos, aos poucos o clube caia

no ostracismo, fruto principalmente da falta de times adversários para disputas. Com o surgimento de outros clubes e dos campeonatos o clube volta a cena novamente, tendo suas atividades realizadas.

Respondendo a pergunta problema, que permeou e direcionou este trabalho, podemos dizer que a fundação do Coritiba Foot Ball Club também fez parte do processo de modernização da Curitiba republicana, no início do século XX. Entre *bonds*, energia elétrica, modernização da urbe, telégrafo, telefones e todas as demais transformações ocorridas na cidade até ali, aconteceram, também, o aparecimento dos clubes esportivos, dentre eles os de futebol, tendo sido o Coritiba um dos primeiros a se consolidar na formação do espaço público de Curitiba. Assim, dentro do esforço civilizador que as cidades brasileiras viviam, entendemos que a fundação do clube fez parte deste processo; não como algo planejado, mas acreditando que a mesma então era fruto da série de acontecimentos momentâneos.

Ainda especificamente sobre o momento da fundação do Coritiba Foot Ball Club, Fritz Essenfelder não foi o “pai fundador” do futebol em Curitiba, como afirmam muitas versões memorialistas. A instituição do clube foi, na verdade, fruto da junção de inúmeros fatos e personagens que, naquele momento o fizeram. Quebra-se, também, o *tabu* que sempre existiu acerca de o Coritiba ter sido um clube de “alemães ricos”. Não era apenas de alemães, mas de suíços, austríacos, dinamarqueses, entre outras origens étnicas, dentro de uma característica que os ligava, a de serem comerciantes ou industriais. Dessa maneira, podemos observar que o Coritiba foi de início um clube que agregou os mais variados descendentes étnicos, mas de uma mesma característica sócio econômica. O Coritiba, como todos os clubes, no momento não restringia suas atividades a uma atividade específica (no caso o futebol), mas a ser uma configuração e/ou espaço de sociabilização de um grupo de pessoas que se agregava por indicadores comuns, sendo o principal deles o futebol.

Sobre as pessoas responsáveis pela formação do clube, podemos observar que, em alguns momentos, suas funções sociais, fora do contexto clubístico, acabam confundidas com suas posições, como jogadores ou dirigentes do clube. Certamente, fato este estimulado por que o futebol, naquele momento, ainda era algo amador, não tendo atletas que sobrevivessem apenas dele aparentemente. Portanto, os indivíduos apresentavam a necessidade de

aproximar as questões clubísticas das pessoais. Entretanto à medida que novos clubes aparecem e as disputas de campeonatos se intensificam começavam a surgir, aos poucos, alguns casos de atletas que recebiam benefícios para jogar futebol.

Se, quando o clube surge, o futebol ainda não despertava o fator “pertencimento”, como no início das primeiras competições oficiais com uma entidade regulamentadora, esse sentimento clubístico surge aos poucos. Fato este que pode ser demonstrado na presença de jogadores, por parte do Coritiba Foot Ball Club, numa atitude que denominamos profissionalismo marrom.

Por fim, deixamos a certeza de que muitas questões nele levantadas, ou que a partir dele poderão surgir, abrirão novas temáticas para a historiografia do futebol brasileiro. Infelizmente, ainda que crescente, a participação da “academia” no futebol é pouca, porém nela pode estar à valorização e moralização do futebol brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ACKEMANN,R. **The Book of Sports British na Foreign**. London:Recap, 1843
- ANJOS, J.L.dos. Futebol no Sul: historia da organização e resistência étnica. **In: Revista Pensar e Prática**. UFRGS, vol.10,nº1, pags.33 a 50, 2007
- ARAÚJO, J.R. de C. **Imigração e Futebol: O caso do Palestra Itália**. São Paulo: Sumaré: FAPESP, 2000
- AGUSTINI, M. de S. P. **Raízes Históricas da Ginástica em Joinville**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Santa Catarina, 20002
- BACELLAR,C. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKI,C.B. **Fontes Históricas**.São Paulo: Contexto, 2005
- BENVENUTTI, A.F. **As reclamações do povo na Belle Epoque, a cidade em discussão na imprensa curitibana (1909-1916)**. Dissertação (2004) (Mestrado em História) UFPR
- BOTELHO,A.M.R. **Da Geral a Tribuna, Da redação ao espetáculo. A imprensa esportiva e a popularização do futebol no Rio de Janeiro (1984-1919)**. Dissertação (2005). (Mestrado em História) UFRJ
- BURKE, P. **A Escrita da História Novas Perspectivas**. São Paulo:UNESP,1992
- _____. **Testemunha Ocular: História e Imagem**. Bauru,SP:EDUSC, 2004
- CARDOSO, F. G. **História do Futebol Paranaense**. Curitiba:Grafipar, 1978
- CARRANO, P. C. R. (Org.). **Futebol paixão e política**. Rio de Janeiro: DB&A, 2000
- CAPRARO, A.M. **FOOTBALL, UMA PRÁTICA ELETISTA E CIVILIZADORA – investigando o ambiente social e esportivo paranaense do início do século XX**. Dissertação (2000).(Mestrado em História). UFPR
- CAPRARO, A.M. **Identidades Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX**. Tese (2008)(Doutorado em História). UFPR
- CARDOSO,F.G. **A vida do Coritiba Foot Ball Club e o Desporto Paranaense**. Sem Edição, 1944
- CARVALHO,D.A. **Das casas de pastos aos restaurantes:os sabores da velha Curitiba (1890-1943)**. Dissertação (2005) (Mestrado em História) UFPR
- CHAVES, M. de L. M. **Voltando ao Passado. Histórico de determinadas Indústrias e Casas Comerciais de Curitiba**. Curitiba: Graf. Vitória, 1995

COELHO, V & NETO, C. **O CAMPEONÍSSIMO - A TRAJETÓRIA DE EVANGELINO NEVES**. Curitiba: Coração Brasil, 2003

COERTJEASN, M; GUAZZELLI,C.B; WASSERMAN, C. CLUB DE REGATAS GHAHYBA-PORTO ALEGRE: O NACIONALISMO EM REVISTAS ESPORTIVAS DE UM CLUBE TEUTO BRASILEIRO. **REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**, São Paulo, v.18,p.249-62, 2004

COSTAS, M.R. **Futebol: espetáculo do século**.São Paulo, Musa,1999

DAMATTA, R. **A Bola Corre Mais que os Homens**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006

DAMO, Arlei. **“Ah! Eu sou gaúcho!...” Parece mais um gritinho histérico, mas é isso mesmo**. Localizar em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/260.pdf>

DAOLIO, J.(Org.). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005

DIÁRIO DA TARDE. Curitiba, 1900-1916.

DUNNING, E. **El fenómeno Deportivo: estudios sociológicos em torno al deporte, la violência y la civilizacion**. Barcelona: PAIDOTRIBO, 2003

ELIAS,N. **Introdução à sociologia**. Portugal: Edições 70, 1980

_____. **Processo Civilizador 2v**. Rio de Janeiro: Zahar,1994

_____. **A busca da excitação**. Rio de Janeiro: Difel,1997

ESSENFELDER,E. **A História dos Pianos Essenfelder**. Curitiba:s/Ed, 1982

FREITAS JR. M.A de. **ADMINISTRAÇÃO FUTEBOLÍSTICA EM EQUIPES DE PEQUENO PORTE: um estudo sobre o Operário Ferroviário Esporte Clube**. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sórias Aplicadas), UEPG, 2001

FRANCO JR, H. Entrevista concedida a Adriano Schwartz. **Folha de São Paulo**. Caderno +mais. São Paulo, 12 de agosto de 2007

FRANCO JR, H. **A Dança dos Deuses**. São Paulo: Cia das Letras, 2007
GESTALDO,E.;GUEDES, S.L(Orgs). **Nações em Campo. Futebol e Identidade Nacional**. Niterói: Intertexto, 2006

GEOUSSINSKY, E. O. **Coritiba Foot Ball Clube** - Emoção Alviverde. São Paulo: Comércio de Livros Ltda, 2000

GUEDUES,S.; GASTALDO,E. **Nações em Campo, Copa do Mundo e Identidade Nacional**. Niterói: Intertexto, 2006

HELAL, R. **Passes e Impasses**. Petrópolis: Vozes, 1997

HISTÓRIA: questões e debates. Curitiba,PR: Ed. Da UFPR, ano 20, n.39, jul/dez 2003

HOERNER JUNIOR, Valério. **Curitiba 1900**. Curitiba: Curitiba, 1943, p.49

JESUS, G.M de. Construindo a Cidade Moderna: a Introdução dos Esportes na Vida Urbana do Rio de Janeiro. **Revista Estudos Históricos**. nº23, 1999, págs 19-29

JESUS, G.M de. Imigrantes Desportistas: os Alemães no Sul do Brasil. In: **Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociales**. Universidade de Barcelona, nº94, 1 agosto de 2001

HAMILTON, A. **Um jogo inteiramente diferente! futebol: a maestria brasileira de um Legado Britânico**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

LUCENA, R. de F. **O Esporte na cidade: aspctos do esforço civilizador brasileiro**.Campinas: Autores Associados, 2001

MACHADO, H; CHRESTENZEN, L. M. **Futebol Paraná História**. Curitiba: Grafipar, 2005

MAGALHÃES, M. B. **Paraná: Política e Governo**. Curitiba:SEED,2001

MAGALHÃES, M. B. **Pangermanismo e Nazismo A trajetória alemã rumo ao Brasil**. Campinas: Unicamp, 1998

MAUAD, A.M. Na mira do Olhar: um exercício de análise fotográfica nas revias ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX.In: **Anais do Museu Paulista : História e Cultural Material**. USP, Museu de São Paulo. v.13, n.1 (jan./jun. 2005)

Mazza, L. G. 1909 A descoberta da bola. **Revista CORI70**. Rio de Janeiro: Gazeta da Noticia,s/n

MAZO, J.;GAYA,A. As associações desportivas em Porto Alegre, Brasil: espaço de representações da identidade cultural teuto-brasileira. **REVISTA PORTUGUESA DE CIENCIA DO DESPORTE**. Vol.6, pags 205-213

MELO,V. **A Cidade Sportiva. Primórdios do esporte no Rio de Janeiro.**Faperj: Rio de Janeiro, 2001. d

MEZZADRI, F. M. **A ESTRUTURA ESPORTIVA NO ESTADO DO PARANÁ: DA FORMAÇÃO DOS CLUBES ESPORTIVOS ÀS ATUAIS POLÍTICAS GOVERNAMENTAIS.** Tese (2000). (Doutorado em Educação Física) Universidade Estadual de Campinas, Unicamp

MOLETTA JR,C.L. Jockey Club do Paraná, considerações (variadas) sobre a sociedade no Prado Guabirota. **In: EfDeportes.com Revista Digital.** Buenos Aires. Ano 9,nº.67, Dezembro de 2003

NADALIN, S.O. **Paraná: Ocupação do Território, População e Migrações.** Curitiba: SEED, 2001

NADALIN, S. O. **Clube Concordia : 1869-1969.** Curitiba: s.n., 1972.

NEGREIROS, P.J.L. **Resistência e rendição – a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo, 1910-1916.** São Paulo, 1992. Dissertação (Mestrado em História), PUC-SP

OLIVEIRA, R. C. **O Silêncio dos Vencedores. Genealogia, Classe Dominante e Estado do Paraná.**Curitiba: Moinho do Verbo, 2001

OLIVEIRA, L. L. **O Brasil dos imigrantes.** São Paulo: Jorge Zahar, 2001.

PINSKI,C.B. **Fontes Históricas.**São Paulo: Contexto, 2005

PRONI, M; LUCENA, R. **Esporte história e sociedade.** Campinas, Autores Associados,2002

PEREIRA. M.A.M. A cidade de Curitiba no discurso de viajantes e cronistas do século XIX e início do século XX. **In:Revista de História Regional.**Ponta Grossa,nº1, 1996

PEREIRA, L. A. de M. **Footballmania - uma história social do futebol do Rio de Janeiro (1902-1938).** Campinas, 1998. Tese (Doutorado) – Unicamp.

REIS, H.H.B. **Futebol e Sociedade.**Brasília:Líber Livros, 2006

REVISTA USP. **Futebol** São Paulo: Editoria da Universidade de São Paulo, Junho a Agosto de 1994.

RIBEIRO, L.C. **Futebol e Globalização.** Jundiaí: Fontoura, 2007

RIBEIRO, L. C. . Violência e civilização. In: IX Simpósio Internacional Processo Civilizador, 2005, Ponta Grossa. **Anais do IX Simpósio Internacional Processo Civilizador**. Ponta Grossa : UFTPR, 2005.

RIBEIRO, L.C. O Futebol no Campo Afetivo da História. In: **Movimento, Revista de Educação Física da UFRGS**. nº. 3 (setembro/dezembro 2004)

RIBEIRO, L.C. Futebol e identidade nacional. *Lecturas educacion física y deportes* (Buenos Aires), Buenos Aires, v. 56,n. 8, 2003

RIBEIRO, L. C.. **Historiografia do futebol brasileiro nos Anais do "Encontro de História"**. In: VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, 2000, Gramado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000

RIBEIRO, L. C. **Metodologia para uma história da formação do futebol profissional (1900-1945)** In: VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 1998, Rio de Janeiro. VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Rio de Janeiro : Editora Central da Universidade Gama Filho, 1998. p. 127-138

RIBEIRO, L.C. **Memória, trabalho e resistência: (Curitiba, 1890-1920)**. São Paulo, 1985. Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo

RIBEIRO, L.C. **História e Memória do Futebol**. Curitiba: mimeog., 2005

RIBEIRO, LC. **História e Historiografia do Futebol Brasileiro**. Curitiba: mimeog., 2005

SEVCENKO,N. O Prelúdio Republicano astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, F.A. (Coord). **História da Vida Privada no Brasil**.Vol.3. Republica: da Bella Épouqe à era do Radio. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SELLES. J.G. do C.; SOARES,A.J.G. O amodrismo em crise – A vitória do clube de regatas Vasco da Gama no campeonato estadual de 1923. In: **Anais Digital do X Congresso Brasileiro de História do Esporte, Educação Física, Lazer e Dança**. Curitiba,2006

SOARES, A. J. G.; LUVISOLO, H. Futebol e nacionalismo: questões de História. In: **ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA**, 4., 1997, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte:[s.n.], 1997.

_____. Racismo contra o vasco e a fundação da AMEA: uma história de identidade. In: **COLETÂNEA DO CONGRESSO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA**, 6., 1998, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Gama Filho, 1998.

TOLEDO, L.H. **No país do Futebol**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001

TRINDADE, E. M. de C. **Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira Republica**. Curitiba: Fundação Cultural, 1996

TRINDADE, E. M. de C. **Cultura e Educação no Paraná**. Curitiba: SEED, 2001

VASCO, E.S. **A Cultura do Trabalho na Curitiba de 1890 a 1920**. Dissertação (2006). (Mestrado em História). UFPR

VECHIA, A. Concepções Educacionais germânicas transplantadas para Brasil: os espaços educacionais germânicos em Curitiba de 1853 a 1889. In: **Anais do VII Congresso Luso Brasileiro de História da Educação**. Porto. 20 a 23 de junho de 2008. Universidade do Porto.

VICTOR, N. **A terra do Futuro**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996

WILLEMS, E. **A Aculturação dos Alemães no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1980

Sites da Internet

(<http://www.cervejasdomundo.com/Brasil5.htm>. Acesso em 09/07/2008 às 22:41)

(<http://www.tramz.com/br/ct/ctm.html> Acesso em 31/07/2009 às 21:09)

DOCUMENTOS

Livro Caixa do Curitiba Foot Ball Club – Volumes 1-4

Ata de Instalação do Curitiba Foot Ball Club

Registros de Sócios do Curitiba Foot Ball Club 1910-1920

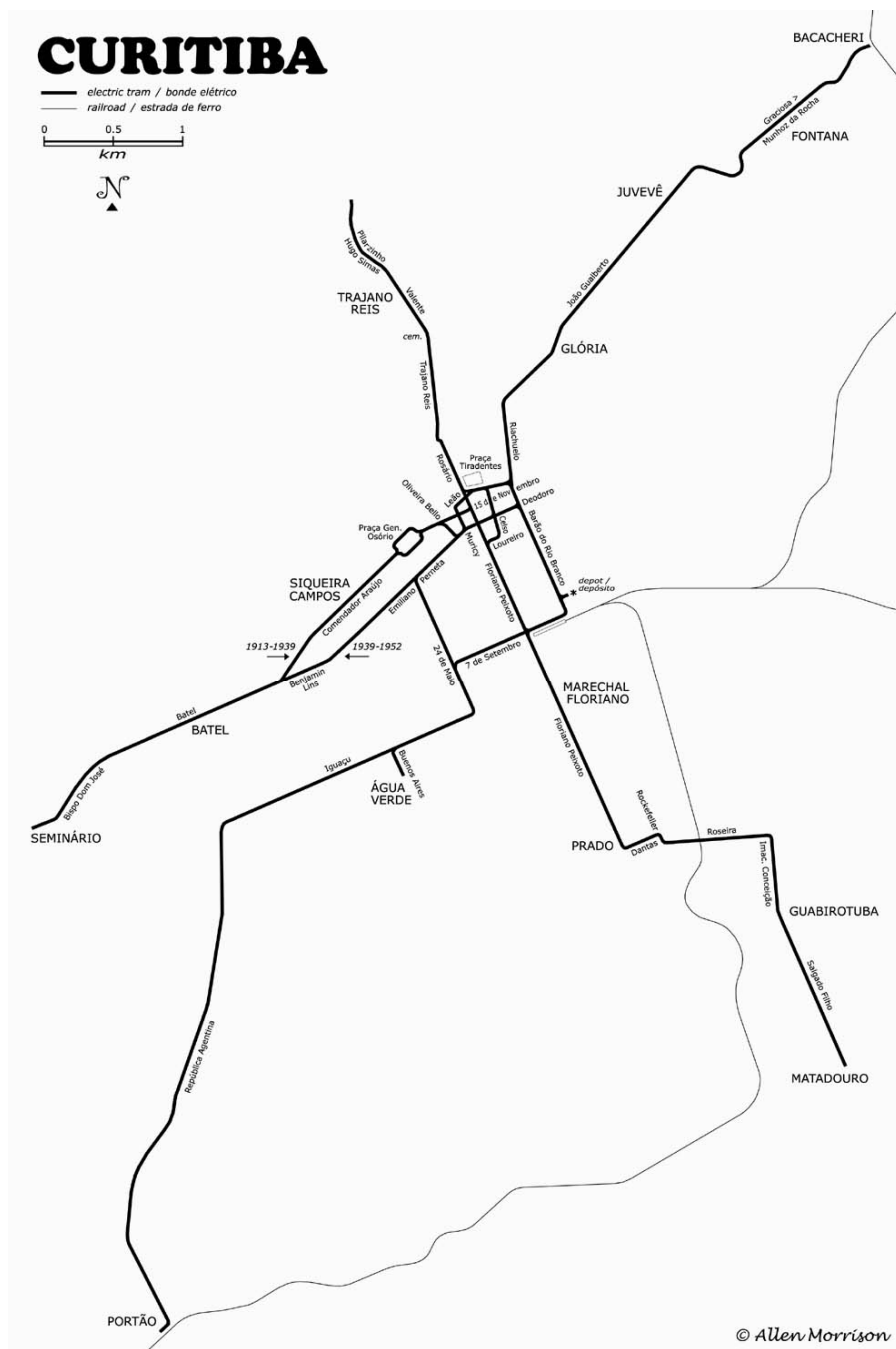
Controle de Mensalidades do Curitiba Foot Ball Club 1910-1920

Fotos dos Acervo do Curitiba Foot Ball Club

ANEXO 1

Adolpho Mueller	Guilherme Mueller	Paulo Ruhle	Francisco Canciani
Albino Amhoff	Gustavo Kopp	Paulo Seegmuller	Guilherme Lindmann
Albino HAstschbach	Gustavo Tupinambá	Paulo Wing	Guilherme Quentel
Albino Hauer	Heitor S. França	Pedro Cunha	Guilherme Weigert
Alcides T. de Carvalho	Helmuth V. Hartnthal	Plínio Carlberg	Hugo Lunkmoss
Alfredo Hauer	Henrique Sanntag	Reinaldo Issberner	João Heins
Alfredo Hoffmann	Horacio P. Vieira	Ricardo Koch	João Vianna Seiler,
Alfredo Muller	Humberto Mattana	Robert Jucksch	Jorge Iversen
Alfredo Perreira	João Bostelmann,	Roberto Emerson	Julio Krochner
Angelino Bassetti	João Cardoso Rocha	Roberto Naujoks	Leopoldo Obladen
Antonio E. Barbosa	João da Costa	Romeu Ribas	Luiz Cunha
Arnoldo Herm,	João Kerner	Theodoro Hey	Luiz Kompatscher
Arthur Bassetti	Joaquim Correia	Viciente Furiatti	Oscar Koehler,
Arthur Correia Lima	Joaquim Neves	Waldemar Hauer	Percy Whinters
Benedito Roriz	José Julio Franco	Walter Hackemberg	Peroslau Hubschner
Bruno Hatschbach	José Madema	Walter V. Hartnthal	Rodolf Kastrup
Bruno Jonhscher	Julio Roehring	Adolf Rickes	Rodolf Sigwalt
Carlos Blencke	Kurt Hermann	Adolpho Carvalho	Sebastião Pacheco
Carlos Franck	Leonardo Oberg	Affonso Weiss	Theodoro Obladen
Carlos Graff	Llio de Lavigne	Alberto Eschoolz	Walter Dietrich
Carlos Hauer	Lothar Bautin	Alexandre Wunder	Frederico Enrich
Carlos Kauchmann	Ludwing Carlos Egg	Alfredo Muller	Frederico Grotte
Carlos Potzscher	Luiz Giglio Junior	Alfredo Weigert	Frederico Koch
Carlos Stephan	Luiz Paiva	Antonio Machuca	Fritz Essenfelder
Edmundo Hey Junior	Luiz Wolf	Arthur Hauer	Germano Shrank
Edwino Drusina	Manoel C. Carvalho	Arthur Iversen	Guilherme Eschholz
Emilio Dietrich	Mas Mullers	Carlos R. de Andrade	Guilherme Lindroth
Ernesto Moura Britto	Max Fatzke	Cornélio A. Hauer	Otavio A. Natel
Euripes Moura	Max Maekow	Décio Boni	Otto Amhoff
Ewaldo Mader	Octavio Eschiavao	Edwaldo Hauer	Otto Hertel
Flavio Macedo	Oscar Mohr	Edwaldo Prefes	Otto Koch
Francisco	Oscar Reffo	Enrique Heilmann	Ernesto Hauer

ANEXO 2



Mapa da Linhas de Bondes em Curitiba 1913

© Allen Morrison